

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

MAURICIO LOIACONO

**IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ORTODOXA RUSSA NO
EXÍLIO EM SÃO PAULO
ETNICIDADE E IDENTIDADE RELIGIOSA
'UM ESTUDO DE CASO'**

**São Paulo
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MAURICIO LOIACONO

**A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ORTODOXA RUSSA NO
EXÍLIO EM SÃO PAULO
ETNICIDADE E IDENTIDADE RELIGIOSA
“UM ESTUDO DE CASO”**

**Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião.**

**Orientador: Prof. Dr. João Baptista Borges
Pereira**

São Paulo

2006

MAURICIO LOIACONO

**A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ORTODOXA RUSSA NO
EXÍLIO EM SÃO PAULO
ETNICIDADE E IDENTIDADE RELIGIOSA
“UM ESTUDO DE CASO”**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientação: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Ronaldo de Paula Cavalcanti
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. John Cowart Dawsey
Universidade de São Paulo

São Paulo

2006

DEDICATÓRIA

À memória de Meus Pais, Vicente e Isabel Loiacono que foram, são e sempre serão a iluminação no caminhar de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus!

Manifesto aqui também os meus agradecimentos àqueles que, de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, fica impossível enumerar todas as pessoas, por terem tido participação diferenciada, às vezes singular, entretanto valiosa.

Ao Orientador Professor Doutor João Baptista Borges Pereira, pela sua dedicação e paciência, e principalmente pela liberdade concedida de seguir os meus objetivos. O senhor foi magnífico em cada um dos momentos.

Aos Professores Doutores, John Cowart Dawsey da Universidade de São Paulo e Ronaldo de Paula Cavalcanti da Universidade Presbiteriana Mackenzie, participantes da Banca, que na fase de Qualificação, através de suas opiniões, comentários e indicações bibliográficas em muito me ajudaram no redirecionamento deste trabalho, pois me apontaram uma estrada segura a qual, com certeza irá coroar de brilho este trabalho..

Ao Departamento de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie que, através de seu magnífico Corpo Docente, sempre me apoiou nesta empreitada quando ainda cumpria os créditos necessários para esse fim.

Aos Reverendíssimos Sacerdotes, Padres Vladimir Petrenko e George Petrenko da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo, pelas valorosas informações prestadas, sem as quais não teria conseguido a conclusão dessa pesquisa que deu origem à dissertação ora apresentada.

Aos meus colegas, agora amigos, mestrandos do Programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie que sempre acreditaram neste trabalho, e que muito me auxiliaram com suas opiniões positivas.

A CAPES pela bolsa concedida.

A minha irmã Claudia e meu cunhado Denilson que sempre acreditaram em um desfecho satisfatório desse trabalho, com suas palavras de incentivo.

A minha noiva Lílian pela paciência quando de meus momentos de tensão e nervosismo durante o desenvolvimento do texto final.

*A todos vocês,
Muito Obrigado*

RESUMO

O presente trabalho tem como tema, A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo.

O desenvolvimento do tema em questão objetivou-se a demonstrar como essa denominação da Igreja Ortodoxa voltada para a Imigração atua junto aos russos que a ela são congregados, não apenas limitando-se a uma relação no espaço sagrado onde estão instalados seus templos para onde os fiéis acorrem nos dias de Liturgia e Festas Santificadas, mais que isso, a sua forma de agir no cotidiano dessas pessoas que fora da Rússia foram obrigadas à reconstrução de sua identidade em um país totalmente estranho para eles.

O texto que ora é apresentado, teve como subsídios uma pesquisa feita junto a sacerdotes dessa Igreja, principalmente o padre responsável pela Paróquia de São Sérgio de Radonej no Bairro de Moema-SP. Além dessas entrevistas concluídas junto aos clérigos, foram realizados ainda nessa pesquisa, trabalhos de observação in loco, participando além das Liturgias Dominicais, em celebrações como a da Páscoa e Festa da Fundação da Paróquia entre outras.

Assim sendo, espera-se que esse trabalho pioneiro em relação ao assunto venha a apresentar-se como uma contribuição para os estudiosos das Ciências da Religião, bem como outros estudos correlatos a Diversidade Religiosa no Brasil.

Palavras Chave: Igreja Ortodoxa. Identidade Religiosa. Etnia.

ABSTRACT

This paper has as a theme the Exile of The Russian Orthodox Apostolic Catholic Church in São Paulo.

The Development of the theme in issue had as objective to demonstrate how this denomination of the Orthodox Church related to the immigration work along with Russians who participate in it, not only limiting a relation in a holy space where they are installed in their temples to which the followers run into in Service Days or Holy Feasts; moreover, its way of leading with daily matters of their followers' lives who away from Russia were obliged to a reconstruction of their identities in a country totally strange to them.

The text that is presented had as resources, a research done along with the priests of this Church mainly responsible of the São Sérgio de Radonej church in Moema, São Paulo; besides the interviews conducted with the clergyman, it was still done in this research activities such as, *in loco* observation work, participation in Sunday Liturgy, in Easter Celebration, and the Foundation of the church Celebration among other festivities.

Therefore, it is expected that this pioneer paper in relation to this matter will be part of a contribution to those studious people of The Religion Science field, as well as other correlated studies to the Religious Diversity Study in Brazil.

Keywords: Orthodox Church. Identity Religious. Ethnic Group.

SUMÁRIO

Introdução _____ 11

Sobre o tema da pesquisa para este estudo _____ 13

I PARTE

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa – Breve histórico e principais características

Capítulo I : O que é a Igreja Ortodoxa _____ 22

Concílios Ecumênicos _____ 24

A liturgia na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa _____ 29

Os ícones _____ 33

O culto a Mãe de Deus na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa _____ 37

Capítulo II : Cisma e Desmembramento da Igreja Ortodoxa _____ 38

Diferenças Dogmáticas, Litúrgicas e Disciplinares entre a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa e a Igreja Católica Apostólica Romana _____ 41

Desmembramento e Dispersão da Igreja Ortodoxa _____ 45

Diáspora _____ 48

Quadro Geral das Igrejas Ortodoxas no Mundo _____ 49

Pluralidade Ortodoxa no Brasil _____ 51

Capítulo III : A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa – Patriarcado de Moscou _____ 53

“A Terceira Roma” ou Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa _____ 55

A Igreja das Catacumbas _____	59
Autoridade Ortodoxa defende a ligação Estado-Igreja na União Soviética _____	60

II PARTE

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio

<u>Capítulo I : Aspectos Históricos</u> _____	64
<u>Capítulo II : A Ruptura entre a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio eo Patriarcado Ecumênico de Constantinopla</u> _____	67
<u>Capítulo III : A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo</u> _____	74
Relação Igreja – Fiéis _____	74
A Paróquia de São Sérgio de Radonej _____	76
O Sagrado e o Profano: Apoio e restrições da Igreja em relação as comemorações não religiosas entre russos ortodoxos no exílio _____	81
Um rebanho que se dispersa _____	85
O Fiel, Sua Postura na Liturgia e a Veneração aos Ícones _____	87
Aspectos Correlatos à celebração da Páscoa na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio _____	91
A Devoção a Virgem Maria entre os russos ortodoxos no exílio _____	98
A Família do Padre: Espelho para a comunidade _____	101
O Trabalho da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em resgatar o rebanho disperso e para a conversão de novos fiéis _____	103
A Igreja Ortodoxa Russa no Exílio e os brasileiros _____	106

Um Momento de Tensão – A Tentativa de reintegração da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio ao Patriarcado de Moscou	110
A Palavra do Bispo Dom Yevitikhyy de Ishim e Sibéria sobre o ideal de reunificação da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio com o Patriarcado de Moscou	112
Síntese das Deliberações do IV Concílio Ecumênico sobre a não reintegração dessa Igreja ao Patriarcado de Moscou	116
Conclusão	121
Referências Bibliográficas	129

Anexos

INTRODUÇÃO

Este projeto insere-se em outro de maior abrangência, coordenado pelo Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira (1), cujo tema é a relação entre Etnia e Religião no Brasil.

Nesse projeto já foram elaboradas outras dissertações de Mestrado, a primeira analisando a presença de protestantes negros em congregação presbiteriana do norte do Paraná, Londrina (2); Uma segunda focalizando a italianidade e protestantismo em ex-núcleo de colonização italiana do pós-guerra no Estado de São Paulo (Pedrinhas Paulista) (3); A terceira orientada pelo Prof. Dr. Antônio Gouveia Mendonça, examinando o relacionamento entre índios e missionários, na missão Caiuá (4). A quarta tematiza a presença de imigrantes italianos na fundação da Congregação Cristã (no) do Brasil, bem como a marca étnica dessa Igreja a partir de seus primórdios (1910) (5). Uma quinta voltada aos missionários presbiterianos coreanos na corrente migratória desse grupo étnico do Brasil, analisando o significado bem como propostas desses membros da Igreja Presbiteriana em sua situação no diversificado e complexo campo religioso (6).

(1) Dr. João Baptista Borges Pereira é antropólogo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP e professor no Programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

(2) TRIGUEIRO NETO, José Martins – “Alvorada: Negros e Brancos numa Congregação Presbiteriana de Londrina – Estudo de caso”. Dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

(3) NASCIMENTO, Jonas Furtado do – “Missão Caiuá: Um estudo da ação missionária Protestante entre os índios Guarani, Kaiowá e Terena”. Trabalho de dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

(4) GOUVEIA, Marivaldo – “Terra Nostra em Mudança: Identidade étnica, Identidade religiosa e pluralismo numa comunidade italiana em interior paulista”. Dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

(5) BIANCO, Gloecir – “Um Véu sobre a imigração italiana no Brasil”. Dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

(6) SANTOS ARAÚJO, Edson Isaac – “Os Coreanos Protestantes na Periferia de São Paulo – Um Estudo de Caso”. Dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

A sexta pesquisa concluída propõe uma leitura psicológica analítica do movimento messiânico Mucker (7), que relaciona esse movimento a imigrantes luteranos alemães.

Ainda nesse projeto estão em andamento mais duas pesquisas: Uma que focaliza a Igreja Reformada Húngara em São Paulo (8), e outra que tem como tema a participação de suecos na implantação da siderúrgica em Sorocaba, a convite de Dom João VI (9).

Em relação ao presente estudo, procura-se revelar a atuação da “Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio”, também conhecida como Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras ou Igreja Ortodoxa Russa, Fora da Rússia, junto a imigrantes russos em São Paulo. O objetivo dessa pesquisa é compreender a manutenção das tradições dessa confissão religiosa e sua inserção na sociedade brasileira. Tudo indica que a Igreja passou a ser elemento de capital importância na aglutinação desse segmento migratório transformando-se numa religião universal etnicizada ou religião circunstancialmente étnica (10) isto é, os elementos religiosos passam a compor o discurso de identidade étnica desse grupo.

(7) MODOLO, Heloisa Mara Luchesi – “Delírios Religiosos e Estruturação Psíquica – O caso Jacobina Mentz Maurer e o Episódio Mucker” – Uma releitura fundamentada na psicologia analítica . Dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

(8) Simone Spin de Oliveira Lucena

(9) Rosangela dos Santos Boy Rodrigues

(10) Apontamentos de aula do Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira. Segundo esse Professor a diversidade de campo religioso pode se enquadrar dentro de quatro categorias: Religiões étnicas; Religiões universais ou de vocação universalistas; Religiões universais circunstancialmente étnicas ou etnicizadas; religiões étnicas etnicizadas.

Para alcançar seu objetivo, tal estudo irá pesquisar como se dá a configuração desse núcleo religioso, sua forma de atuação entre seus fiéis (imigrantes russos e descendentes) e em suas vidas. Para isso, essa pesquisa não se limita apenas ao universo religioso, apesar dele ser de capital importância, mas também sobre o cotidiano desses fiéis, no sentido do não distanciamento de sua identidade étnica, dado que foram apartados de sua terra de origem, pelo processo migratório.

Sobre o tema central da pesquisa para este estudo

O objetivo em escrever sobre a religiosidade desse grupo que se instalou no Brasil no início do século XX prende-se ao fato de ser um grupo de imigrantes que foram obrigados ao exílio de sua terra natal motivados pela Revolução Socialista de 1917 ocorrida na Rússia e também, devido as perseguições sofridas na II Guerra Mundial em continente europeu.

Deu-se a pesquisa o título: *“A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo –Etnicidade e Identidade Religiosa-” “Um Estudo de Caso”*, uma vez que se pretendeu verificar como essa denominação ortodoxa atua junto a seus fiéis nesse município. Poderia o trabalho haver levado também um outro título, *A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo – Uma Paróquia no Bairro de Moema*, pois o núcleo dessa atividade centralizou-se em um templo localizado nesse bairro da região sul de São Paulo, todavia, como esporadicamente foram feitas pesquisas em outras localidades paulistas, onde existem templos dessa denominação ortodoxa, acreditou-se que o título escolhido fosse mais fiel à pesquisa realizada.

Esse estudo procurou dar uma idéia concreta da ligação entre esses imigrantes com sua Igreja que, atuou junto a eles no sentido de evitar que perdessem sua identidade religiosa, além de também auxiliá-los no enfrentamento de uma vida que iria se iniciar do ponto zero em um novo continente, em um novo país.

Um outro motivo que se considerado importante para que se escrevesse a respeito dessa denominação ortodoxa, um tanto particularizado, deve-se ao fato da Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras ser ainda a representação

fiel da Ortodoxia Cristã, isso é, acrescentado ao fato que na pluralidade do universo ortodoxo instalado no Brasil, especificamente em São Paulo, muitas dessas Igrejas como poderá ser notado no desenvolvimento desse escrito, acabaram por sofrer transformações que se adequam em muito ao cotidiano brasileiro, a esse fenômeno, foi dado o nome de latinização, pois verifica-se que muitas das práticas das Igrejas Ortodoxas sediadas em São Paulo, acabaram por se deixar permear por uma série de costumes que, remontam o catolicismo romano moderno, fatos esses que não são observados entre os ortodoxos russos no exílio, que primam pela manutenção da plena Retidão Cristã. Uma Igreja que soube se manter fiel aos seus fundamentos mesmo dentro da diáspora.

O tema proposto se insere, portanto, na busca de trazer a lume conhecimento sobre essa denominação ortodoxa, no sentido da apresentação de particularidades inerentes a este ramo praticante da Doutrina Reta, demonstrando suas variações, no que toca as outras denominações do universo ortodoxo, o que acaba por lhe conferir destaques uns tanto diferenciados. Informa-se, entretanto, que existem outros trabalhos concluídos sobre a Igreja Ortodoxa sob um plano mais generalizado, conforme poderá ser constatado nas referências bibliográficas, inclusive sobre a Ortodoxia na Rússia.

Enfoca-se, todavia, que a mentalidade da Ortodoxia trazida por essa Igreja Ortodoxa Russa, Fora da Rússia, não vivenciou qualquer espécie de alterações, mas como poderá ser notado, não pode ser dito o mesmo a respeito do corpo de fiéis descendentes das primeiras correntes migratórias, pois, estando no Brasil esses descendentes acabam por se mostrar uns tanto desapegados da prática religiosa, contrariamente aos seus antecessores. A Igreja não passou pelo processo de abrasileiramento, o mesmo não ocorrendo com os atuais fiéis que a encaram não tanto como um símbolo de fé, como uma tradição religiosa que não é mais da pertença de suas vidas, mas sim como emblematização divergente do mundo em que vivem, devido a todo o regramento imposto por essa Igreja Ortodoxa, que para os mais jovens é inviável, uma vez que a religiosidade dela emanada, choca-se com os

conceitos que essas pessoas extraíram da modernidade e de brasilidade que as envolve.

Outro motivo que gerou este estudo prende-se na questão que A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, não mantém comunhão com o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, tampouco com o Patriarcado Russo Ortodoxo de Moscou, pois conforme afirmação dos clérigos dessa Igreja no exílio que as duas sedes não mais reverberaram a Doutrina em Retidão na sua plenitude, já que se permitiram a muitos desvios, os quais serão apreciados oportunamente neste texto. Como a Igreja Ortodoxa Russa, Fora da Rússia manteve-se fiel à tradição, julgou ela conveniente, não mais manter a comunhão com essas duas sedes eclesiásticas. Os desvios que serão citados no transcorrer desse estudo têm suas origens em questões de ordem política e religiosa, que causam feridas a Ortodoxia em seus moldes originais.

Evidentemente, antes de se chegar ao tema central, houve a necessidade do desenvolvimento de uma parte mais contextual na qual foi tratada a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa na sua pluralidade, apontando aspectos históricos que tratam, sobretudo da motivação sobre a ruptura da Igreja Cristã como um todo, no século XI uma bipartição de teor geográfico onde no ocidente a Igreja Cristã terá a nomenclatura seguinte, Igreja Católica Apostólica Romana e no oriente, Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Grega, que gerará as demais confissões ortodoxas conhecidas.

Cada uma dessas partes delega para si, o título de defensoras da pureza das máximas evangélicas e da praticidade cristã, apesar das grandes diferenças nelas encontradas. A título de exemplo, é citado o culto ao ícone praticado pelo cristão ortodoxo, que conforme Enrico Morini, pode introdutoriamente assim ser definido:

“O ícone é, junto com a cruz, um componente essencial do culto ortodoxo: não acontece celebração litúrgica ortodoxa sem pelo menos o ícone de Cristo e da Mãe de Deus, e na própria oração pessoal o ícone é tido como um elemento indispensável (basta

pensar nos ícones metálicos russos para viagem, para o fiel que, longe de casa, não podia rezar para o “canto dos ícones” doméstico”. (MORINI, 2005, p.30)

Conforme é sabido, os católicos latinos não mantêm tal tradição. Eles têm suas estátuas e pinturas, mas, esse tipo de imagem não são transformados em objetos de veneração profunda tal qual ocorre com a iconografia ortodoxa, assunto esse sobre o qual será feita uma exposição com certa profundidade, mais de uma vez durante o desenvolvimento desse escrito.

Ressalta-se, porém que essa devoção já tinha lugar no oriente, mesmo antes das ocorrências que levou a cisão das Igrejas. Outra vez, recorrendo a Morini, extrai-se dele a seguinte reflexão sobre esse episódio:

“No Oriente ortodoxo, no entanto, a veneração das imagens sagradas, recebeu, a partir do século VIII, uma justificação teológica tão original e profunda que se tornou, por assim dizer, a expressão da fé (...)” (Idem, p.31)

Citou-se a Teologia do ícone como um dos exemplos das diferenças entre as duas Igrejas (11), mas poderão ser verificados ainda outras julgadamente de um âmbito mais forte, e que se tornam fatores concretos para a compreensão de o por que do cisma dentro da Igreja de Cristo.

(11) Atualmente, a Igreja Católica Apostólica Romana vem demonstrando um grande interesse pela iconografia da Igreja Ortodoxa. Muitos Sacerdotes e Freiras têm feito trabalhos nesse sentido. Não se pode, entretanto, dizer que produzem os ícones dentro das regras exigidas pela Ortodoxia. Está inclusive sendo comum encontrar esse tipo de pintura dentro dos templos da Igreja Latina, o que não dá a idéia de existência de culto ao ícone tal qual entre os ortodoxos, e sim, junto com o estatuário e as outras pinturas de Cristo, a Virgem Maria e os santos tão comuns na Igreja Latina, torna-se mais um acessório litúrgico do Catolicismo Romano. Julgou-se interessante fazer esse comentário, visto o fato de estar ocorrendo dentro da liturgia latina, um pouco da assimilação da prática ritual emanada pela Igreja Ortodoxa, ainda apontada como cismática pelos católicos romanos. Enfatiza-se também que a maioria da obras que tratam sobre o assunto iconografia, atualmente tem sido escritas e desenvolvidas por padres, freiras e teólogos do Catolicismo Romano, sejam eles do rito oriental ou não. Explicando sobre essa última passagem, esclarece-se que no Oriente, a Igreja Católica Apostólica Romana, apresenta-se muitas vezes nos moldes da Ortodoxia, tanto no ritual litúrgico e alfaias além da própria estrutura interna e externa de seus templos que se fazem confundir com a própria Igreja Ortodoxa.

Na parte em que é tratada a pluralidade ortodoxa, quando são feitas menções sobre algumas dessas denominações em São Paulo, verificou-se a necessidade de incorporar um capítulo tratando da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa do Patriarcado de Moscou que além de identificar aspectos históricos importantes sobre essa Igreja, discorre sobre algumas transformações nela operadas, principalmente, nos primeiros anos após a instauração do Regime Socialista na Rússia (1917) que determinou o fim da Monarquia Czarista. Essa Igreja tornou-se um dos braços do estado ateuista, apoiado na heresia denominada sergianismo. Esse assunto mereceu um desenvolvimento ainda que conciso, pela sua importância, para a compreensão da cisão interna no Patriarcado Russo, que por sua vez dá origem ao objeto deste estudo, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio.

Registre-se que o rompimento da Igreja Ortodoxa Russa, Fora da Rússia com o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, teve por motivo, o fim das excomunhões lançadas ainda na Idade Média quando do início do Cisma Oriental (1054). Já a ruptura das relações entre a Igreja Russa no Exílio e Constantinopla, teve principio no início da década de 60 no século XX, quando o Bispo Filaret, Primaz da Ortodoxia Russa no Exílio demonstrou sua indignação ao então Patriarca Ecumênico Atenágoras I, no que tocava ao perdão que ele havia concedido aos ocidentais, perdão esse que de forma recíproca colocou um ponto final as excomunhões dos dois lados, mas que não sacramentou a união das partes separadas.

Será ainda explicada a resistência da Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras em manter comunhão com outras denominações cristãs. Essa aproximação ecumênica é vista pelos russos ortodoxos no exílio como um sacrilégio. Os clérigos dessa confissão alegam que manter uma união pautada em ideais ecumênicos sugerindo a união de cristãos com doutrinas religiosas não cristãs, cristaliza-se em uma séria mácula aos conceitos da Ortodoxia, porque para eles o ecumenismo é algo promíscuo que acaba por sugerir novas formas de heresias, entre elas a negação do próprio Jesus na Sua Pessoa Divina - o Filho unigênito de Deus - Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro.

Em outra linha de análise, esse trabalho direcionou-se para a gênese da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio. Nesta parte, é feito um relato conciso de como a denominação aqui estudada se separou do Patriarcado de Moscou. A respeito dos motivos que levaram a criação dessa Igreja, evidentemente serão apresentados relatos sobre a questão política onde, o governo ateu da União Soviética passou a interferir no seio da Igreja Ortodoxa Russa o que interferiu em muito no aspecto espiritual da Doutrina, situação essa inadmissível para algumas autoridades eclesiásticas que, concluíram que o melhor caminho era seguir seu próprio caminho, julgado correto por eles, porém fora da Rússia, tornando-se uma verdadeira Igreja de emigrados, o que lhes garantiria ao mesmo tempo a manutenção do verdadeiro ideal ortodoxo.

Sobre o tema central desse trabalho - a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo - esclarece-se que esta parte fundamentou-se mais em uma pesquisa de campo, visto o fato de praticamente não existir obras (12) que tratem desse assunto que envolve uma Igreja de teor tão particularizado no universo da Doutrina Cristã Ortodoxa. Assim sendo, houve a obrigação de se fazer uma pesquisa baseada em entrevistas e observação participante com ênfase ao ritual litúrgico, e à algumas festas consideradas importantes dentro e fora da Igreja. Com intuito de aqui apresentar um preâmbulo dessa pesquisa feita in loco, foi possibilitada a percepção do estado devocional dos fiéis mais antigos durante o acontecimento da missa. Explica-se com isso que este estado ultrapassa o limite de respeito que é exigido pela solenidade.

(12) No ano de 2005, Jan Magalinsk, Professor da Universidade Estadual de Goiás, baseado em uma pesquisa por ele realizada há mais de uma década, publicou: *Igreja Ortodoxa Russa – Exílio e Fé em Goiânia*, onde trata da relação entre russos emigrados e a Igreja Fora das Fronteiras, na localidade apontada no título. Essa obra permite um resgate histórico bastante concreto, em seus relatos sobre a Igreja Ortodoxa Russa no Exílio no Brasil, entretanto, deve ser examinada com um certo cuidado, uma vez estar à pesquisa defasada em relação à época em que foi feita e o ano de sua publicação.

Sobre o exposto no parágrafo acima, segue ainda a questão da importância que o crente dá, não apenas ao culto em si, mas, a tudo que o cerca nesse momento ritualístico, nas velas que são acesas durante o ato litúrgico, na reverência feita aos ícones bem como aos demais símbolos sagrados contidos no espaço sagrado do templo. Outra vez citando os ícones, um fato chamou ao pesquisador a atenção, quando, evidentemente não todos, mas alguns pais levam seus filhos para que esses osculem as santas imagens, percebeu-se que ali era um momento onde estava sendo estabelecida uma relação entre o espírito humano, ainda tenro do infante fiel e a personagem que habita uma dimensão inatingível. Isso revela um dos mais belos aspectos dessa Igreja Ortodoxa e dos fiéis que seguem sua Doutrina de forma imutável – a Fé.

Serão também apresentadas situações um tanto aflitivas no que se refere à manutenção da Igreja, não no caráter financeiro, mas sobre questões inerentes a luta dos sacerdotes em cativar os fiéis mais jovens no sentido de, engendrará-los dentro da Doutrina, a luta pelo resgate dos descendentes de russos que, por uma diversidade de situações acabam por deixar a Igreja de seus pais e avós.

Outro problema que será citado dentro dessa parte refere-se ao fato de alguns Bispos Ortodoxos da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, expressaram-se favoráveis no sentido de uma re-unificação com o Patriarcado moscovita. Essa idéia que desagradou a muitos membros do corpo eclesiástico em todas as escalas foi discutida no IV Concílio de toda a Igreja Ortodoxa Russa Fora da Rússia, ocorrido em São Francisco nos Estados Unidos no primeiro semestre de 2006, que acabou por deixar tal questão em suspenso. Nesse capítulo, procurou-se explicar a respeito desse ideal ou proposta e também, retransmitir uma síntese das decisões conciliares, indicando os motivos da impossibilidade dessa união no tempo presente.

Para efetivar este estudo, o pesquisador teve que enfrentar algumas dificuldades, pois, apesar de a Igreja não congregar um grande número de fiéis como em outras denominações cristãs, os sacerdotes que se prestaram a

colaborar com o trabalho nem sempre podiam estar presentes para responder as perguntas necessárias. Isso se explica pelo fato dos fiéis ainda que poucos, estarem constantemente solicitando a presença de seus padres no sentido de orientá-los em situações que envolviam a saúde e problemas de ordem doméstica. Essa situação aconteceu por diversas vezes, quando o pesquisador estava em trabalho de coleta de dados.

Deparou-se, também, durante os trabalhos com a dificuldade em se consultar documentos. Percebe-se que não existe uma preocupação por parte da Igreja na organização dos documentos relativos à instituição, pode-se daí ser confirmado que essa denominação é marcada mais pelo aspecto espiritual, já que a grande preocupação da Igreja é a manutenção da Doutrina Ortodoxa no que toca a oração, sendo revelado nas palavras dos sacerdotes consultados, um verdadeiro desapego em relação a expressões de vida material, em contrapartida um verdadeiro apego à imortalidade da alma.

Outro momento que aumentou a dificuldade nessa consulta foi quando se deu o IV Concílio há pouco citado. Por quase quinze dias não houve a possibilidade de dar continuidade à coleta de informações para o prosseguimento desta dissertação. Ainda, nas últimas semanas o clérigo que mais deu apoio a esse estudo, necessitou fazer uma nova viagem aos Estados Unidos para resolução de problemas correlatos à sua Paróquia.

Enfatiza-se que a sede da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio localiza-se em Manhattan – Nova York (EUA). Se os problemas que, por ventura ocorrerem não puderem ser resolvidos na sede do bispado para a América Latina, situada em Buenos Aires – Argentina, os padres e outras autoridades da Igreja se dirigem a sede central em solo norte americano.

Em síntese, espero que tenha ficado claro então que, essa é uma pesquisa que se orienta temática e teoricamente por duas vertentes: a imigração e a religião. Em relação ao aspecto religioso, percebeu-se que nos estudos realizados sobre as Igrejas Ortodoxas até então, não houve a atenção para esse ramo

ortodoxo num critério que revelasse uma pesquisa em nível de maior abrangência, ou seja, da forma como se espera ter acontecido nesse trabalho.

Existem trabalhos inerentes a Igreja Ortodoxa Russa ligada ao Patriarcado de Moscou, como o livro de Elisabeth Behr-Sigel já traduzido para o português, *Oração e Santidade na Igreja Russa*, entre outras obras, mas, sobre a Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras, além do já citado livro de Jan Magalinsk, *Igreja Ortodoxa Russa – Exílio e Fé em Goiânia*, nada mais existe em português, fora uma ou outra citação de passagem, sem trazer informações de um teor mais completo numa reverberação de maiores esclarecimentos sobre o assunto.

No tocante à imigração russa para o Brasil, nada foi publicado, exceto o estudo de Heldo Mulatinho sobre russos brancos e letos protestantes na construção da colônia Varpa (13).

Na parte conclusiva do trabalho, será procurado dar um detalhamento sobre o futuro dessa Igreja, tomando o município de São Paulo como exemplo. Isso é dito, pois, os russos de idade mais avançada, ainda arraigados à tradição não terão muito tempo de vida. Mesmo com todo o trabalho dos padres na tentativa de recuperação e inserção dos fiéis que descendem desses mais velhos à Igreja, afirma-se que o sucesso nessa empreitada é questionável, pois podem os resultados ser positivos ou não. Se a segunda opção prevalecer, qual será o destino da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em se pensando em São Paulo, em se pensando em Brasil?

(13) MULATINHO, Heldo. A Construção de uma Comunidade Utópica no Oeste Paulista. Tese de doutorado sob orientação do Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira, USP, 1976 (inédita).

I Parte

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ORTODOXA: BREVE HISTÓRICO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS.

Capítulo I

O que é a Igreja Ortodoxa?

A Igreja que teve sua constituição sobre a doutrina de Jesus Cristo, a partir do ano 33, era toda ela denominada ortodoxa. Todavia, por problemas envolvendo teores culturais, dogmáticos, disciplinares, litúrgicos e políticos, entre as partes oriental e ocidental que completavam essa comunidade una, levam entre os anos de 1054 e 1204, a ruptura definitiva entre essas duas metades, as quais ficaram assim reconhecidas até o atual momento: pelo lado ocidental, a Igreja Católica Apostólica Romana submissa ao poder do Bispo de Roma (1), e pelo lado oriental, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Grega, tendo como Primaz (2), o Patriarca (3) de Constantinopla (atual Istambul – Turquia) localizada na antiga colônia grega de Bizâncio, posteriormente anexada à Roma.

(1) A respeito desse assunto, em matéria publicada na Folha de São Paulo em 02 de Março de 2006, sob o título: *Bento XVI renuncia a um de seus nove títulos*, escreveu-se o seguinte: O papa Bento 16 abriu mão do título de Patriarca do Ocidente, numa tentativa de estreitar os laços com as Igrejas Ortodoxas (...) No passado, o patriarcado do Ocidente era contrastado com o do Oriente. O papa quis remover esse tipo de contraste e seu ato pretende ser um estímulo ao progresso ecumênico (...) Mas para o “Corriere della Sera”, o papa quer se apresentar como “patriarca universal” (...)

(2) O termo Primaz designa dentro do conceito ortodoxo, a liderança dentro da Igreja Ortodoxa que também é reconhecida pelas seguintes nomenclaturas: Patriarca, Arcebispo ou Bispo.

(3) Patriarca: nome dado aos antigos chefes da família do Antigo Testamento. Denominação dos titulares das Sedes de Patriarcado Cristão, inicialmente em número de cinco: Roma, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Jerusalém que se multiplicaram nas Igrejas Ortodoxas.

Ficará então o seguinte questionamento: por que a Igreja pelo lado oriental manteve a denominação ortodoxa? Para tal resposta, deve ser compreendido o termo grego, *Ortodoxia*. Esta palavra traduz-se em *Doutrina Reta*, ou seja, todo o ensinamento deixado pelo Cristo, sem qualquer espécie de adição ou subtração no conteúdo da Sagrada Escritura, na Tradição, bem como nos primeiros Sete Concílios aceitos pela Igreja.

No tocante ao problema da ruptura entre as duas metades da Igreja, Georges El Hajj em seu livro, *A Igreja Ortodoxa no Mundo*, deixa-nos a seguinte reflexão:

“(...) devemos evidenciar que a Igreja Ortodoxa nunca se separou de nenhuma outra Igreja. Ela permanece em linha reta desde Nosso Senhor Jesus Cristo e seus Apóstolos. Jamais se afastou através dos séculos da autêntica e verdadeira doutrina ensinada pelo Divino Mestre. Dela se separaram outras Igrejas, mas ela não se apartou de ninguém ou da linha reta traçada por Jesus Cristo. A Igreja Ortodoxa é uma, ontem, hoje e amanhã – é sempre a mesma.” (EL HAJJ, 1971, p.63)

A Sagrada Escritura é compreendida como a totalidade dos livros bíblicos, Antigo e Novo testamento, centrada na pessoa de Jesus Cristo, confirmando em Deus seu único inspirador, o qual veio à humanidade para transmissão das doutrinas e dos mandamentos. Seguindo a idéia de Jerzy Berkman Karenin, sobre a Sagrada Escritura, temos o seguinte:

“Nas Sagradas Escrituras, pois, lemos as palavras proferidas por Profetas e Apóstolos, como se ouvíssemos as Verdades dos próprios lábios destes santos homens, apesar dessas obras divinas datarem de vários séculos ou até milênios.” (KARENIN, 1957, p.23)

Por Sagrada Tradição, pode-se entender tudo aquilo que faz referências à verdadeira fé, em um plano harmonioso com as leis divinas, trazidas juntamente com os mistérios pelos ancestrais e crentes que, transmitiram aos

seus filhos e estes a toda sua descendência. A Sagrada Tradição está de posse pela Igreja estruturada na assembléia de seus fiéis . “*A Igreja do Deus Vivo, a coluna e firmeza da Verdade*” (Tim: 3:15), sendo considerada o mais antigo meio de divulgação sobre a Revelação Divina. No tocante a tal assunto, outra vez citamos Karenin, que relata-nos o seguinte:

“O meio mais antigo da divulgação da Revelação Divina foi a Sagrada Tradição, dos tempos do primeiro homem, Adão até Moisés, não havia Escritura Sagrada alguma. O próprio salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, transmitiu os seus Divinos ensinamentos aos Apóstolos por meio de palavras e de exemplos e não por intermédio de livros. Da mesma forma precediam os santos Apóstolos que divulgavam as Verdades verbalmente, firmando os alicerces da Santa Igreja”.(KARENIN, 1957, p.23).

Essa passagem tem por objetivo demonstrar a relação existente entre Sagrada Tradição, Revelação Divina e Sagrada Escritura. E dela em relação a essa situação, extrai-se a seguinte passagem do Evangelho, contida em uma Epístola Paulina: “*Então irmãos estais firmes e retende as tradições que nos foram ensinadas, seja por palavras, seja por epístola nossa*”. (Tess: 2:15)

Concílios Ecumênicos

A respeito dos concílios ecumênicos, afirma a Igreja Ortodoxa estar neles a autoridade máxima, uma vez, que suas decisões abrangem toda a Igreja de Cristo. El Hajj conclui que: “ *(...) a infalibilidade está na própria igreja representada em assembléia por todos os bispos em concílio*”. (p.141)
(4).Diferentemente dos católicos romanos, os ortodoxos, observam apenas as decisões retiradas dos sete

(4) Insere-se ai uma critica de El Hajj à Igreja Católica Apostólica Romana, ao argumentar ser o Papa dotado de infalibilidade, ao passo que os ortodoxos admitem a infalibilidade da Igreja que se faz representar em Concílios através de seus Bispos.

primeiros concílios, nos quais os bispos em assembléia se insurgiram contrariamente aos ideários fomentados em heresias, as quais, visavam desvirtuar a tradição. Esses concílios foram os seguintes:

- **Nicéia – I (325)** – Contra a heresia de Ário, um monge líbio que por volta de 318 deu início à uma pregação afirmando que, o Filho de Deus (Verbo, Logos) não é gerado da substância do Pai, mas é uma criatura gerada no nada, embora antes de qualquer outra criatura. Em verdade essa tese, maculava o centro doutrinário cristão, porque se Jesus Cristo não fosse Deus, conforme pretendia Ário, a Redenção não teria valor e a Revelação Cristã cairia em um vazio. A excomunhão aplicada pelos bispos da Líbia e do Egito não foram suficientes para demover o monge de sua idéia, que continuou com suas pregações, fato este que levou o Patriarca Alexandre, de Alexandria, apoiado pelo Imperador Constantino, à convocação de um concílio para ratificar as excomunhões. Em Nicéia então, reuniram-se 318 bispos tanto de Igrejas Ocidentais como Orientais, entre os quais estavam os representantes do Papa Silvestre que acabaram por condenar a tese ariana, ou seja, de Ário.
- **Constantinopla – I (381)** – Este segundo concílio universal foi convocado com a finalidade de proceder ao julgamento da heresia de Macedônio, questionador da divindade do Espírito Santo, atribuindo-lhe denominações como: “Força ou Poder”, julgando-o na dependência do Deus – Pai e do Deus – Filho. Isso acabava por consistir em uma das ramificações da heresia ariana. Convocado pelo Imperador bizantino Teodósio I, contou essa assembléia com importantes personagens, a exemplo de: São Gregório – o Teólogo, São Gregório de Nissa e Melétio de Antioquia. A tese de Macedônio foi condenada, assim como outras ramificações oriundas do arianismo que, apesar da condenação pelo concílio de Nicéia, ainda encontrava grande força na região oriental.
- **Éfeso (431)** – Esse concílio teve sua convocação no governo de Teodósio, tendo por escopo o julgamento da tese herética lançada por Nestório, Patriarca de Constantinopla, dando margem à pregações as quais afirmava que Maria havia dado a luz ao homem Jesus, e que este possuía uma ligação com Deus unicamente de ordem moral. Assim

sendo a virgem não era *Theotokos* (Mãe de Deus), apenas *Christotokos* (mãe de Cristo). Esse concílio teve seu acontecimento na cidade de Éfeso, localidade na qual Maria teria ido habitar com João, o Apóstolo Bem Amado, após a morte de seu filho na cruz. Nessa assembléia foi condenada a tese nestoriana, afirmando que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, portanto, o título de Theotokos dado à Maria era plenamente cabível, visto o fato de Ela haver dado à luz a natureza humana de Jesus Cristo, que, entretanto é simultaneamente Deus, como Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Após a condenação, Nestório seguiu em exílio para a Mesopotâmia, onde organizou a Igreja Nestoriana Separada (Igreja Assiriaca – Rito Caldeu), existente até os dias atuais, congregando milhares de fiéis).

- **Calcedônia** (451) – Esse concílio manifestou-se contra a tese de Eutiques, importante abade de um mosteiro em Constantinopla, denominada heresia dos Monofisistas. Procurando erradicar qualquer resquício da heresia nestoriana, esse sacerdote, inimigo declarado de Nestório, deflagra a idéia de a natureza humana de Cristo estar entranhada na natureza divina. A primeira então, simplesmente deixava de existir, permanecendo no Salvador apenas a última. A respeito dessa heresia e sua condenação, afirma textualmente Karenin:

“O concílio condenou a heresia dos Monofisistas e deliberou que Nosso Senhor Jesus Cristo é um verdadeiro Deus e um verdadeiro homem; que sua natureza divina foi gênita do Pai antes de todos os séculos e que sua natureza humana veio ao mundo por intermédio de Nossa Senhora e sempre Virgem Maria, que foi escolhida para ser a mãe do salvador pelo Eterno Pai. Desta forma, Jesus Cristo – Homem nasceu na terra em tudo igual a qualquer um dos homens fora o pecado”.
(p.154)

Esse concílio ocorreu na gestão imperial de Marquiano. Todavia, algumas Igrejas adotaram a tese eutiquiana, seguindo com sua doutrina até o presente momento, como no caso da Igreja Ortodoxa Armênia.

- **Constantinopla – II (553)** - Essa reunião teve sua convocação por ordem do Imperador Justiniano I, objetivando-se à resolução dos litígios gerados em torno dos livros escritos por Teodoro, Teodoreto e Iva, membros da Igreja Síria, que estava sob a jurisdição do Patriarcado de Antioquia. Obras essas escritas inspiradas nos ensinamentos heréticos de Nestório, demonstrando que suas teses ainda eram muito respeitadas por membros do corpo eclesiástico do oriente, sendo, portanto, consideradas um perigo para a alma dos fiéis. Os escritos de Teodoro foram condenados por esta razão, mas o autor não aceitou tal condenação e persistiu fiel às suas teses até a sua morte.
- **Constantinopla – III (680)** – O imperador Constantino Pogoniatto ordenou a convocação desse concílio no intuito de questionar e condenar a tese herética dos monotelistas, também reconhecida como *monoenergismo* ou *Thelema* (5). Em verdade, essa tese fora uma idealização do Patriarca Sérgio de Constantinopla (610-638) que, procurando resgatar as igrejas que haviam adotado o monofisismo herético após sua condenação em Calcedônia, a exemplo das Igrejas Copta, Armênia e Síria, cria um meio termo entre o monofisismo e o duofisismo ortodoxo, acabando por enveredar para uma nova heresia.
- **Nicéia – II (787)** - Reuniu-se para derrubar a lei contrária à veneração dos ícones (Santas Imagens) nos templos, promulgada pelo Imperador Bizantino, Leão III, o Isaurico. Essa lei imperial visava a combater a influência excessiva dos monges sobre a população. A esse respeito encontramos na obra escrita por João Ribeiro Jr., *Pequena História das Heresias*, a seguinte descrição:

(5) Termo que se traduz em uma só vontade.

“Desde 717, reinava em Constantinopla o imperador Leão III, o Isáurico (717-741), (...) desejando combater a influência excessiva dos monges (...) proibindo o culto dos ícones, considerado como ato idólatra. Leão III foi apoiado pelos Monofisistas, que entendiam que pintar ou esculpir a imagem de Jesus Cristo equivalia separar-se dele a natureza humana da natureza divina, fomentando-se conseqüentemente a heresia nestoriana”.(RIBEIRO JR. P. 58)

O sucessor de Leão III, Constantino V, o sujo (741 – 775) manteve a proibição do culto, resultando disso uma série de protestos por parte dos religiosos e conseqüentemente, perseguição das autoridades de estado em relação a estes. A paz somente é restaurada no reinado de Leão IV (775-780), após a Imperatriz Irene haver convocado o concílio que iria condenar o iconoclasmo como heresia e restaurar o culto dos ícones nas Igrejas fiéis ao Concílio de Calcedônia. (6)

A questão dos ícones enquanto objetos de devoção centrais dos ortodoxos serão focalizados adiante, ainda nesse capítulo.

No que se refere às heresias aqui destacadas, informa-se que quando se tratou dos primeiros sete concílios, foram produtos e produtores de cisões internas na Igreja Oriental. Todavia, essas discussões não foram suficientemente fortes para a desestruturação da unidade cristã que, só sofrerá o forte abalo quando do acontecimento da ruptura nos períodos citados no início desse capítulo.

(6) Enfatiza-se que, no Ocidente ocorreram controvérsias a respeito do culto das imagens, uma vez que o termo grego *prokinesys* que se traduz em “veneração”, foi traduzido pelo monge escocês Alcuíno, como “adoração”. Isso levou o rei dos francos, Carlos de Heristal (Carlos Magno) (742-814) , a não aceitar a decisão tomada no II Concílio de Nicéia. Supunha o monarca que o II Concílio nicênio, ensinava adoração das imagens, portanto era digno de repúdio pela Igreja do Ocidente. Essas suposições do maior entre os governantes germânicos constaram dos famosos “Quatro Livros Carolíngios” que tinham por pretensão formular a doutrina oficial do Ocidente em uma posição a bizantina. Essa era à vontade de Carlos Magno, sem haver sido feita uma consulta prévia ao Papa em Roma. Este se vê então acuado, permitindo aos teólogos da casa real como ao próprio imperador o poder de decisão sobre tão polêmico assunto. Posteriormente, o Papa Adriano I (772-795) indicou-lhe a tradução exata da palavra bem como as diferenças que o Concílio demonstrou entre adoração e veneração, pondo fim a essa longa discussão.

A Liturgia na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa

A missa na Igreja Ortodoxa caracteriza-se pela força de sua liturgia, toda ela feita em canto capela, procurando levar o assistente a se inserir em uma aura plena de contemplação, no sentido de o crente ter uma percepção da presença do Cristo na sublimidade daquele momento. Repleta de manifestações simbólicas, a missa ortodoxa divide-se em quatro partes:

1. O instante inicial é marcado pela preparação da missa e inclui a procissão do Evangelho, é o símbolo oculto da vida do Cristo;
2. O segundo momento vai da procissão do Evangelho até o ofertório, é a ritualização da vida pública do Cristo;
3. A terceira parte envolve desde a procissão do ofertório até o instante pós-comunhão. É a representação do padecimento de Jesus (paixão e morte);
4. A parte final compreende a comunhão até o encerramento do culto. É a expressão simbólica da vida gloriosa de Cristo.

Os ritos bizantinos têm sua composição centrada em três liturgias: A de São Basílio Magno, a dos Pré-Santificados e a de São João Crisóstomo – Patriarca de Constantinopla, sendo essa última a mais habitual. A liturgia de São Basílio Magno tem sua celebração 10 vezes ao todo em um ano, ou seja, nos cinco primeiros Domingos da Quaresma, Quinta Feira e Sábados Santos, bem como na Festa de São Basílio, comemorada em 06 de Janeiro e nos dias precedentes à Natividade e Epifania. No tocante a Liturgia dos Pré Santificados, salienta-se o fato de não tratar de uma missa, mas sim, de um solene rito de comunhão que se une à celebração das Vésperas o que ocorre durante o ano cerca de 19 vezes, principalmente, nas Quartas e Sextas Feiras da Grande Quaresma. Na Liturgia de São João Crisóstomo (+404) (7), ganha destaque à *Epiclese*, invocação do Espírito Santo sobre os dons eucarísticos. Pedro Arbex no livro, *A Divina Liturgia Explicada e Meditada*, procede a seguinte revelação:

(7) A Liturgia de São João Crisóstomo, é praticamente igual a de São Basílio Magno, sendo esta diferenciada nas orações sacerdotais rezadas que são em voz baixa.

“A Igreja Ortodoxa, baseada em certos textos dos Santos Padres, afirma que a transubstanciação se efetua pela epíclese, e não pela consagração. E para reforçar a importância da primeira acrescentou no século XIII, logo após a consagração, o tropário ao Espírito Santo: “Senhor que na hora terça enviastes ...”que se reza habitualmente na quaresma na terceira hora do ofício”. (ARBEX, 1988, p.82)

O ritual marca-se também pela característica vistosa das vestes litúrgicas e insígnias usadas pelas autoridades eclesíásticas, sacerdotes e auxiliares diretos do culto. Segundo as informações contidas em um pequeno missal bizantino com explanações sobre a liturgia, organizado por Mihail Sabatelli, que teve a preocupação em citar e explicar minuciosamente as alaias e as insígnias usadas na missa tem-se o seguinte quadro:

- **Esticharion:** *Longa túnica correspondente à “alva” latina. O esticharion do sacerdote tem mangas estreitas, em geral é de seda e de cores claras. O esticharion usado pelos diáconos e pelos ministros tem mangas curtas e amplas. O tecido costuma ser igual, ou parecido, ao paramental usado no dia; é ornado com galões.*
- **Epithacrion:** *É a estola sacerdotal cujos dois lados descem unidos no peito até quase os pés. É do mesmo tecido dos paramentos e está ornado com seis cruzinhas*
- **Orácion:** *é a estola diaconal: uma longa faixa ornada com várias cruzes ou com a palavra “Santo” escrita três vezes. Fica presa por um botão no ombro esquerdo do Diácono, tem uma extremidade que desce livre pelas costas e a outra é habitualmente segurada pela mão do Diácono.*
- **Faixa:** *O esticharion e o epithacrion são segurados e ajustados por meio de uma faixa como cinto. É do mesmo tecido dos paramentos e no meio está ornada com uma cruz.*

- **Epimanikia:** São duas sobre-mangas do mesmo tecido dos paramentos, ornadas com uma cruz. Servem para segurar e prender as mangas do esticharion.
- **Epigonátion** ou **Hipogonátion:** Losango de tecido bordado, usado pelos Bispos e pelos Sacerdotes revestidos de alguma dignidade eclesiástica. Usa-se a tiracolo descendo livre até altura do joelho direito. Simboliza a espada da Palavra.
- **Felônion:** É a casula oriental que se coloca em cima do esticharion. O felônion tem, nas costas uma cruz grega como ornamento e mais embaixo uma estrela de oito pontas. Ele simboliza a luz e a força com as quais Deus envolve o sacerdote.
- **Sakkos:** Os Bispos, em lugar do felônion sacerdotal usam um paramento chamado sakkos, muito parecido com a dalmática usada pelos Diáconos latinos.
- **Mitra** ou **Coroa:** Cobre a cabeça nas celebrações pontificais. Tem forma esférica ou ligeiramente quadrilobada; ricamente bordada, a coroa tem em cima uma pequena cruz. Entre os russos, além dos Bispos, também os Sacerdotes insignados de alguma honorificência, usam a coroa. Sua origem deriva da coroa usada pelos imperadores bizantinos.
- **Omofórion:** Larga faixa que o Bispo leva em torno do pescoço. Ornamentada com cruces, leva bordada a figura de um cordeiro ou a imagem do Redentor. Quer simbolizar a ovelha tresmalhada que o Bom Pastor (Jesus) traz para o aprisco (a Igreja).
- **Diquirotriquira** (palavra composta de: dikirion e trikion): São dois pequenos castiçais, um de duas velas e outro de três. O primeiro simboliza as duas naturezas em Jesus Cristo, o

segundo as três pessoas da Santíssima Trindade. São usados pelo Bispo em cerimônias pontificais.

- **Báculo Pastoral:** Difere daquele latino, pois é mais curto e termina, no alto com dois braços formados por duas serpentes que se defrontam, alusão à prudência com que o pastor deve guiar o rebanho.
- **Rasson ou Riassa:** É um habito coral de cor preta. Possui mangas amplas e os eclesiásticos a usam também para celebrações onde não é exigido o uso do esticharion.
- **Mandýas:** Ampla capa com a qual se revestem os Bispos em ocasião de uma entrada solene. Também os monges usam um tipo de mandýas, mas é completamente preta.
- **Skoufa Kamilávichion, Klobuk:** É uma espécie de chapéu cilíndrico com diâmetro superior ligeiramente maior do de baixo. É usado pelo clero e pelos monges. As diversas formas peculiares dão a cada modelo um nome diferente. Os monges e outros dignitários usam por cima do chapéu, um longo véu preto que cai dobrado pelas costas. Os Metropolitas russos e alguns Patriarcas de Igrejas Ortodoxas costumam usar o véu de cor branca.
- **Cruz Peitoral:** É usada pelos Bispos e por outros dignitários eclesiásticos. Entre os russos a cruz peitoral é usada por todos os sacerdotes indistintamente.
- **Panagia ou Encólpion:** Medalhão com a efígie do Cristo Pantocrator ou da Virgem Mãe de Deus (Panagia). É usado pelos Bispos e Arcebispos em número de um ou dois. (SABATELLI, 1995, p.14-15)

Deve ser esclarecido que, existe uma grande diferença entre a missa na Igreja Ortodoxa e a missa do rito latino decorrente entre os católicos romanos. Essa

diferença prende-se ao seguinte aspecto, entre os segundos a missa tem seu ápice na Ceia do Senhor, enquanto que para os ortodoxos, vivencia-se um retrospecto dos momentos finais de Jesus no meio dos homens até a ocorrência de sua Ressurreição, o que faz com que essa missa tenha um tempo maior de duração.

Os ícones

Um dos principais aspectos da devoção ortodoxa centra-se nas santas imagens, conhecidas também como *Ícones*. Diferentemente das Igrejas Latinas, que tem em seus templos a presença de imagens esculpidas, a Igreja Ortodoxa só admite imagens pintadas a partir de determinado padrão que irá diferenciá-las das pinturas comuns, mesmo as de temática religiosa. Sobre o ícone ou imagens pintadas, Thomas Kala, no seu opúsculo, *Meditações sobre os Ícones*, fornece a seguinte reflexão:

“A palavra ícone (do grego eikon) significa imagem. Embora às vezes o mundo da arte e da moda apoderem-se dela e façam designar uma figura artística, a palavra ainda significa pinturas religiosas em geral, quase sempre em retábulos de madeira no estilo bizantino, que são principalmente de origem grega ou russa e tem lugar proeminente na vida e culto religioso das igrejas ortodoxas orientais (...) Na liturgia das igrejas orientais, os ícones desempenham um papel mais significativo do que o das estátuas no rito romano. Como se acredita que por seu intermédio os santos exerçam poderes benéficos, os ícones governam todos os acontecimentos importantes da vida humana e são considerados poderosos instrumentos de graça”. (KALA, 1995, p.9)

Para se pintar um ícone, existe toda uma preparação especial tanto por parte de quem irá realizar o trabalho – no caso o iconista - como do material que será empregado. Preconiza-se que o iconista deva ser reconhecidamente uma pessoa de caráter ilibado, um ser pleno na fé. A maioria dos pintores das

santas imagens eram e são em geral, monges, entretanto, não existe regra que impeça que esse trabalho seja feito por um laico, desde que observadas certas regras fundamentais para essa empresa considerada sagrada; dias de jejum alimentar, abstinência sexual e não ingestão de bebidas alcoólicas, entre outras imposições. No trabalho de Maria Donadeo, *Ícones – Imagens do Invisível*, onde é citado L. Duchesne encontra-se uma breve alusão de como deve ser o caráter do iconista:

“O pintor de ícones deve ser humilde, dócil, piedoso, pouco falante, não zombador e não gatuno, deve conservar a pureza da alma e do corpo”.(DUCHESNE, 1920, apud DONADEO, 1996, p.46).

O material usado nessa pintura deve ser de origem animal, mineral e vegetal, tais como: madeira, água, argila, ovos e terra colorida. Todos esses elementos devem ser empregados em seu estado natural após sua elaboração e purificação. Existe nesse caso uma interação da pureza do iconista com a pureza do material a ser trabalhado, pois a natureza plena deve ser um elemento constante, uma vez que, ao se entregar a tarefa de pintar, a pessoa estará em ligação direta com o Divino, transcendendo o mundo materializado, ao empreender tal tarefa, a pessoa recebe da Onipotência e dos Santos a inspiração para conclusão de uma arte cuja origem está nas dimensões paradisíacas. O ícone é considerado uma das maiores manifestações da tradição da Igreja Ortodoxa, tal qual as tradições escritas e orais. Bernard Sartorius, na sua excelente obra, *A Igreja Ortodoxa*, menciona sobre essa tradição o seguinte:

“O ícone transmite o conteúdo da Sagrada Escritura não sob forma de um ensino teórico, mas de maneira litúrgica, isto é, de um modo vivo, dirigindo-se a todas faculdades do homem. Transmite a verdade contida na Escritura à luz de toda experiência espiritual da Igreja, da sua tradição”. (SARTORIUS, 1982, p.105).

Um iconista jamais assina seu trabalho, visto tratar-se de uma obra inspirada, *“uma janela do paraíso”*, não devendo nunca ser entendida como algo estático.

É uma obra, que expressa vivo exemplo de conduta espiritual para o cristão que frente a ela, faz suas meditações, obrigando-se a compreendê-la como a santidade do mundo futuro do qual ele será participante. No livro, a *Senhora da Conceição Aparecida – Padroeira do Brasil*, em um capítulo que faz referências às sagradas imagens, os autores concluem o seguinte no que se refere a essa questão:

“A imagem iconográfica, em sua conceituação religiosa, atua como mediadora e auxiliadora, harmonizando o homem e sua permanência na terra, no sentido de ele fazer uma melhor escolha dos caminhos que seguir por aqui, neste estágio da vida biológica, que será a luz que o conduzirá ao Pai Celestial após sua morte corporal”. (DA CAMINO e LOIACONO, 1996, p.156).

Nos templos ortodoxos, os ícones ficam dispostos na iconostase (8), visíveis aos fiéis e alvo de constante invocação à oração.

Os fiéis ortodoxos têm uma ligação bastante íntima com essas imagens sagradas, sendo acostumados a isso desde a infância. Dos padres e seus familiares recebem toda informação reveladora destas representações de vida exemplar.

Ao adentrarem em um templo, os ortodoxos não fazem a tradicional genuflexão mas ao se aproximarem dos ícones expostos, inclinam a cabeça, fazendo o sinal da cruz sobre o peito, uma ou três vezes e tocando o chão com a mão direita.

Depois de orarem, dão um ósculo respeitoso, inicialmente na imagem de Cristo, localizada sempre no lado direito e depois no da Virgem Maria, posicionada no lado esquerdo da iconostase.

(8) Parede divisória que separa o santuário da nave do templo. Essa parede possui três aberturas para a passagem dos celebrantes e dos outros ministros. O ícone de Emaús, ou da Santa Ceia é colocado sobre a abertura central. Do lado direito estão os ícones do Salvador e no esquerdo, o da Mãe de Deus. Ícones dos Apóstolos, Doutores e Mártires da Igreja, ficam ao lado ou no alto desta divisória.

Uma tradição diz que o primeiro iconista teria sido São Lucas e que o primeiro ícone que este evangelista havia pintado fora o da Virgem Maria, quando esta ainda vivia. Entretanto, existe a versão do *Mandýlion* (9), o ícone de Cristo por Cristo.

As representações iconográficas para os ortodoxos, podem ser compreendidas como exemplo a serem seguidos em sua vida, e intensifica a intimidade respeitosa que eles tem com a dimensão mística em seu cotidiano. Uma força que o leva a encarar a vida num estágio de maior esperança, e principalmente a fazer com que ele procure exaltar em sua pessoa a *Imago Dei*, recordando-lhe que ele, enquanto obra do Pai, recebeu a centelha da substância divina a qual deverá cada vez mais intensificá-la em si, com o objetivo também de ser um ícone vivo de Jesus Cristo.

“Quantos fiéis ortodoxos, ainda hoje, se recolhem a orar junto com um ícone, com a confiança de um encontro benéfico, de uma realidade pessoal embora invisível! E quantos, através dos séculos, tem experimentado a eficácia de tais encontros pela própria transformação pessoal!” Se esforça para imitá-los (...)
(DONADEO, 1996, p.20)

(9) Refere-se a um tecido no qual Cristo teria enxugado seu rosto e o enviado ao rei Abgar de Edessa, que sofria do mal da lepra. Abgar teria enviado um emissário de nome Ananias até Jesus com uma carta relatando o seu problema e pedindo a cura ao Cristo, ao ler a carta, Jesus pede que se traga água para lavar seu rosto e uma toalha, nela Cristo imprime a imagem de sua face e a entrega a Ananias com outra carta, na qual louva a fé do rei, lhe oferecendo a vida restabelecida.

O Culto à Mãe de Deus entre os ortodoxos

Um ponto doutrinário muito importante na Igreja Ortodoxa prende-se à devoção dos ortodoxos à Virgem Maria, consagrada como *Theotokos*: Junção dos vocábulos gregos *Theós* (Deus) e *Thokos* (Mãe). Pode-se afirmar que existe praticamente um culto à Virgem paralelo ao do próprio Cristo. Ela é considerada pelos fiéis o caminho seguro para se chegar ao Salvador, a mulher extraordinária, Mãe de Deus e dos homens que em constante estado de oração intercede pelos seus filhos terrenos e por toda humanidade junto a seu Filho.

Para maior compreensão dessa condição que deixa a *Theotokos* próxima ao mesmo grau de importância dedicado ao Unigênito de Deus – Pai, recorre-se novamente a Pedro Arbex:

“Na Igreja (...) ao ouvir aqui o nome de Maria, os fiéis costumam fazer uma inclinação da cabeça em direção ao ícone da Mãe de Deus, dirigindo-lhe uma das saudações seguintes ”A Ela, a mais nobre das saudações” ou “Em vós deposito toda minha esperança”, ou “Ó Santíssima Mãe de Deus, salvai-nos”. (p.42)

A título de ilustração, pode-se criar um comparativo da devoção Mariana feita pelos ortodoxos entre outras igrejas orientais com um culto herético deflagrado na Arábia no século IV, envolvendo a Mãe de Deus. Roque Frangiotti a respeito desse culto, em seu livro, *História das Heresias (Sécs. I-VII) – Conflitos ideológicos do cristianismo*, explica que:

“Epifânio nomeia uma seita mariana, os Colliridiani, declaram que seus adeptos celebravam em nome de Maria, um culto constituído pela oferta de pão sem fermento (Conf. Ancoratus, XIII, 8). Em Haereses 78:23; 79.1, explica Epifânio, trata-se de uma seita feminina ativa na Arábia, pelos fins do séc.IV, que venerava a Virgem Maria como uma divindade; e em tal seita se comungava, uma vez por ano, com o pão que lhe era oferecido no altar”. (FRANGIOTTI, 1995, p.136)

Se for feita uma análise de ordem mais profunda, percebe-se que existe uma certa similaridade da heresia citada com o culto mariano ortodoxo. Porém, até então não foi feita nenhuma menção a esse respeito.

Como já se viu, a confirmação de Maria como *Theotokos* deu-se no Concílio de Éfeso (431) contra a tese nestoriana que negava essa condição em Maria, delegando-lhe papel de *Christotokos*, mãe de Cristo e não Mãe de Deus. A grande devoção Mariana pelos ortodoxos é visível na diversidade de ícones confeccionados em sua honra, chegando a ultrapassar os que são pintados para representar a face de Cristo.

Da Igreja Ortodoxa Russa, pode-se retirar os mais belos exemplos da iconografia mariana, destacando a Virgem de Vladimir, pintada por Andrej Rublev (Séc. XVI), que é considerado o maior dos iconistas russos. Ainda dentro desse contexto, deve ser citado o hino sem título, denominado a posteriori de *Akathistos* (10), uma das mais singelas homenagens direcionadas a *Theotokos*.

Capítulo II

Cisma e Desmembramento da Igreja Ortodoxa

O Cisma entre a Igreja Oriental e Ocidental

Se for feita uma análise sobre a ruptura da Igreja Cristã, muitas serão as causas a serem apontadas. Dentre essas, situa-se um problema fundamentado no dogmatismo que se revela como elemento central para a quebra da unidade preconizada pelo Deus que se fez Homem – uma ferida que nunca foi devidamente cicatrizada – *O Filioque*. (11)

(10) Akathistos, é o termo grego que indica a postura corporal e espiritual dos fiéis que escutam ou cantam o hino que é um longo poema que homenageia a Theotokos. Aquela que soube suportar com dignidade a missão que lhe foi confiada pelo Senhor. Não existe porém nenhuma notícia de quem seja o autor dessa obra.

(11) Expressão latina que designa o seguinte: O Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Acrescentada ao Credo de Nicéia. O Filioque constitui um dos elementos de litígio entre as duas Igrejas, uma vez que Roma adotou essa fórmula e a de Constantinopla a rejeitou, subtraindo-a de sua confissão de fé.

O problema pode ser assim resumido: **“O Espírito Santo procede do Pai e do Filho”** (Grifo e aspas nossas). Tal acréscimo foi incorporado no antigo texto do Concílio de Nicéia (325), no sínodo de Toledo (séc.VI). O texto de Nicéia afirmava que a origem do Espírito Santo está apenas no Pai. A resolução de Toledo foi considerada como uma grave ofensa à Igreja Oriental que, fiel às considerações nicênicas julgou essa incorporação errônea pelos seguintes motivos:

1. Para os Padres do I Concílio de Nicéia, favoráveis ao texto original no qual o Espírito Santo tem sua procedência apenas no Pai, uma vez, ELE, primeiro de tudo pessoal – Pai, Filho e Espírito Santo – antes de ser Essência Divina Única, esse acréscimo foi considerado uma divergência doutrinária no tocante à natureza de Deus.
2. Esses mesmos padres não concordavam com o fato de o sínodo de Toledo haver se reunido e criado a fórmula doutrinária sem levar em conta a opinião dos prelados orientais. Recorde-se que um Concílio Ecumênico é a representação das Igrejas em seu universalismo, e um sínodo local não poderiam alterar uma decisão conciliar, que havia congregado os dois lados da Igreja.

No ano de 1014, o *Filioque* foi incorporado oficialmente à Liturgia Divina, fato esse que apressaria ainda mais a cisão entre as duas metades. No pontificado do Papa Leão IX, dirigiram-se a Constantinopla, delegados papais que, entregaram ao Patriarca Miguel Cerulário, na Catedral de Santa Sofia, a bula de excomunhão que acusava os orientais, entre outras coisas, da não adoção do celibato para os clérigos e, principalmente, de haverem subtraído o *Filioque* de sua confissão de fé. Após receber essa bula, o Patriarca constantinopolitano redigiu outra excomungando os delegados papais. Era o ano de 1054.

Esclarece-se que ruptura sacramental ocorreu em 1204, num fato reconhecido como uma traição de cristãos contra cristãos, uma página extremamente negativa decorrente entre as duas Igrejas. Esse fato prende-se ao seguinte: os

cavaleiros da IV cruzada invadem e saqueiam Constantinopla, quando deveria dirigir-se a uma das áreas de conflito sob domínio islâmico.

Essa situação de invasão permanece até 1261, quando esses cavaleiros são derrotados e expulsos da cidade. A Ortodoxia proibida durante esse período é restabelecida. (12)

A Igreja Ortodoxa, diferentemente da Igreja Católica Romana, tem sua atuação inserida em um abstracionismo plenamente místico, voltada a contemplação, resgatando atores da Igreja Primitiva que, além de Cristo e Seus Apóstolos, elenca grandes personalidades no contexto Patrístico, onde se destacam:

Santo Antão do Egito, Orígenes, Pseudo-Dionísio “O Areopagita”, Máximo “O Confessor” e Simeão “O Novo Teólogo”. Observa-se que no que se refere ao Catolicismo Romano, uma situação diversa estabelecida no pragmatismo e numa ordem mais legalista o que acabou por encaminhar essa Igreja a uma tendência para a secularização. Isto se explica pelo fato de a Igreja no ocidente haver adequadamente a Doutrina Cristã à legislação romana em vigência no Império. Citando Lossky em sua obra, *Oração e Santidade na Igreja Russa*, Elisabeth Behr-Sigel afirma que:

“Se a Igreja não conheceu há vários séculos grandes movimentos teológicos comparáveis aos da Escolástica, da Reforma e da Contra Reforma, é certo que nela todos os focos de vida santa nunca se extinguíram. A sua imobilidade não foi entorpecida em formulas arcaicas, mas ao contrário, muitas vezes foi sinal de contemplação ardente, de espera, cheia de esperança e amor, da parusia do Senhor, de vida espiritual autêntica, mas oculta aos olhos do mundo e de uma sociedade que procuram só fins utilitários e temporais”. (LOSSKY, 1944 apud BEHR-SIGEL, 1993, p.22)

(12) Deve ser destacado que a latinização imposta pelos cruzados que invadiram Constantinopla, não colocou fim a *Doutrina em Retidão*. A Ortodoxia sobreviveu durante toda ocupação latina, evidentemente não na capital bizantina, e sim no exílio, em Nicéia. Em 1208, um sínodo confirmou como Patriarca, Miguel Autorianos que vinha chefiando a Igreja Ortodoxa em solo nicênico desde 1205, isso pelo fato de João X Camaterus, Patriarca de Constantinopla quando da invasão, refugiou-se na Trácia, recusando se fixar em Nicéia, o que motivou Autorianos a se assumir como Primaz da Igreja Ortodoxa no exílio.

Diferenças dogmáticas, litúrgicas e disciplinares entre a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa e a Igreja Católica Apostólica Romana.

Esta parte explicará as diferenças entre as igrejas separadas, faz face a dogmática, liturgia e disciplina.

Para uma melhor explanação sobre esse assunto, o livro, *A Igreja Ortodoxa no Mundo*, escrito pelo já falecido Metropolita Ortodoxo Antioquino do Rio de Janeiro, Dom Georges El Hajj, nos fornece a confiabilidade necessária para a mesma, assim, é trazida a luz uma síntese interpretativa sobre o assunto, refletida sobre essa parte da obra, já citada outras vezes no transcorrer desse capítulo.

Sobre os Concílios, a Igreja Ortodoxa só admite os primeiros sete concílios, sobre os quais já se escreveu nesse texto, ao passo que o catolicismo romano admite vinte.

A respeito do Filioque. A Igreja Ortodoxa discorda sobre a procedência do Espírito Santo estar no Pai e no Filho, conforme a crença latina, admitindo que a origem Pneumática advém apenas do Pai.

A Sagrada Escritura e a Santa Tradição para o ortodoxo tem igual valor na condição de fontes de Revelação, já o Catolicismo considera como tradição mais importante a Escritura.

Sobre a Consagração das espécies (pão e vinho) na missa, reproduzimos literalmente o escrito de El Hajj:

“A consagração do pão e do vinho, durante a missa, no Corpo e no sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, efetua-se pelo Prefácio, Palavra do Senhor e Epiclese, e não pelas expressões proferidas por Cristo na Última Ceia, como ensina a Igreja Romana. (p.24)

No que se refere a infalibilidade: A Igreja Romana acredita na infalibilidade do Bispo de Roma, isso não é aceito pela Igreja Ortodoxa que aceita a infalibilidade como uma prerrogativa de toda a Igreja, jamais de uma só pessoa. Isso quer explicar que, acima do Papa, são importantes as decisões conciliares.

Os ortodoxos acreditam que todos os bispos são iguais, tendo em alguns o reconhecimento de uma primazia de honra ou uma supremacia de fato. No caso do Patriarca Ecumênico, ele recebe o título honorífico de *Primus Inter Pares*. Entre os católicos romanos o Bispo de Roma possui o direito universal sobre toda a Igreja Cristã.

A virgem Maria é uma mulher nascida do pecado como todas as demais. Por definição do Papa Pio IX em 1854, ocorreu a proclamação de um dogma de fé, a imaculada concepção, no qual se prega o nascimento da Virgem sem a mácula do pecado.

O purgatório para os católicos ortodoxos, bem como o limbo, não existem. Porém essas localidades mitológicas são crenças entre os membros da Igreja Latina.

Sobre a morte, a igreja ortodoxa especifica que, os que morrem não são levados diretamente ao céu ou ao inferno. Aguardam o Dia do Juízo Final, para reconhecer o seu destino na eternidade. Não existe também um juízo particularizado no sentido de apreciar o destino das almas, em seguida a morte do corpo, e sim um juízo universal.

Interessante diferença é encontrada na administração do Sacramento da Santa Unção, que pode ser feita várias vezes às pessoas enfermas. Pelo lado católico Romano, tal sacramento é ministrado apenas nos momentos de agonia ou sob perigo de morte eminente.

Sobre a Crisma, na Igreja Católica Romana, esse sacramento só pode ser ministrado pelo Bispo. Entre os ortodoxos pelos sacerdotes comuns. (13)

Uma questão interessante refere-se ao divórcio, uma vez que a Igreja Católica Apostólica Romana nega tal condição. A Igreja Ortodoxa admite o divórcio, entretanto, deve ser compreendida tal admissão sem encará-la como algo banal, ausente de critérios de seriedade. As segundas núpcias de um divorciado só acontecem após o homem ou a mulher nessa condição de separação, conseguir provar que foi vitimado (a) por alguma espécie de injúria no primeiro matrimônio.

Sobre as alegações da pessoa é montado um processo, e enviado à autoridade ortodoxa local que dará ou não a aprovação ao novo casamento, após ter concluído seu julgamento sobre o caso apresentado.

Outras diferenças ora elencadas são as seguintes:

- Na Igreja Ortodoxa não existe a permissão ao uso de imagens em formas de estátuas como nos templos latinos, apenas ícones.
- Os homens casados podem optar pela vida sacerdotal, já entre os romanos, é imposto o celibato oriundo do voto de castidade.
- Os ortodoxos tem seu batismo por imersão, os romanos por aspensão.
- Na Eucaristia, a Igreja Ortodoxa usa o pão com levedura, os católicos romanos sem a levedura.
- No tocante ao calendário, são diferentes para as duas igrejas, principalmente no que se refere à Páscoa da Ressurreição. Raríssimas vezes culminam dessa festa ser em dia comum às duas Igrejas.

(13) Em casos especiais, a exemplo de perigo de morte, o sacerdote católico romano pode aplicar o sacramento do Crisma se, for da vontade da pessoa, caso contrário essa prática é terminantemente proibida a eles conforme os cânones da Igreja Latina.

- Na comunhão dos fiéis ortodoxos são usados as duas espécies, o pão e o vinho, já no catolicismo romano, apenas o pão, apesar de que, se for da vontade do sacerdote pode também ser aplicado o vinho, mas, isso raramente acontece.
- Muitas devoções pertinentes à tradição católica romana, não são reconhecidas pela Igreja Ortodoxa, como exemplo: Sagrado Coração de Jesus, Corpus Christi, Via Crucis, Rosário, Cristo-Rei, Imaculado Coração de Maria entre outras comemorações. O mesmo ocorre pelo lado católico no que toca algumas devoções da Igreja Ortodoxa.
- Entre os ortodoxos a aplicação do santo Myron (Óleo para o Sacramento da Crisma) e a Comunhão ocorrem imediatamente após o Batismo.
- Sobre a confissão e a absolvição dos pecados, os sacerdotes latinos absolvem em seu próprio nome como representante de Deus: *“Ego absolvo a peccatis tuis”*. Na Igreja Ortodoxa o sacerdote expressa que Deus absolve os pecados – *“Deus te absolve de teus pecados”*.
- Sobre o processo de canonização dos santos, isso é diferente entre os ortodoxos; nele o povo atua no reconhecimento de seu estado de santidade. Na Igreja Católica Romana, existe uma maior dificuldade para o reconhecimento da santidade, tornando o processo de canonização bastante moroso, ainda que atualmente existam novas regras para o apressamento desses processos. Para melhor exemplificação do que ora é escrito, foi consultada a obra de Kenneth L. Woodward, *A Fábrica de Santos*, de onde extraiu-se o seguinte:

“Qualquer que seja o nome que se lhe dê, um novo caminho foi aberto no velho leito da estrada para a canonização. Conservou-se o formato jurídico do antigo sistema – em essência, a continuação dos tribunais locais de modo a que as testemunhas possam depor –, mas com a preocupação de compreender e avaliar a forma específica da santidade do candidato em um contexto histórico preciso. Em resumo, o sistema funciona da seguinte maneira:

A investigação e coleta de provas estão sob a autoridade do Bispo local. Antes de iniciar uma causa, porém, ele deve consultar os demais bispos da região sobre a propriedade da canonização. É obvio que, numa era de comunicações instantâneas, um candidato cuja fama de santidade não tenha chegado a vizinhança será difícil de justificar. O Bispo nomeia, então, os funcionários necessários para investigar a vida, as virtudes e/ou o martírio do candidato. Parte dessa investigação inclui ainda o depoimento de testemunhas oculares. Mas a principal preocupação é que a vida e o background histórico do candidato sejam exaustivamente investigados por peritos treinados nos métodos histórico críticos. Escritos publicados ou inéditos do candidato ou sobre o candidato são reunidos e avaliados por censores locais quanto à sua ortodoxia. Em outras palavras, esse julgamento não é mais feito em Roma. Todavia, o candidato tem ainda de passar por uma checagem de segurança feita pelas congregações competentes do Vaticano e receber um nihil obstat da Santa Sé. Se o Bispo ficar satisfeito com os resultados de seu inquérito, ele envia o material para Roma". (WOODWARD, 1990, p.95)

- No sacramento matrimonial ortodoxo, o ministro é o padre e não os noivos.

Desmembramento e Dispersão da Igreja Ortodoxa

Conforme escrito anteriormente, muitas heresias marcaram a história da Igreja (Sécs.IV e VII) que levaram a um definhamento do prestígio dos Patriarcados de Jerusalém, Alexandria e Antioquia que, junto a Roma e Constantinopla formavam a Santa Pentarquia dos Patriarcados Apostólicos. Isso acabou por elevar o prestígio de Constantinopla, no que toca a defesa da Ortodoxia Cristã. Todavia, a história demonstrou que, nos períodos pós-cisão, o Patriarca

constantinopolitano foi por sua vez perdendo o seu poder com as independências proclamadas e aceitas de outras Igrejas também reconhecidas como ortodoxas, ficando um número bastante reduzido de Igrejas dependentes diretamente de sua jurisdição canônica. Essas Igrejas são compostas pelos seguintes Patriarcados: Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Igreja da Rússia, Igreja da Romênia, Igreja da Grécia, Igreja da Geórgia. Apesar dessas terem alcançado a sua independência, reconhecem o Patriarca de Constantinopla como *Primus Inter Pares* (Primeiro Entre os Iguais), título honorífico.

Essas Igrejas que hoje se encontram na condição de autonomia foram através dos tempos tornando-se independentes da jurisdição canônica de Constantinopla por uma série de motivos, contudo, não são demonstradas nessas separações, qualquer situação que evidenciasse atitudes forjadas em litígios. Muitos foram os fatores que levaram a tais separações que, sob aspecto algum, pode ser compreendidas como cismas. Como exemplo desses fatores, cita-se a invasão turca de Constantinopla por Mohamed II no ano de 1453. A partir dessa data o Império Bizantino, depois denominado Otomano, passa a ter como principal forma de religião o Islamismo. A Catedral de Santa Sofia (Santa Sabedoria), na época o maior monumento a Cristandade foi transformado em Mesquita Islâmica por exigência do invasor. Isso levou evidentemente a um enfraquecimento do Cristianismo Ortodoxo, uma vez que sua sede não mais era regida por um governo cristão.

Outro exemplo é retirado da Igreja Ortodoxa da Grécia, país que ficou sob domínio do Império Otomano a partir de 1453 e conseguiu sua independência em 1830. Nesse mesmo ano, um sínodo da Igreja Ortodoxa daquele país solicitou sua independência em relação ao Patriarcado constantinopolitano, que acabou reconhecendo-a em 1850. O líder da Igreja Grega, todavia, não se assumiu como Patriarca e sim, como Arcebispo de Atenas.

Como pode ser notado, muitos processos de independência das Igrejas Ortodoxas ocorreram por motivações de ordem política e nacionalista, como foi o caso da Igreja da Albânia, assim comentado por El Hajj:

“A Igreja da Albânia (...) vizinha da Grécia, constituía uma diocese dependente do Patriarcado Ecumênico. Com a independência adquirida em 1912, desenvolveram-se os esforços em prol da independência religiosa, também. Contudo, a eclosão da primeira guerra mundial naquele tempo, não permitiu a concretização desse anelo. Em 1926, porém, o Patriarcado Ecumênico reconheceu a independência da Igreja Albanesa, mas a Itália, que ocupou esse país pelas armas, impediu a proclamação oficial do alvará religioso, enquanto instigava os albaneses a não aceitá-lo. Quando se restabeleceu a independência do país, o governo da Albânia enviou uma delegação oficial integrada pelo Arcebispo de Tirana e um ministro de Estado, para solicitar essa graça ao Patriarcado Ecumênico em Istambul. Após várias conferências que se prolongaram durante muito tempo, o Patriarcado expediu o alvará reconhecendo a independência da Igreja Ortodoxa sob a chefia do Arcebispo de Tirana, no ano de 1937”. (EI HAJJ, p.137).

De qualquer forma, não há como negar que a expansão da Igreja Ortodoxa se deu quase sempre em termos da independência de novas Igrejas. O Patriarcado de Jerusalém foi o primeiro a consegui-lo, ainda no século IV, quando da realização do Concílio de Nicéia, tendo sua confirmação no Concílio de Calcedônia, século V. A respeito da discussão que envolve a independência desse Patriarcado, localizado no berço do Cristianismo, consultou-se a obra de Roberto Kathlab, sob o seguinte título: *As Igrejas Orientais – Católicas e Ortodoxas – Tradições Vivas*, de onde pode ser extraído o seguinte a sobre o assunto:

“(...) a cidade de Jerusalém, por seu tamanho constituía uma pequena diocese dependente do Arcebispado de Cesaréia e este dependente do Patriarcado de Antioquia, até que em 325, o Concílio de Nicéia declarou autonomia da Igreja de Jerusalém e no Concílio de Calcedônia (451) o seu bispo, Juvínio recebeu o título de Patriarca, passando assim ao quinto lugar de

precedência após o Patriarcado de Antioquia (Roma, Alexandria, Antioquia e Jerusalém). Com isso o Patriarcado de Jerusalém desenvolveu rapidamente, adquirindo mais prestígio e aumentando o número de Dioceses, igrejas, mosteiros, instituições religiosas (...)' (KATHLAB, 1997, p.80)

No tópico que trata das independências das Igrejas Ortodoxas em relação ao Patriarcado Ecumênico de Istambul (antiga Constantinopla), deve-se refletir que o nacionalismo, embora elemento de peso para tais dispersões, não deve obscurecer o fato de a Sede Ecumênica da Igreja Oriental Ortodoxa haver sido cerceada por um governo islâmico que ainda impõe duras regras ao Cristianismo Ortodoxo em suas jurisdições. A Catedral de Santa Sofia pode ser tomada como exemplo; mesmo após ter deixado de ser uma mesquita, esse templo não retornou às mãos do Patriarcado, e sim transformado em Museu Nacional, enquanto o Palácio de Fanar (O Farol) nas imediações da cidade, acabou destinado a Sede Patriarcal. Um outro fator de relevância nesse sentido aplica-se ao motivo de todos os Patriarcas Ecumênicos eleitos, pós-invasão turca, devem obrigatoriamente ser da nacionalidade turca.

Diáspora

As Igrejas que ainda têm dependência canônica do Patriarcado Ecumênico são muito poucas, e as que se apartaram de seus Patriarcados locais, jurídicas e geograficamente são as seguintes:

- Igreja Americana Greco – Católica Ortodoxa
- Carpático – Russa
- Igreja Ucraniana da América e do Canadá
- Arquidiocese Russa na Europa Ocidental
- Diocese Albanesa da América

- Monte Athos – Grécia (14)
- Dedocanesso (15)

Após apontar essas denominações que tem dependência canônica do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, julgou-se importante fechar essa parte com um quadro geral de todo o Conjunto das Igrejas Ortodoxas existentes até os dias atuais:

Quadro Geral das Igrejas Ortodoxas no Mundo

Patriarcados Antigos ou da Pentarquia

- Patriarcado de Constantinopla (ou Patriarcado ecumênico da Grande Igreja do Cristo) (451)
- Patriarcado de Alexandria e de toda a África (325)
- Patriarcado de Antioquia e de todo o Oriente (325)
- Patriarcado de Jerusalém (451)

Patriarcados Medievais

- Patriarcado de Moscou e de toda a Rússia

(14) Monte Athos, reconhecido pelo nome grego de Agion Oros (Montanha Santa), localizado no litoral das três quase ilhas da Península de Calcídique – Grécia, a 2.033 metros de altura, com 336 km quadrados de extensão. Os mosteiros lá instalados guardam um rico patrimônio cultural, incluindo os originais de Epístolas Paulinas. Politicamente, está sob os auspícios do governo grego e canonicamente responde ao Patriarcado de Constantinopla.

(15) O Dodecanesso é um conjunto de ilhas localizadas no Mar Egeu à Costa Turca na Ásia Menor. A principal dessas ilhas é a Ilha de Rhodes.

Patriarcados Modernos

- Patriarcado dos Sérvios (1920)
- Patriarcado da Romênia (1925)
- Patriarcado da Bulgária (1971)
- Patriarcado – Katholikosado da Geórgia (1990)

Autocefalias ⁽¹⁶⁾ Antigas

- Arcebispado de Chipre (431)

Autocefalias Modernas

- Igreja da Grécia (1850)
- Igreja Ortodoxa da Polónia (1924)
- Igreja Ortodoxa da Albânia (1937)
- Igreja Ortodoxa da República Tcheco e Eslováquia (1998)

Autocefalias concedidas por Moscou e não reconhecidas por Constantinopla

- Igreja Ortodoxa da América (1970)

Autocefalias não canônicas, não reconhecidas por nenhuma outra Igreja Ortodoxa

- Arcebispado de Ochrida (República ex-iugoslava da Macedônia) (1967)
- Igreja Ortodoxa Ucraniana Autocéfala (1990)
- Igreja Ortodoxa Ucraniana – Patriarcado de Kiev (1992 – Patriarcado desde 1995)

(16) Autocefalia, termo que na Eclesiologia ortodoxa corresponde as Igrejas Autocéfalas, ou seja, aquelas que são governadas por si mesmas.

Igrejas Autônomas

- Igreja Ortodoxa da Finlândia (no âmbito do Patriarcado de Constantinopla) (1923)
- Igreja Ortodoxa da Estônia (no âmbito do Patriarcado de Constantinopla) (1923, repristinada em 1966).
- Igreja Ortodoxa do Japão (no âmbito do Patriarcado de Moscou) (1970)
- Igreja Ortodoxa da Ucrânia (no âmbito do Patriarcado de Moscou) (1991)

Igrejas Semi-Autônomas

- Arcebispo do Sinai (no âmbito do Patriarcado de Jerusalém) (566)
- Igreja de Creta (no âmbito do Patriarcado de Constantinopla) (1961)

Igreja Cismáticas “Tradicionalistas” (Fora da Comunhão Ortodoxa)

- Igreja Ortodoxa Russa no Exílio (Sede em Manhattan, New York) (1920)
- Igrejas Paleomologitas (Do Velho Calendário) na Grécia, Romênia, Bulgária e Chipre (desde 1924)

Igrejas Originadas do Cisma dos “Velhos Ritualistas” (Ou Velhos Crentes) (1666)

- Metropolia de Moscou e de toda a Rússia (Jurisdição de Belokrinica) 1847
- Metropolia de Moscou e de toda a Rússia (jurisdição de Novozybkov)
- Metropolia de Braila (Romênia)

Pluralidade Ortodoxa no Brasil

Dentro desse quadro é que se situa a Igreja Ortodoxa na América Latina. No Brasil, está presente em numerosas paróquias originárias de vários

Patriarcados, bem como outras da imigração que estão canonicamente ligadas ao Patriarcado Ecumênico.

No Município de São Paulo, por exemplo, existem na região central representações importantíssimas: Igreja Ortodoxa de Antioquia, localizada no bairro do Paraíso, a catedral de São Pedro e São Paulo, sede do Arcebispado Metropolitano (Arquidiocese de São Paulo e todo o Brasil) que atende à comunidade sírio – libanesa paulista, além de manter uma instituição de ensino e asilos para idosos, um em Santo Amaro, zona sul e outro no bairro do Tatuapé, na zona leste. Essa Igreja possui templos na cidade de Santos e interior paulista, além de outras paróquias distribuídas pelos estados brasileiros.

Muito expressiva também é a presença da Igreja Grega Ortodoxa; dependente eclesiasticamente da Arquidiocese Grega da América do Norte e Sul, que responde ao Patriarcado Ecumênico. Dessa denominação estão no município de São Paulo, a catedral de São Pedro, localizada à rua Bresser, no bairro do Brás e a paróquia Ortodoxa da Dormição da Santa Mãe de Deus, no bairro do Cambuci. Contam-se ainda, templos no sul do Brasil, destacando-se em Florianópolis a Igreja de São Nicolau.

O Bispado Grego-Ortodoxo responsável pelas paróquias brasileiras e países sul americanos localiza-se na Argentina, mais precisamente em Buenos Aires.

A Igreja Ucraniana, ligada à Igreja Metropolitana de Nova York, iniciou suas atividades em terras brasileiras ainda no séc. XIX. É uma das Igrejas Ortodoxas que conta com grande número de atividades em território nacional, no tocante á paróquias e formação de seminaristas. Os primeiros núcleos ucranianos ortodoxos no Brasil se instalaram nas seguintes localidades do Estado do Paraná: Dorizon, Antônio Olinto, Cruz Machado, Marco Cinco, Gonçalves Junior, São Roque, Curitiba, Piraquara, Guajuvira, Iapó (Castro), Joaquim Távora, Nova Ucrânia, Maringá, e após a II Guerra Mundial em Palmital e Ponta Grossa. Dessa denominação encontra-se ainda paróquias nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Neste último as

comunidades ortodoxas ucranianas fixaram –se em regiões da Grande São Paulo: Osasco e São Caetano do Sul. No ano de 2002, os ucranianos ortodoxos fundaram em Curitiba, ao lado da catedral de São Demétrio, o Seminário Santos Cirilo e Metódio, no sentido que os vocacionados não precisem sair do Brasil para sua formação sacerdotal como ocorre entre outras Igrejas de denominação ortodoxa aqui instaladas.

Das Igrejas aqui apresentadas, todas são de rito bizantino (17), sendo sua liturgia cantada na língua pátria, evidenciando-se a manutenção do ritual tal qual em sua terra natal. São Igrejas da imigração, voltadas ao atendimento de suas comunidades, o que revela um certo isolamento, fundamentado em um etnicismo peculiar a todas elas, apesar de se pretenderem Católicas e Apostólicas, isto é universais.

Capítulo III

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa – Patriarcado de Moscou

Conforme já expressado anteriormente, nossa pesquisa visa o estudo da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio.

Esclarece-se que essa Igreja se desmembrou do Patriarcado de Moscou por não aceitar as regras impostas pelo governo soviético sobre o Clero Ortodoxo russo, tornando-se assim, elemento fundamental da imigração russa, ou seja, das pessoas que discordavam do regime socialista instalado após a revolução de 1917.

(17) Não foram incluídas as denominações pré-calcedonianas, ou seja, Igrejas que não estão em comunhão com as Igrejas favoráveis ao Concílio de Calcedônia, que refutou a tese monofisita de Eutiques; Ortodoxas e Católica Romana. No Brasil, porém, existem representações relativas a essa denominação monofisita que também se auto proclamam ortodoxas, contando com um considerável número de fiéis e templos, no município de São Paulo: Igreja Ortodoxa Armênia de São Jorge, localizada no bairro da Luz; Igreja Ortodoxa Sírio-Jacobita Santa Maria, estabelecida no Bairro de Mirandópolis; Igreja Ortodoxa Sírio-Jacobita Santo Antônio em Vila Mariana e Igreja Copta Ortodoxa São Marcos na região de Jabaquara. Elas não têm qualquer similaridade com o rito bizantino, possuem outro, mas freqüentemente usam o rito de São Thiago.

Porém, antes de dar início a parte que trata diretamente dessa denominação ortodoxa russa no exílio, também reconhecida como Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras, julgou-se coerente efetuar um histórico sobre a Ortodoxia na Rússia, remontando um pouco a respeito dos períodos de evangelização desse povo, até a criação do Patriarcado propriamente dito, bem como, as mudanças que o Cristianismo Ortodoxo Russo sofre após a revolução bolchevique de 1917.

Conforme a narrativa de Nestorio, o cristianismo penetrou na Rússia já no primeiro século através do Apostolo André, que teria sido o introdutor do Evangelho nessa nação, após haver percorrido toda a região localizada a norte do Mar Negro, atingindo o rio Dnieper, onde se localizava a cidade de Kiev.

É dito que no IV século, existiam várias dioceses na Rússia Meridional e, a evangelização daquele povo se consumou em meados do século IX, a partir do intercâmbio promovido pelos povos radicados nas províncias pertencentes a Kiev, com Constantinopla. Nesse período era o imperador bizantino, Basílio I (867-886), que enviou missionários à Rússia para maior propagação da Boa Nova de Cristo. Essas missões iniciaram-se no período de governo de Miguel III (842-867), período no qual ocupava o trono patriarcal de Constantinopla, o Patriarca Fócio (829-891), que enviou aos povos eslavos os padres gregos, Cirilo e Metódio, que seriam reconhecidos como evangelizadores dos povos eslavos, e criadores da língua eslavônica. Complementando esse episódio, El Hajj fornece a seguinte informação:

“Esse movimento, contudo só tomou configuração séria e positiva em virtude da conversão da princesa russa Olga, no ano de 957, ao visitar a imperial cidade de Constantinopla e receber o batismo na Igreja de Santa Sapiência, Hagia Sofia, da própria mão do Patriarca Ecumênico Pauleavito. Seu filho, porém, Jaroslav não quis abraçar o cristianismo. No entanto, seu neto Vladimir, filho de Jaroslav, impressionado com o incentivo de sua avó Olga e convencido de apoiar a idolatria, decidiu abandoná-la e buscar uma religião melhor. E assim no ano de 987, após mandar várias delegações percorrer o mundo em

busca de melhor religião celestial, a religião cristã ortodoxa teve no seu e nos corações de seu povo a melhor receptividade. Foi no ano de 988 que Vladimir se batizou e, junto com ele homens do Estado e grandes multidões do povo”. (EL HAJJ, p.127)

Dessa maneira, o cristianismo bizantino converteu-se na fé dos três povos originários a partir do reino Rus´Kiev: Russos, Bielo-Russos e Ucrânicos. A religiosidade cristã então, conhecia um florescimento maduro. No livro de Jan Magalinsk , Igreja Ortodoxa Russa – Exílio e Fé em Goiânia, o autor dá o seguinte esclarecimento sobre esse assunto:

“De acordo com o Proto-Presbítero N.Millus, “o Evangelho de Cristo foi propagado na Cítia, a qual corresponde hoje ao território da Ucrânia, já no século I, pelo Santo Apóstolo André. No século IX, o cristianismo foi reforçado pela evangelização dos santos irmãos Metódio e Cirilo.

Após a formação do Estado Rus de Kiev pelo Príncipe Oleg em 882, durante o principado de Igor (913-945), os cristãos já possuíam em Kiev uma catedral com o nome do profeta Elias. O Cristianismo oficialmente foi proclamado pelo príncipe Volodomyr, o Grande (980-1015) no ano 988.

Naquele tempo a atual Rússia não existia. O território da atual Rússia era parte integrante do Estado Rus de Kiev.

O Cristianismo de Kiev propagou-se a Oeste, Norte, Nordeste e Leste até as margens do Oceano Pacífico”. (MAGALINSK, 2005, p.45)

“A Terceira Roma” ou Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa

A partir do momento que Vladimir e o povo russo aceitaram o cristianismo, a Igreja Ortodoxa Russa inicialmente ficou dependente à Santa Sé de Constantinopla. Os Bispos de Kiev, capital russa naquele momento eram todos gregos, recebendo sua nomeação do Patriarca Ecumênico constantinopolitano. Conforme dados históricos, o primeiro Bispo russo foi Hilário, empossado em

1051, e os seus sucessores continuaram a receber a sagração de Constantinopla até o século XVI.

Entretanto, esse florescimento bem como sua evolução acabou encontrando uma interrupção quando da invasão dos mongóis, o que levou à dispersão a maioria da população para região norte.

Já no século XIV, o metropolita de Kiev passou a residir no próspero principado de Moscou, sendo declarada essa região, sede metropolitana. Com relação a transferência em 1328, o Arcebispo passou a ser declarado, Arcebispo de Kiev e Moscou. No ano de 1461, torna-se chefe supremo da Igreja Russa sob o título de Metropolita de Moscou e toda a Rússia.

Ao passo que em 1453 Constantinopla era invadida pelos turcos otomanos que professavam o islamismo, na Rússia ocorria a expulsão dos mongóis, tornando-se um poderoso estado independente. Em um texto traduzido pelo hieromonge Padre André (18), destaca-se a passagem seguinte:

“O fato de Roma ter caído em heresia e a segunda Roma (Constantinopla) nas mãos dos turcos islâmicos, fez com que alguns russos começassem a se referir a Moscou como “Terceira Roma”, a qual preservaria a Tradição e a pureza da fé ortodoxa e a civilização romana. O Czar (César) era agora o novo campeão e protetor da ortodoxia, do mesmo modo que, em outros tempos havia sido o imperador bizantino. A Igreja Ortodoxa Russa neste tempo já desenvolvia seu próprio estilo, tento na liturgia como na iconografia”. (p.2)

Recorrendo novamente a obra de Georges El Hajj, observa-se a seguinte explanação no tocante a evolução da Igreja Russa:

(18) Extraído do site www.russian-orthodox-church.org.ru.

“No ano de 1586, durante a visita do Patriarca Antioquense Joaquim (da família Dau, de origem árabe), que buscava donativos na Rússia, pediu-lhe ajuda o imperador Teodoro Ivanovitch para elevar o arcebispado de Moscou a Patriarcado. O Patriarca Joaquim empenhou-se junto ao Patriarca Ecumênico Jeremias II, para esse fim. Em conclusão, o próprio Patriarca Ecumênico se dirigiu pessoalmente a Moscou e consagrou seu arcebispo Job, com o título de Patriarca de Moscou e Tõda (sic) Rússia no domingo, 26 de Janeiro do ano de 1589. E foi o primeiro Patriarca russo”.

Foi ratificado esse acontecimento num grande Concílio realizado, após em Constantinopla, no ano de 1593, por convocação dos quatro Patriarcas, o Ecumênico, o Alexandrino, o Antiquense e o Hierosolimita, quando deliberou considerar o Patriarca russo o quinto na procedência entre seus colegas os Patriarcas todos iguais na posição e no respeito. Não obstante, os russos continuaram a requerer a confirmação antecipada do candidato, antes de ser empossado como patriarca, até o ano de 1657, durante o patriarcado de Nikon, ocasião em que a Igreja Russa adquiriu sua completa independência do Patriarcado Constantinopolitano. Assim a administração da igreja russa passou as mãos dos legítimos patriarcas russos em número de dez, de Job (1589) até Adriano, o último falecido em 1702”. (EL HAJJ, p.128)

Em meados do séc. XVII, a Igreja na Rússia será abalada por um cisma de proporções consideráveis provocado pelo Patriarca Nikon. Essa ruptura no seio da Igreja ocorreu, pelo fato desse Patriarca haver realizado uma série de reformas em numerosos usos litúrgicos locais, com a intenção de adaptá-los aos costumes gregos. Muitos ortodoxos negaram-se se submeter a tais reformas, prendendo-se às tradições nesse campo. Os cismáticos passaram então a serem reconhecidos como “velhos crentes”.

Com as mudanças ocorridas no regime político russo, após a revolução socialista de 1917 que determinou o fim do estado monárquico, teremos um

movimento muito forte na Igreja que repudiava a nova mentalidade política acreditando-a nociva ao cristianismo praticado pelo povo russo.

No mês de Agosto de 1917, após a abdicação do Czar ao trono, às vésperas da revolução socialista, a Igreja Russa, reunida em um Sínodo na Capital Moscou, resolve restaurar o Patriarcado (19). Para essa cátedra foi eleito o Metropolita Tikon de Moscou. Esse Patriarca foi um forte crítico do comunismo em seus primeiros anos como chefe da Igreja Ortodoxa Russa. Dado tais críticas terminou sendo preso e após um ano de reclusão moderou sua crítica ao regime recém-instaurado. No ano de 1925 em 25 de Março, falece Tikon, possivelmente assassinado a mando do governo. Sobre o período pós-morte do Patriarca Tikon, Magalinsk explica que:

“Até o falecimento do Patriarca Tikon, a Igreja Ortodoxa Russa de todas as partes do mundo estava unida sob sua autoridade. Após sua morte, ocorrida em 25 de março de 1925, o Metropolita Pedro de Krutisk, foi escolhido para ocupar o trono patriarcal. Era aceito por mais de cinquenta bispos, os quais constituíam a maioria da Igreja. Pedro conhecendo a situação reinante, indicou nomes de três possíveis substitutos no caso de seu aprisionamento ou assassinato pelos agentes do governo. Tanto o metropolita Pedro como seus possíveis substitutos foram aprisionados e obrigados a assinar uma “Declaração” onde constava que a Igreja estava aberta ao regime ateísta. O Governo Soviético convocou primeiramente o Metropolita Pedro, oferecendo-lhe o trono patriarcal, porém impondo-lhe suas condições. Ele recusou-se a ocupar o trono em tais condições. Em seguida foi convocado o Metropolita Sérgio e este aceitou as condições propostas, tornando-se dessa forma, o Patriarca de toda União Soviética. Segundo as normas da Igreja, ele se auto proclamou o seu primeiro mandatário; portanto, essa proclamação carece de valor canônico. Em seguida ele editou a difamatória “Declaração”, de que tanto o Governo Soviético fazia questão, na qual prestava lealdade aos

(19) No ano de 1721, sob o regime do Czar Pedro “O Grande” o Patriarcado Ortodoxo Russo foi abolido.

comunistas e entregou a administração da Igreja aos ateus para fazerem uso dela conforme suas necessidades. Isso constituía flagrante violação ao 34º Cânon Apostólico.” (p.49)

Essa passagem histórica citada por Jan Magalinsk reflete a heresia do “*Sergianismo*”, conforme declara a dissidente, Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio.

A Igreja das Catacumbas

Sérgio chefiava então, um órgão ligado ao estado soviético e, evidentemente os fiéis arraigados a verdadeira Igreja Ortodoxa não concordavam com tal situação, motivo este que, irá gerar uma Igreja paralela dentro da Rússia, reconhecida como Igreja das Catacumbas, numa alusão aos primeiros cristãos que oficializavam seus cultos nas catacumbas de Roma para fugir a perseguição do império pagão.

Como surgiu essa Igreja paralela? O Metropolita José de Leningrado em desacordo com a fusão da Igreja com o comunismo, protestou contra a declaração expedida por Sérgio tendo na pessoa de outros Metropolitas, aliados a sua contestação. Tal situação gerou um período de perseguições e exílios. José foi exilado para a Ásia Central, sendo depois assassinado. “*Esse Metropolita, a 6 de fevereiro de 1928, declarava-se separado da igreja ateuista e beligerante*”. (**MAGALINSK**, p.50). Pode-se considerar essa data como a fundação da Igreja das Catacumbas, na qual seus seguidores ficaram alcunhados de josefistas (20). O clero Josefista, bem como aqueles que congregavam essa igreja, sofreram toda espécie de martírio, prisões seguidas de execuções os assolaram por negarem-se ao reconhecimento da Igreja Oficial do Estado Socialista.

(20) Josefistas: como eram reconhecidos os Padres que ficaram fiéis ao Metropolita exilado, José de Leningrado, Metropolita da Igreja das Catacumbas.

A Igreja das Catacumbas foi considerada ilegal a partir de sua fundação em 06 de fevereiro de 1928, tratada pelo governo como uma seita. Um grupo insubordinado que deveria sofrer toda espécie de represálias.

“Segundo as declarações do Sínodo dos Bispos realizados de 1º a 14 de setembro de 1971, em Montreal, a Igreja Ortodoxa Russa fora das Fronteiras estava em comunhão litúrgica com essa Igreja e revelava ao mundo a situação de fato vivida por ela na União Soviética.

Segundo informações, existiram três Igrejas naquela situação histórica. Duas eram verdadeiras e a terceira forjada pelo governo comunista para aliciar os incautos”. (MAGALINSK, p.50)

Autoridade Ortodoxa defende a ligação Estado-Igreja na União Soviética

Fazendo referências a Igreja Ortodoxa Russa – Patriarcado de Moscou , que ficou ligada ao regime revolucionário, reconhecida como Igreja Oficial, é importante fundamentar que, suas autoridades eclesíásticas, ainda presas a heresia do *sergianismo* defendiam essa ligação abominada pela dissidência tanto interna como da diáspora, e a defesa do próprio regime foi manifestada por algumas importantes personalidades ligadas ao Patriarcado de Moscou. Como exemplo, destaca-se um escrito relativo ao restabelecimento do Patriarcado e o decreto de 1918, deixado pelo Metropolita Filaret, em obra de sua autoria, *Escogemos La Vida*, no qual vislumbra-se uma apologia ao movimento revolucionário, bem como ao regime instituído na Rússia em 1917:

“EI RESTABELECIMIENTO DEL PATRIARCADO Y EL DECRETO DE 1918!”

“el derrumbre de la autocracia em febrero de 1917 dio inicio a la separacion de la iglesia respecto ao Estado. Fue anulado el puesto de procurador Superior Del santo Sínodo. Em agosto Del mismo año comenzo los labores el Concilio de toda Rusia.

*Em octubre los obreros y campesinos tomaram el poder em sus manos. La gran Revolucion Socialista de Octubre, segun declaro Su Santidad el Patriarca Pimen, “realizo transformaciones cardinales em la vida de la sociedad. Hizo realidad los sueños geraciones se seres humanos y convirtió em patrimônio del pueblo las riquezas naturales del país y los medios de produccion. Cambió la esencia misma de las relaciones humanas e hizo que todos nuestros ciudadanos sean iguales entre si, excluyó de nuestra sociedad toda posibilidad de que exista enemistad alguna entre personas de diversas razas y nacionalidades, entre individuos de diversas concicciones, creencias y condición social’.La “Declaración de los derechos de los pueblos de Rusia”, aprobada el octavo dia despues del triunfo de la revolucion , anuló toda clase de privilegios e limitaciones nacionales y religiosas. Con ello se suprimió la desigualdad de las Iglesias em el Estado.(...). “Del concepto de los derechos humanos no se desprende de ninguna manera que la religion sea incompatible com los derechos del hombre ; al contrario, entre estos derechos se señala claramente **el derecho a ser creyente, a profesar cualquier religion, a praticar los actos de culto. El privilegio de fé es um derecho universal del hombre”, escribio Carlos Marx.**” (FILARET, 1987, p.48) (21)”.*

(21) A derrubada da autocracia em fevereiro de 1917 deu inicio a separação da Igreja e Estado. Foi anulado o posto de procurador superior do Santo Sínodo. Em agosto do mesmo ano, em Moscou iniciou seus trabalhos o Concílio de toda a Rússia. Em outubro os trabalhadores e camponeses tomaram o poder em suas mãos. A Grande Revolução Socialista de Outubro. Segundo declarou Sua Santidade o Patriarca Pimen, “realizou” transformações orientadoras em toda a vida da sociedade. Tornou realidade os sonhos de muitas gerações de seres humanos e converteu em patrimônio do povo as riquezas naturais do país e dos meios de produção. Trocou a essência mesma das relações humanas e permitiu que nossos cidadãos sejam iguais entre si, excluiu de nossa sociedade toda possibilidade de que exista inimizade alguma entre as pessoas de diversas raças e nacionalidades , entre indivíduos de diversas convicções, crenças e condição social”. A “Declaração dos direitos dos povos da Rússia “, aprovada ao oitavo dia depois do triunfo da revolução, anulou toda classe de privilégios e limitações nacionais e religiosas. Com ela se suprimiu a desigualdade das Igrejas no Estado. Quero sublinhar que os fundadores do socialismo científico sempre consideraram que a liberdade é parte inalienável dos direitos civis.(...) Do conceito dos direitos humanos não se desprende de nenhuma maneira que a religião seja compatível com os direitos do homem; ao contrário, entre esses direitos se assinala claramente **o direito de ser crente** , a professar qualquer religião, a praticar os atos do culto. **O privilégio da fé é um direito universal do homem**”, escreveu Karl Marx”

O texto ora citado foi retirado de um livro escrito em 1987, período esse no qual o povo russo vivia ainda sob os auspícios do regime socialista. É demonstrado claramente nas palavras de Filaret e nas do penúltimo Patriarca moscovita, Pimen (22), já falecido, a concordância entre o sistema de governo socialista com a Igreja oficial. Um texto bastante polêmico no que toca a “direitos”, “igualdade”, “liberdade”, “não preconceito” entre outras virtudes. Mas se seguirmos os relatos anteriores onde se explanou sobre perseguições, prisões, exílios e execuções, poderá ser percebido que existe uma certa incoerência nesse desenvolvimento, principalmente no que toca a questão da religiosidade na Rússia socialista.

Não existe aqui, entretanto, qualquer idéia de defesa que penda para alguma parte, procura-se apenas fazer um relato fiel ao que está sendo lido, analisado, estudado e interpretado sem a intenção de se criar um juízo definitivo. Mas, antes da conclusão para esse capítulo e para demonstrar uma oposição ao *sergiano*, Metropolita Filaret, tomou-se à liberdade de reproduzir a seguinte passagem traduzida pelo hieromonge Padre André:

“Muitos templos fechados logo depois da revolução de 1917 e, outros tantos durante a segunda onda de fechamentos de igrejas sob o período de Krushev (1959-1962). Cabe destacar que, enquanto no ano de 1917 a Igreja Ortodoxa contava com 77.767 igrejas (entre paróquias e monastérios) na década de 70 restavam apenas cerca de 6.800. O número de monastérios, que no ano de 1914 era de 1.498 viu-se reduzido para 12 apenas e, os 57 seminários teológicos que funcionavam na Rússia em 1914, foram reduzidos a três, na cidade de Leningrado (São Petersburgo) e Odessa.” (p.2)

(22) O Patriarca Pimen teve seu falecimento ao final do séc. XX, para o trono patriarcal foi escolhido o Patriarca Aléxis, que até então está a testa da Igreja Ortodoxa Russa – Patriarcado de Moscou.

Todavia, ressaltamos que, não é objetivo dessa pesquisa historicizar o cristianismo russo-ortodoxo, mas sim, um grupo que se evadiu da Igreja Oficial por não estar em concordância com a ligação do Patriarcado e o Estado. Um grupo que se propôs a continuar com a religiosidade ortodoxa, para além das fronteiras, inseridos num isolacionismo ressaltado na tradição religiosa e no nacionalismo, fazendo essas duas partes comungar de maneira harmoniosa em uma terra, totalmente nova para esses imigrantes.

II PARTE

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ORTODOXA RUSSA NO EXÍLIO

Capítulo I

Aspectos Históricos

A História que envolve a criação da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio é marcada por páginas um tanto trágicas. Um momento revelado nas dificuldades e perseguições criadas pelos dirigentes do estado socialista que havia sido implantado na Rússia após a revolução do ano de 1917, bem como situações pautadas na desumanidade durante a II Grande Guerra.

Citando novamente o Patriarca Thikon, no sentido de relacionar sua pessoa com a criação da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, recorreu-se ao Professor Magalinsk que de forma precisa, expõe o seguinte sobre o assunto:

“O Patriarca Thikon, recém-eleito, pressentindo a tragédia que adviria à Igreja Ortodoxa Russa, previu antecipadamente uma forma de impedir a extinção total desta Igreja.

Providencialmente, uma das primeiras medidas que ele tomou foi a expedição de um Decreto, segundo o qual os Bispos impossibilitados de entrar em contato com a autoridade eclesiástica central na capital do país teria como obrigação a formação de um Colégio com plenos direitos e poderes para substituir esta autoridade pelo tempo que seria determinado pelas circunstâncias. Assim no sul do país, separado pela linha de combates entre os exércitos Vermelho e Branco, instalou-se a Direção, encabeçada por um dos mais venerados dignatários da Igreja, o Metropolita (1) de Kiev Dom Antônio Kharapovitski. O valor do decreto de Dom Thikon

(1) Título honorífico concedido para um Bispo que irá ocupar um cargo de liderança dentro da Igreja Ortodoxa

não tardou a ser comparado de maneira eloqüente. Bispos, sacerdotes, monges e milhares de fiéis foram presos, torturados, levados para regiões glaciais nas proximidades do Círculo Polar Ártico, ou simplesmente fuzilados.(...) Silenciados os dignatários da Igreja dentro do país, restavam agora os membros da Diretoria Superior da Igreja, que se dirigiram para Constantinopla, atendendo ao convite do Patriarca Sérvio e do Governo Real da Iugoslávia (sic), país muito hospitaleiro. Ali com participação do Patriarca Sérvio, foi estruturada a Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia ou seja, no Exílio que imediatamente entrou em relacionamento e em comunhão litúrgica com as demais Igrejas Ortodoxas. Desde então se incumbem de levar a Fé Ortodoxa a milhares de fiéis dispersos pelo mundo inteiro, de proteger a Sagrada Doutrina Ortodoxa de deturpações e heresias, de manter alerta a opinião pública mundial sobre as condições em que se acham os irmãos de Fé na Rússia.” (MAGALINSK, 2005, p.55 e 56).

Dom Antônio Kharapovitski foi escolhido como Metropolita de todos os ortodoxos russos fora da Rússia e, deve ser escrito que os fiéis ortodoxos russos na diáspora pertencentes a essa denominação são chamados de karlowi, nome originário da localidade na qual teve lugar o primeiro Sínodo dos Bispos no exílio, Stremsky karlovcy, na Iugoslávia para onde se dirigiram os russos exilados por volta do ano de 1920. Seguindo as indicações de Magalinsk ao citar Bresgunov, tem-se a seguinte explanação: “A Igreja ortodoxa Russa no Exílio não mantém vínculo, nem mesmo litúrgico com a Igreja Ortodoxa Soviética, limitando-se a deixar ao juízo do Senhor a validade dos atos religiosos por ela praticados”.(BRESGUNOV, apud MAGALINSK, p.56).

O Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio permaneceu na Iugoslávia até 1945, quando após a Segunda Guerra Mundial, aquele país foi introduzido no regime comunista, o que obrigou os ortodoxos fora das fronteiras a um novo processo de emigração, seguindo para a Alemanha que se tornou a nova sede para os dirigentes dessa denominação ortodoxa.

Em 16 de dezembro de 1945, o Metropolita Anastácio, sucessor de Dom Antônio, falecido em 1936, realizou uma reunião em München que contou com a participação de catorze Bispos. Decidiu-se que München seria a nova sede daquela Igreja, situação esta que permaneceu até o ano de 1951, quando seu órgão principal transferiu-se para Nova York nos Estados Unidos. Nesta localidade está atualmente a sede da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras, tendo por endereço 75 East 93th St, New York. N.Y.

Em 1963, depois de mais de trinta anos à frente dessa Igreja, Dom Anastácio contando com noventa anos de idade renunciou ao cargo.

Um novo Sínodo foi reunido no ano de 1964 no mês de Maio, e nesta reunião episcopal que contou com mais de vinte Bispos, elegeram o Metropolita Filaret (Voznessenskiy) que contava com sessenta e um anos de idade, originário da Mandchúria, e que desde o mês de maio de 1963, ocupava a cátedra na Metropolia de Bisbane na Austrália.

Em artigo publicado na Revista USP em seu número 67 referente ao trimestre de Setembro, Outubro e Novembro de 2005, foi enfatizado a respeito da relação dessa Igreja e sua ligação junto aos seus fiéis que:

“Para esses fiéis, a igreja tem vital importância fora das fronteiras da pátria. É parte integrante e norteadora a vida do emigrado para que não se desvançam suas estruturas morais, espirituais e todo seu contexto cultural de origem. Além disso, propicia o contato com seus pares étnicos”.(LOIACONO, 2005, p.129).

Capítulo II

A Ruptura entre a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio e o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla

Para tratar desse assunto, é necessário que se introduza uma explanação a respeito da grande transformação pela qual iria passar a Igreja Católica Apostólica Romana no início da década de 60 no século XX. Essa mudança refere-se ao processo de maior popularização da Igreja Latina o que iria atacar de maneira frontal o conservadorismo no qual o Catolicismo Ocidental estava mergulhado. Essa modificação teve lugar ao final do Pontificado do Papa João XXIII e no início do Pontificado do Papa Paulo VI, e ficou reconhecida nas medidas retiradas do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Este Concílio que se pautava no ideal de uma renovação no agir do clero Católico Romano junto à população de seus fiéis, incluiu também uma revisão nas relações entre a Igreja Católica Apostólica Romana e o mundo cristão Ortodoxo. Relações que estavam abaladas desde o ano 1054, quando iniciou o cisma entre as duas partes que compunha o Corpo de Cristo na terra, período este no qual as duas metades lançaram seus anátemas uma sobre a outra por motivos já apontados anteriormente através de alguns exemplos.

Responsável pela Cátedra Patriarcal ⁽²⁾ em Constantinopla, Atenágoras I em um histórico encontro ocorrido em Jerusalém com o Papa Paulo VI, conversaram sobre o final das excomunhões existentes pelas duas partes, introduzindo um novo diálogo entre o Catolicismo Romano e a Ortodoxia. Naquele momento, chegava ao final o longo silêncio mantido por quase mil anos entre os dois setores mais significativos do Cristianismo Apostólico.

Sobre esse assunto, julgou-se coerente introduzir uma passagem da obra, *História dos Concílios Ecumênicos* organizada por Giuseppe Alberigo:

(2) Relativo ao posto ocupado por quem for eleito ao cargo de Patriarca na Igreja Ortodoxa, ou outros cargos correlatos ao governo na Igreja, por exemplo, o de Metropolita.

“Paulo VI (...) anunciou a própria decisão de realizar uma peregrinação a Jerusalém, durante a qual se encontraria com o Patriarca de Constantinopla, Atenágoras. O Papa fazia sua, pois a ânsia de unidade que percorria todos os cristãos; ir a Jerusalém era um ato de humildade, que confessava o débito de cada cristão em relação ao anúncio evangélico, e de submissão às origens mesmas da Igreja”.(ALBERIGO, 1995, p. 416)

Deve ser esclarecido que as decisões relacionadas ao fim das excomunhões entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa não tiveram, entretanto, a aprovação de muitas autoridades de denominações ortodoxas, incluindo-se aí a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio. Fato este que levou os russos fora das fronteiras a um rompimento com Constantinopla, bem como o não reconhecimento do Patriarcado Ecumênico sobre essa jurisdição ortodoxa.

No período o qual transcorreram tais acontecimentos, estava a testa da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio, o Metropolita Filareto (Voznesensky) que, acabou por se tornar um dos mais severos críticos ao Patriarca Atenágoras e sua decisão de dar um paradeiro as excomunhões lançadas à Igreja Latina. Dom Filareto entendeu que essa atitude do Patriarca de Constantinopla constituía uma traição que maculou a tradição que envolvia a Doutrina Cristã Ortodoxa.

Isso ficou bastante claro em missiva redigida por este Metropolita e endereçada a Atenágoras, documento este que será aqui reproduzido em sua íntegra, no sentido de maior elucidação do sentimento de desaprovação da atitude do Primaz de Constantinopla por parte do líder da Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras.

A carta em questão foi traduzida por Rafael Resende Daher (3):

(3) Pesquisa feita no site www.ortodoxia.com.br Brasil.

“PROTESTO AO PATRIARCA ATENÁGORAS DE CONSTANTINOPLA SOBRE A RETIRADA DOS ANÁTEMAS DE 1054”.

Por Metropolita Filareto (Voznesensky) de Nova Iorque (sic)

2 de Dezembro de 1965

Vossa Santidade,

Nós herdamos dos Santos Padres um legado de que tudo na Igreja deve ser feito de uma maneira legal, unânime e de acordo com a antiga Tradição. Se qualquer um dos bispos e até mesmo o primaz de uma Igreja Autocéfala faz algo que não está de acordo com o ensinamento de toda a Igreja, qualquer membro da Igreja tem o direito de protestar contra ele. O 15º Cânon do Primeiro e Segundo Concílio de Constantinopla de 861 descreve como “merecedor de desfrutar a honra entre os cristãos Ortodoxos, os bispos e clérigos que se separam até mesmo da comunhão de seu patriarca, se este torna pública uma heresia, e a ensina abertamente na Igreja, que sempre foi protegida pelo zelo de que nada de importante pode ser decidido sem o consentimento de todos.

Desta maneira, nossa atitude em relação aos vários cismas ocorridos fora dos limites das igrejas autocéfalas particulares, foi de nunca determinar nada sem o consentimento comum de todas as igrejas.

No principio, nossa separação de Roma foi declarada apenas em Constantinopla, e tornou-se mais tarde um assunto preocupante em todo o mundo Ortodoxo. Nenhuma das igrejas autocéfalas, e especificamente a altamente estimada Igreja de Constantinopla, da qual nossa Igreja Russa recebeu o tesouro da Ortodoxia, mudou qualquer coisa sobre assunto sem o consentimento geral de todos. Além de que, nós, os bispos que governam no momento, não podemos tomar decisões em

relação ao Ocidente que discordem dos ensinamentos dos Santos Padres que viveram antes de nós, especialmente São Fócio de Constantinopla e São Marcos de Éfeso.

Na luz destes princípios, embora sendo o mais jovem primaz, líder da parte autônoma da Igreja da Rússia, consideramos que é nosso dever declarar um protesto categórico contra a ação de Vossa Santidade; contra sua declaração solene e simultânea com o Papa de Roma em relação à remoção da sentença de excomunhão feita pelo Patriarca Miguel Celulário em 1054.

Ouvimos muitas expressões de perplexidade quando Vossa Santidade. Diante do mundo inteiro executou algo novo e incomum a seus antecessores, como também incompatível com o 10º Cânone Apostólico, durante sua reunião com o Papa de Roma, Paulo VI, em Jerusalém. Ouvimos dizer que após este ocorrido, muitos monastérios do Santo Monte Athos se recusaram a mencionar seu nome nos serviços religiosos. Deixemos dizer francamente, a confusão era grande. Mas agora Vossa Santidade foi além, com sua própria decisão com a dos bispos de seu sínodo para cancelar a decisão do Patriarca Miguel Celulário, aceita por todo o Oriente Ortodoxo. Nesse caminho, Vossa Santidade está agindo contra a atitude acordada por toda a nossa Igreja em relação ao Catolicismo Romano. Não é apenas uma avaliação sobre o comportamento do Cardeal Humberto. Não é apenas uma controversa pessoal entre o Papa e o Patriarca que pode ser curada facilmente pelo mútuo perdão Cristão; não; a essência deste problema está na divergência arraigada entre a Ortodoxia e a Igreja Romana durante os séculos, que começou com a doutrina sobre a infalibilidade do Papa formulada definitivamente no Concílio Vaticano I. A declaração de Vossa Santidade em conjunto com o Papa reconhece um gesto de “perdão mútuo” insuficiente para colocar um fim nas diferenças antigas e recentes. Além de que, seu gesto coloca um sinal de igualdade entre o erro e a verdade. Durante séculos a Igreja Ortodoxa acreditou com razão que nunca violou a doutrina dos Santos Concílios Ecumênicos,

afirmando que a Igreja Romana introduziu inovações em seu ensinamento dogmático.

Quanto mais inovações eram introduzidas, maior ficava a separação entre Oriente e Ocidente. As divergências doutrinárias de Roma no décimo primeiro século ainda não continham os erros que foram adicionados depois. Então, o cancelamento da excomunhão mútua em 1054 poderia ter sido significativo naquela época, mas hoje evidencia apenas a indiferença em relação aos maiores erros, isto é, as novas doutrinas estranhas à antiga Igreja, que foram expostas por São Marcos de Éfeso, razão pela qual rejeitou a União de Florença.

Nós declaramos com firmeza e categoricamente:

Nenhuma união da Igreja Romana conosco é possível, sem que Roma renuncie todas suas doutrinas inovadoras, e nenhuma oração em comunhão pode ser restaurada sem a decisão de todas as igrejas, porém, isto não é possível antes da libertação da Igreja Russa, que no momento, vive nas catacumbas. A hierarquia que está sob a autoridade do Patriarca Aleixo não pode expressar a verdadeira voz da Igreja Russa, pois está sob um governo irreligioso. Primazes de outras igrejas em países sob domínio comunista também não são livres.

Considerando que o Vaticano não é apenas um centro religioso, mas também um estado, e considerando que estas relações também são de natureza política, como fica ainda mais evidente na visita do Papa às Nações Unidas, devemos pensar na possibilidade da influência de algumas autoridades irreligiosas nos assuntos da Igreja Romana. A história é testemunha, de que as negociações com heterodoxos sob pressão de fatores políticos nunca trouxe nada mais do que confusões e heresias.

Então, achamos necessário declarar que nossa Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia, e certamente, a Igreja Russa que está nas catacumbas, não consentirá com qualquer diálogo com outras

confissões e que também rejeita qualquer compromisso feito com elas, acreditando que a união com elas só é possível com a aceitação da Fé Ortodoxa mantida até hoje, na Igreja Santa, Católica e Apostólica. Enquanto isso não ocorre, a excomunhão declarada pelo Patriarca Miguel Celulário ainda é válida, e a retirada feita por Vossa Santidade é um ato ilegal e nulo.

Certamente não fazemos oposições às relações generosas com representantes de outras confissões, contanto que a verdade da Ortodoxia não seja traída. Portanto, nossa Igreja aceita o convite em seu devido tempo para enviar observadores ao Concílio Vaticano II, assim como o envio de observadores ao Conselho Mundial de Igrejas, para que tenhamos informações em primeira mão dos trabalhos destas assembléias, sem participar de suas deliberações.

Nós amamos a recepção gentil dada aos nossos observadores, e estudamos com interesse a exibição de seus relatórios sobre as mudanças que estão introduzidas na Igreja Romana. Nós agradeceremos a Deus se estas mudanças servirem para trazê-la à Ortodoxia. Porém, Roma deve mudar muito para voltar à “profissão de Fé dos Apóstolos”, ao contrário da Igreja Ortodoxa, que mantém esta fé impecável e não deve mudar nada.

A Tradição da Igreja e o exemplo dos Santos Padres nos ensinam que a Igreja não pode possuir nenhum acordo ou diálogo com os que se separaram da Ortodoxia. A Igreja deve, de preferência, convidá-los a um monólogo para a rejeição de suas doutrinas dissidentes.

Um verdadeiro diálogo implica em uma troca de visões com a possibilidade de persuadir os participantes até um acordo. Como podemos perceber na Encíclica “Ecclesiam Suam”, o Papa Paulo VI entende o diálogo como um plano para nossa união com Roma, mas de maneira que mantenha a doutrina romana inalterada, e particularmente, a doutrina dogmática sobre a posição do Papa na Igreja. Porém, qualquer acordo com o erro é

estranho à história da Igreja Ortodoxa e a essência da Igreja. Não pode haver harmonia entre confissões de Fé, mas apenas uma unidade externa ilusória, semelhante à conciliação das comunidades protestantes dissidentes no movimento ecumênico.

Que tal traição à Ortodoxia não ocorra entre nós.

Pedimos sinceramente que Vossa Santidade termine esta confusão, pois o caminho que o senhor escolheu seguir, mesmo que traga uma união com os católicos romanos, provocará um cisma no mundo Ortodoxo. Certamente muitos de seus filhos espirituais irão preferir a unidade com a Ortodoxia ao invés de uma união obtida através de um acordo com heterodoxos, sem harmonia completa com a verdade.

Pedindo as vossas orações, sou servo humilde de Vossa Santidade,

+Metropolita Filareto

Presidente do Sínodo de Bispos da Igreja Ortodoxa Russa Fora da Rússia.”

A história demonstra que o perdão das anatematizações foram mantidos e a aproximação entre Constantinopla e Roma realmente ocorreu, significando que as solicitações de Filareto não foram suficientes para a criação de um novo juízo de valores por parte de Atenágoras, no sentido de conduzi-lo a uma revisão de seu ato, levando a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio a apartar-se do Patriarcado Ecumênico, em manutenção do seu ideal de salvaguardar a verdadeira Tradição Ortodoxa como vem ocorrendo até o atual momento, uma vez o sucessor do Patriarca Atenágoras, Dimitrius I, ter se esforçado durante sua gestão para dar continuidade a esta abertura ecumênica.

Capítulo III

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo

Relação Igreja - Fiéis

Essa denominação da Ortodoxia apresenta-se como um caso exemplar de religião universal etnicizada, cristalizando um apelo radical aos preceitos ortodoxos que ocasionalmente poderão sofrer uma descaracterização pelo processo de imigração. Isto é, a religião passa a se confundir com etnia.

Conforme afirmado anteriormente, esse grupo desvinculou-se dos Patriarcados de Moscou e do Ecumênico de Constantinopla, ficando essa denominação subordinada à jurisdição Eclesiástica de Buenos Aires e América do Sul, ligada a Metropolia (Arcebispado) de Nova York, em Park Avenue, Manhattan sob a responsabilidade de Sua Ema. Revma. Metropolitana Lauro Skurla.

Esse ramo da Igreja Ortodoxa Russa, mantém em São Paulo, diversos templos fundados entre as décadas de 30 e 50 do século passado. Comunidades paroquiais localizadas nos seguintes bairros: Vila Alpina, Vila Zelina, Moema e Bairro da Pedreira em Santo Amaro, mantendo também uma comunidade na cidade de Carapicuíba na grande São Paulo.

Conforme já dito, essa pesquisa em verdade, teve início no ano de 2005 na paróquia de Moema, erigida em homenagem a São Sérgio de Radonej (4), onde foi possível ter um preâmbulo a respeito da importância da Religiosidade Russa Ortodoxa Fora das Fronteiras para os fiéis que a freqüentam. Sua importância é sentida no ideal de manutenção das tradições culturais sufocadas pela Revolução Socialista de 1917:

(4) São Sérgio de Radonej (1314-1392). É o santo mais amado dos santos russos, pelo homem que foi, pelo seu caráter. É um santo camponês, simples e humilde, grave, gentil e amigável. Foi abade no Mosteiro da Trindade (Troitsa Lavra), recusando o bispado metropolitano de Moscou em 1378. Enfatizou principalmente a sua pobreza pessoal e comunitária e a erradicação do egoísmo. Seu túmulo no Mosteiro de Zagorsk ainda é muito visitado por peregrinos.

Língua, Calendário e também o apoio dado pela Igreja às festas do folclore entre outros elementos culturais. A Igreja então, é responsável diretamente pela espiritualidade e apoiadora de aspectos profanos que exprimem as tradições ligadas a cultura de um povo que foi obrigado a emigrar.

Conforme escreve Roberto Kathlab, existe uma outra denominação ortodoxa russa também em diáspora, mas que não está mais ligada a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio. Trata-se da Arquidiocese Russa Ortodoxa na Europa Ocidental. Sobre essa outra Igreja Ortodoxa Russa esse autor expressa o seguinte:

“Segue a mesma história e tradição da Igreja Russa Ortodoxa, até que os fiéis exilados na Europa Ocidental, após a Revolução Soviética (1917), em 1926 deixaram a Igreja Russa Ortodoxa do Exílio e se colocaram em 1931 sob a Jurisdição do Patriarcado de Constantinopla; este reconheceu a Arquidiocese na Europa Ocidental como um “Vicariato Especial”. A Arquidiocese compreende praticamente a França e a Bélgica. O famoso “Instituto Teológico Ortodoxo de São Sérgio” em Paris – França está sob a jurisdição desta Arquidiocese”. (KATHLAB, 1997, p.111)

Ainda tratando sobre a Ortodoxia Russa em Diáspora, não pode ser deixada de lado a Igreja Ortodoxa na América – Russa. A respeito dessa denominação, obteve-se a informação que a mesma passou a existir a partir de missões feitas no Alasca no ano de 1794. No ano de 1868, quando o Alasca passou a pertencer aos Estados Unidos, essa denominação acabará por possuir uma Sé Episcopal em Nova York, que será erigida em 1905. Em 1926, esta comunidade irá se desligar do Patriarcado de Moscou, ligando-se em 1935 a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, entretanto, em 1946 grande parte dos fiéis pertinentes a essa Igreja voltou a restabelecer uma união simbólica de submissão jurídica com o Patriarcado Moscovita, porém, mantendo-se autônoma. Em 1970 o Patriarcado Russo Ortodoxo concedeu a

Igreja Ortodoxa na América o estatuto de autocefalia, condição esta que não obteve o reconhecimento do Patriarcado de Constantinopla. Essa outra Igreja Ortodoxa Russa não mais se manteve em comunhão com a Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras e, conta atualmente com fiéis na Ucrânia, Romênia, na própria Rússia, Albânia, indígenas pertencentes a região do Alasca e norte-americanos que se converteram a Ortodoxia. Seu líder cujo nome atual não se conseguiu obter, ostenta o título eclesiástico de Metropolita de toda a América e de todo o Canadá.

A Paróquia de São Sérgio de Radonej em Moema – SP

Ao final da II Guerra Mundial, milhões de exilados e refugiados russos, que perderam absolutamente tudo, se espalharam pelas ruínas da Europa. Em 1947 muitos países transoceânicos ofereceram asilo a esses refugiados, uma esperança de nova pátria e, ao final desse ano e, em 1948 e 1949 os russos apátridas partiam ao encontro de uma nova vida em um novo domicílio em países desconhecidos, que traziam em seus corações e espírito amor a sua verdadeira Igreja.

Os russos que chegaram ao Brasil nesse período encontraram duas igrejas em São Paulo, construídas por focos migratórios anteriores, mais precisamente após a Revolução Socialista na Rússia em 1917. A catedral de São Nicolau no centro da cidade, na Rua Tamandaré, e a igreja Santíssima Trindade na Vila Alpina, afastada do centro. Estes templos, os quais até então comportavam todos os fiéis, acabaram por se tornar insuficientes para aqueles que chegavam da Europa, até os pátios deles ficava repletos de pessoas que vinham participar das liturgias. Esses russos recém-chegados da Europa se instalavam em bairros periféricos onde o custo de vida era mais acessível as suas condições econômicas. Desta feita, surgiu então a idéia de se criar uma paróquia na zona sul de São Paulo, no Bairro de Moema, localidade esta que naquela época abrigava muitas famílias russas, uma vez ser este bairro formado e habitado por imigrantes. Com a benção de Dom Teodósio, Arcebispo de São Paulo e do Brasil, foi procedido o aluguel de uma residência na rua Sábia, e os paroquianos envolvidos pela grande fé a eles peculiar,

demonstraram profundo empenho na reforma e adequação deste imóvel, dando a ele as características de uma pequena igreja e no final da Grande Quaresma do ano de 1952, o padre Alexandre Samoilovich oficializou a primeira missa na nova igreja que passou sempre a estar lotada de fiéis, estava então criada a Paróquia de São Sérgio de Radonej.

Dentre alguns anos chegaram novas levas de russos vindos da China que logo começaram a participar da Paróquia e, entre esses refugiados ou imigrantes, estava o padre Nicolau Paderin que posteriormente iria ocupar a cátedra de Bispo do Brasil e São Paulo sob o nome de Dom Nicandro que introduziu a edição do calendário ortodoxo e, desde então nessa Paróquia esse calendário é editado anualmente e, a partir do ano 2000 ficou possível incluir nele uma tradução para o português.

Quando padre Alexandre teve que empreender uma viagem aos Estados Unidos, sede da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, um outro Cura foi designado para São Sérgio, um homem já de idade cujo nome era Nicolau Vassilenko e depois dele, o jovem e enérgico padre Nicolau Paderin. Padre Nicolau em 1967 foi elevado à categoria de Bispo e nomeado Bispo do Rio de Janeiro. Após a morte de Dom Teodósio, foi designado para a sua cátedra, Dom Serafim, Bispo do Brasil e Venezuela, porém, dado a sua idade avançada tinha dificuldades em cuidar destas duas sedes e, conseqüentemente Dom Nicandro ficou responsável pela Diocese brasileira, com o título de Bispo de São Paulo e todo o Brasil.

No início dos anos 60 no Brasil ainda praticamente não existia a aposentadoria, e em conseqüência disto, muitos russos, seduzidos pela sólida situação econômica dos Estados Unidos, transferiram-se para a América do Norte, o que levou a um esvaziamento das igrejas em São Paulo, e a igreja de São Sérgio de Radonej ficou bastante prejudicada no que toca ao aspecto econômico, uma vez, ter que arcar com um pesado aluguel pela ocupação da casa que funcionava como sede desta Paróquia, outro agravante se cristalizou quando o proprietário da imóvel resolveu vendê-lo. Mas deve ser ressaltado aí, o espírito ortodoxo do

povo que restava bem como dos clérigos responsáveis, pois, o ideal de Igreja falava muito alto dentro deles e, a paróquia não iria simplesmente morrer.

A custa de sacrifícios, os paroquianos adquiriram um terreno na Rua Gaivota, 898, no mesmo Bairro de Moema, e ali teve início a construção do templo em honra a São Sérgio de Radonej como ainda se apresenta até os dias atuais. O dinheiro era escasso, mas a irmandade que tinha a frente uma experiente líder cujo nome não foi possível obter, trabalhou de forma incansável, organizando uma série de eventos como almoços, rifas e coletas para o levantamento de fundos à continuidade da construção e assim aos poucos ia surgindo do nada a maravilhosa igreja em forma de cruz (5), com as construções adjacentes, salão para recepções, uma cozinha e no segundo andar um apartamento para o padre.

Em 11 de Julho de 1971 houve a solene sagração do novo templo, no qual desde então, Dom Nicandro, seu Bispo e pároco auxiliado pelo padre Sérgio Listov, celebrava regularmente as missas. Contando com avançada idade, padre Sérgio veio a falecer, ficando Dom Nicandro sem seu padre auxiliar, porém, mesmo que solitariamente deu continuidade a celebração dos ofícios litúrgicos até seu falecimento em 1987 após ter ficado muito tempo acometido por uma enfermidade.

Foi designado então para a paróquia em caráter temporário, o padre Constantino Bussyguin, que muito se empenhou no trabalho desta igreja. Para a Diocese do Brasil, foi designado Dom João, Bispo do Chile.

(5) Sobre a estética nas construções dos templos russos ortodoxos, explica-se que esta está fundamentada em três estilos arquitetônicos: em forma de Cruz, Circular e sob a forma de Barco. Estilos que funcionam como figuras emblemáticas relativas ao espaço sagrado. Cada uma delas explicita situações ligadas ao Cristo-Deus. Das igrejas em estilo cruciforme, simbolizam o Cristianismo como força salvífica, ou seja, o fiel ao entrar em templo nesse estilo procura a proteção da Cruz de Jesus, na qual o Deus-Encarnado entregou Sua Vida para remissão dos pecados da humanidade, vencendo a morte com a própria morte. Nas construções circulares, tem-se a representação da vida do homem no Século Futuro, a alma imortal e infinita. Nas em forma de barco está a representação da salvação da alma, o barco que orientado por Deus nos guia ao porto seguro. As igrejas russo-ortodoxas no Brasil são todas elas em forma de Cruz.

Um dos paroquianos, Aléxis Lisunencko, se prontificou a se tornar padre e em 1988 seguiu para o mosteiro em Jordanville, Estados Unidos, retornando como padre e pároco da igreja de São Sérgio, apesar de toda a sua vontade em servir sua doutrina, padre Aléxis tinha uma saúde fragilizada tendo dificuldades em celebrar as missas. Também por motivos originários na falta de saúde, Dom João se viu obrigado à aposentadoria, o que deixou a Diocese brasileira sem Bispo por muito tempo ficando responsável pelas funções administrativas o pároco da igreja Santíssima Trindade na Vila Alpina, padre George Petrenko. Em 1999 chegaria para o Brasil um novo Bispo, homem de envergadura inquebrantável e extremamente enérgico no que se refere à observação dos preceitos da ortodoxia russa no exílio, Dom Alexandre Mileant, Bispo de Buenos Aires e toda América do Sul. Foi a essa autoridade eclesiástica que padre Aléxis solicitou aposentadoria e, visto a gravidade de seu problema de saúde que o impedia de concretizar seu trabalho, o novo Bispo a concedeu. A paróquia passa então por um período sem pároco, o que levou as missas a ser rezadas dois sábados ao mês, ora por padre George Petrenko, ora pelo padre Constantino Bussyguin. Aos Domingos era feita uma série de orações no lugar da santa missa.

Em meio ao ano 2000, o filho de padre George Petrenko, o diácono⁽⁶⁾ Vladimir se gradua no Seminário de Jordanville, retornando ao Brasil e, no dia 24 de Setembro desse ano foi ordenado padre pelo Bispo Dom Alexandre Milleant, recebendo a incumbência de ser o pároco da igreja de São Sérgio de Radonej. Nessa mesma ocasião, foram ordenados também os diáconos Eugênio Braha e César Mortari que passaram após sua ordenação a auxiliar nas missas, conferindo-lhes mais beleza e solenidade, praxe da celebração ortodoxa da Igreja Russa no Exílio.

Os congregados, principalmente os mais antigos continuam árduos no seu trabalho de manutenção da igreja, no tocante à limpeza do espaço sagrado, em

(6) O diácono, ordem menor na Igreja desempenha o papel de auxiliar o sacerdote durante a celebração litúrgica. Ordem imediatamente inferior a do padre, mas extremamente importante dentro da Ortodoxia.

sua decoração nos dias festivos da Igreja, responsabilizando-se pela preparação de magníficas refeições para todos os que se encontram no templo nesses dias de festa, sendo inclusive muito receptivos e simpáticos para com os visitantes e, uma vez ao mês organizando bazares, onde são vendidos desde as deliciosas guloseimas da culinária russa, como os saborosos “*pirozhiki*” (bolinhos com uma receita especial russa) , além de objetos artesanais oriundos da cultura russa tais como: caixinhas e ovos de Páscoa de madeira pintadas com temas de contos de fadas russos, roupas, colares entre outros objetos. Esses congregados que se auto denominam irmandade também organizam rifas com diversos objetos doados.

Com o passar do tempo, tanto dos lados direito e esquerdo da igreja, bem como ao fundo foram sendo construídos prédios de apartamentos com muitos andares e em 1999 se pode verificar que tais construções acabaram por danificar o sistema de água e esgoto de tal forma que abaixo do altar se formou um grande buraco que comprometeu aquela parte do templo. Um jovem engenheiro russo, chamado as pressas empreendeu a necessária reforma, dando sua assistência e orientações para a manutenção em todos os aspectos. Sob as orientações desse engenheiro, foi podido melhorar em muito a estrutura predial da paróquia, a partir de uma reforma.

Desde o final do ano 2000 na igreja o padre Vladimir celebra regularmente todos os ofícios divinos com auxilio de um diácono e um leitor (7), demonstrando não só para a comunidade russa que frequenta esse templo como também a vizinhança, o que se pode denominar de uma vitória da ortodoxia sobre a série de percalços pela qual passou a igreja da rua Gaivota.

Conforme foi explicado pelo Padre Vladimir, este templo realiza esporadicamente também serviços litúrgicos para a comunidade sérvia em São Paulo, uma vez este grupo emigrado também pertencer à religiosidade ortodoxa, porém, não ter ainda aqui no Brasil uma sede da sua Igreja, o que os

(7) O leitor, outra ordem menor da Igreja Ortodoxa, é responsável pelas leituras do dia, além de também ser um auxiliar do sacerdote, inclusive nas atividades cerimoniais fora da Igreja.

leva a solicitarem dos russos no exílio o empréstimo do templo para algumas celebrações, bem como os serviços do sacerdote.

O Sagrado e o Profano: apóio e restrições da Igreja em relação às comemorações não religiosas entre os russos ortodoxos no exílio

O fato desses russos não possuírem instituições associativas, tais como clubes, agremiações e centros culturais no Brasil fica, portanto, a Igreja responsável pela manutenção da identidade étnica desse povo.

Nota-se, porém, no que se refere ao aspecto profano o seguinte: a Igreja apóia sim os eventos oriundos deste, entretanto, evidencia com força a identidade religiosa, uma vez, no que toca á preservação dos valores sagrados. O que se quer afirmar com isso? Foi esclarecido que dentro da Ortodoxia Russa Fora das Fronteiras, preservou-se os períodos correlatos a proibição do fiel na participação ou promoção de eventos festivos. A exemplo do sábado, esse é um dia no qual torna-se clara essa proibição. Isso ocorre, pautado em uma antiga tradição que as atividades litúrgicas tinham inicio nesse dia ao final da noite, perpassando por uma vigília que atravessava toda a madrugada, tendo o seu término na metade do dia de domingo.

Com o passar do tempo, houve modificações em relação a essa situação. No sábado são feitas as Vésperas que geralmente tem seu começo às 17 horas seguindo até as 20 horas, compreendendo-se nesse período como um inicio da celebração litúrgica, com uma pausa para ser retomada no domingo no horário de 9horas até as 12 horas.

Isso poderia ser compreendido como uma quebra na tradição, mas não se caracteriza assim, porque, nesse período de paralisação do momento sagrado, o congregado fica impedido aos divertimentos ou quaisquer outras formas de desvio, de situações que venham demovê-lo da imersão naquela aura mística na qual estava envolto. Então, orienta-se que nenhum tipo de festejo ou manifestações folclóricas sejam essas em localidades cedidas pela igreja ou não, ocorram. Essa regra é tão rígida que, nem mesmo os casamentos são

realizados aos sábados. Estes podem ser realizados em qualquer dia da semana, ou aos domingos após o meio dia.

Outro período em que se observa à abstinência de participação em eventos festivos é a Quaresma, que exige do fiel russo ortodoxo fora das fronteiras uma forte vigilância a sua própria pessoa, no sentido que o mesmo evite cair num estado pecaminoso. Tanto a regra para a guarda dos sábados, como para o período que compreende a quaresma, se for quebrada pelo fiel pode causar a ele a suspensão dos sacramentos, a excomunhão, seja por participação a um evento originário nos costumes russos ou não.

A Igreja vê nesses casos o direito de reprimir o fiel que falta para essas proibições com o ato de excomunhão, conforme foi constatado sobre um caso no qual, alguns fiéis mais jovens da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio participaram de desfiles carnavalescos, em período que essas festividades atravessaram o calendário da quaresma ortodoxa, e isso ainda foi agravado pelo motivo de desfilarem em um carro alegórico que tratava de um tema no qual havia uma representação da Rússia e, no dito veículo apresentavam-se torres de templos ortodoxos. Assim sendo, por falta de obediência ao seu pai espiritual, no caso a pessoa do sacerdote responsável por eles, procedeu-se a excomunhão (banimento aos sacramentos da Igreja), isso logicamente após ter havido um aconselhamento para que esses jovens ortodoxos não fizessem parte de tal evento.

Tal situação demonstra outra grande diferença entre a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio de outras denominações da Ortodoxia Cristã, incluindo-se também o Catolicismo Romano, pois, não existe por parte dessas igrejas no Brasil, esse critério de observação a tais práticas. Um exemplo claro disso está na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Antioquina, que promove em sua catedral sita a Vila Mariana-SP, todos os sábados, festividades no que toca a celebração de casamentos, bem como festas de origem folclórica entre outras, além de não ter mais o costume de celebrar as Vésperas. Pode disso ser compreendido mais um efeito da latinização pelas quais passaram outras denominações ortodoxas, uma recepção direta

emanada dos costumes vindos do Catolicismo Romano e sua forma de representatividade no Brasil, mais especificamente em São Paulo.

No que se relaciona a essa diferença em relação às outras igrejas ortodoxas instaladas no Brasil que são também de origem imigratória e o Catolicismo Romano, responsável pela orientação religiosa do maior percentual da população brasileira enfatiza-se cada vez mais, o ideal da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio ser através dos seus clérigos bem como de seus membros mais antigos a guardiã incondicional da pureza que emana da verdadeira Ortodoxia Cristã.

Para o fiel russo, a igreja tem vital importância fora das fronteiras da Pátria, conforme artigo escrito sobre o assunto na *Revista USP 67 – Religiosidade no Brasil* em 2005, foi esclarecido o seguinte a esse respeito:

“É parte integrante e norteadora da vida do emigrado para que não se desvançam suas estruturas morais, espirituais e todo seu contexto cultural de origem. Além disso, propicia o contato entre seus pares étnicos. Em suma, a religiosidade fluindo pela igreja atua como elemento de interação entre essas pessoas que aqui escolheram para dar continuidade as suas vidas, sem perder de vista a (sic) suas origens” (LOIACONO, 2005, p.128)

Conforme o pároco da comunidade de Moema, a Igreja é o centro de tudo para os russos, base para a continuidade de sua luta em um país onde se quer conheciam a língua. Ela evidencia o ideal de solidariedade que a Igreja deflagrou entre seus membros, o desenvolvimento à ajuda mútua entre eles, que foram emigrados da Europa e também os que estavam estabelecidos na China (8). Esse ideal de ajuda mútua funcionava da seguinte maneira; no plano psicológico e espiritual, a Igreja era o motor contra o desânimo que se instalava no íntimo dessas pessoas na diáspora, e elas auxiliavam a igreja, dando suporte financeiro. Obviamente, nem todas as famílias podiam arcar com esse suporte financeiro e, muito pelo contrário, recebiam ajuda material da própria igreja. Isso estreitava ainda mais os laços entre o fiel e a representação de sua denominação religiosa. Para uma melhor definição dessa situação, recorre-se a Durkheim em seu trabalho, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*:

“(...) acentua sempre o lado consensual da religião, sendo a igreja o espaço no interior do qual as crenças e práticas religiosas se articulam e se unem em torno de uma mesma comunidade moral” (DURKHEIM, 1989, p.20).

(8) Deve ser ressaltado que, quando ainda estava em vigor na Rússia o regime imperial czarista, ocorreu a construção da Estrada de Ferro Transiberiana e, muitas famílias russas que foram trabalhar nesse portentoso empreendimento, passaram a viver em regiões chinesas, como por exemplo na cidade de Xangai. Isso constituiu o principal motivo dessa corrente migratória aquele país da Ásia, tendo esse fluxo sofrido grande aumento motivado pela Revolução Socialista na Rússia em 1917 que determinou o fim do regime monárquico russo. Com a introdução do regime socialista implantado na China após a II Guerra Mundial, os sino-russos, foram obrigados pelo novo governo chinês a deixar aquela nação, refugiando-se em grande número na Austrália, América do Norte e América Latina, incluindo-se aí o Brasil. Destaca-se que esses refugiados chegaram a essas nações praticamente sem nenhum pertence apenas com uns poucos objetos pessoais, perdera, todas suas propriedades móveis e imóveis, mas agradeciam a Deus por ainda ter o maior dos bens que um homem pode possuir, a sua vida.

Um Rebanho que se dispersa

Padre Vladimir Petrenko, sacerdote responsável pela paróquia usada como base para essa pesquisa explicou que a religiosidade ortodoxa para o russo, principalmente das gerações mais antigas tem tanta consistência em suas vidas que, ao chegarem no Brasil, antes da construção de seus lares, procediam primeiramente à construção de sua igreja.

Com o passar do tempo, percebeu-se que os descendentes das primeiras correntes migratórias vão se afastando de sua doutrina motivados por uma série de fatores.

Um problema inicial é encontrado com a primeira leva de sacerdotes que vieram ao Brasil. Esses padres que não falavam a língua portuguesa e não fizeram questão de aprendê-la, tinham suas preocupações voltadas aquele momento, sem criação de expectativas para o futuro, ou seja, criar um trabalho para a manutenção dos filhos da imigração na senda que envolvia tanto as tradições comuns como as de ordem religiosa, não existiu por parte desses pais espirituais em suas paróquias um cuidado com a preparação desses jovens nesse sentido. Tal situação acabou por gerar uma espécie de ruptura na comunicação entre os padres e os fiéis mais novos, um desprendimento ainda não que total da igreja, mas de muitos dos preceitos doutrinários, em tudo se assemelhando a categoria de Protestantismo de imigração, segundo Mendonça (9).

Não se deve, entretanto, imputar a culpa desse abandono apenas aos clérigos mais antigos, mas também aos seus pais, muitas vezes preocupados com a sobrevivência em uma terra estranha e por não poder impedir seus filhos do convívio social, acabaram por não dar continuidade a preservação de sua cultura nativa, da qual faz parte a religiosidade ortodoxa.

(9) MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

Frederick Barth conceitua a respeito dessa perda o seguinte:

“Os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar, e as características culturais de seus membros podem igualmente se transformar - apesar de tudo, o fato da continua dicotomização entre membros e não membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e o conteúdo dessa transformação cultural.” (BARTH, 1998, p.195)

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, tanto em São Paulo, como nas demais localidades brasileiras onde existem paróquias dessa denominação, não tem atualmente demonstrado interesse no investimento em instituições para educação formal. Em conversação com Padre George Petrenko da Paróquia Santíssima Trindade, localizada à Vila Alpina – SP, foi obtida a informação que houve no passado uma tentativa de se criar uma escola russa ligada a essa paróquia, entretanto, tal intento não se consumou dado uma série de entraves burocráticos por parte dos órgãos ligados à educação no município. Isso levou muitos descendentes a procurar as escolas brasileiras, se inserindo nos costumes nacionais, o que levou também para um distanciamento da língua pátria.

“(...) A Igreja não tem demonstrado interesse pela educação formal. Não possui escola voltada ao ensino fundamental e médio (...). Em compensação, mantém escolas paroquiais onde se ministram cursos voltados ao ensino básico da língua russa para leigos, além de aulas catecismo”.(LOIACONO, 2005, p.129).

Salienta-se, porém, a respeito dessa informação que, esse trabalho é insuficiente, pois a procura dos descendentes para tais serviços é esparsa, o que não impede que os atuais padres dessa denominação ortodoxa desistam desse trabalho de recuperação da tradição religiosa entre esses fiéis.

Um outro elemento que toca ao desapego dos descendentes para com sua igreja é refletido na questão matrimonial. Quer se explicar com isso o seguinte, geralmente, o jovem russo tanto do gênero masculino como feminino, ao contrair núpcias com um nativo (a) brasileiro (a), permite-se sua perda de identidade ritual. Isso ocorre mais com maior significação entre os homens, pois, na maioria dos lares a responsabilidade do sagrado é das esposas, e com isso quase que de forma natural os maridos abraçam as confissões religiosas de suas mulheres, seja no catolicismo romano, seja em outras denominações religiosas em sua maioria cristãs.

Deve ser esclarecido que, antes de ser dada à continuidade a esse trabalho, quando é citado o jovem russo-ortodoxo, não se deve ter a idéia dos nascidos apenas nas décadas de 80 e 90, mas sim a partir das segunda e terceira gerações, que contam hoje com idade variando entre 40 e 50 anos, evidentemente devem ser inseridos nesse contexto também os jovens das décadas apontadas.

O Fiel, Sua Postura na Liturgia e a Veneração aos ícones.

Ao participar de algumas celebrações foi notada a afeição que os fiéis mais antigos devotam aos ícones que figuram no templo, diferente de outras denominações da ortodoxia cristã, percebeu-se que o russo em verdade capta o ideal da presença do ícone na igreja, isso fica claro na profundidade do ato de reverência decorrente do fiel para com aquela imagem sagrada, demonstrando a sua vontade de comunhão com o sagrado que emana daquelas pinturas. A maioria dos congregados que apresentam maior idade ao adentrar no recinto do templo faz questão de oscular os ícones de maior importância, além do que, muitos deles postam-se frente à imagem e procedem a momentos de oração.

Quando era feita essa pesquisa percebeu-se por diversas vezes que, logo que adentravam ao templo, os fiéis, principalmente os mais antigos, dirigiam-se a uma senhora responsável pela venda de livros litúrgicos, cópias de ícones, réplicas de cruzes, e velas⁽¹⁰⁾, velas que após adquiridas são acesas defronte essas imagens. Isso é dito, uma vez, que para o fiel nessa relação com as imagens escritas, está existindo uma ligação com algo real, não apenas com uma peça pintada, originário do poder da criatividade humana, tal qual nas pinturas de caráter profano, não é mero fruto da sensibilidade criativa que emerge da racionalidade pura e simplesmente.

No Dicionário de Símbolos da autoria de Chevalier e Geerbrant, obteve-se uma outra explicação que vem reforçar o que já foi escrito sobre os ícones anteriormente nessa pesquisa, identificando um pouco mais a respeito da diferença entre uma pintura profana e a imagem iconográfica:

“O ícone não é da mesma natureza do retrato. Nele, se existe semelhança, é apenas de caráter ideal, na medida em que a imagem participa da Realidade divina que se destina exprimir. Portanto, o ícone é, em primeiro lugar, representação da realidade transcendente – nos limites inerentes a capacidade fundamental de traduzir de maneira adequada o divino - e suporte para a meditação. Tende a fixar o espírito na imagem, para que esta o leve a concentrar-se na realidade que simboliza.

(10) A vela que é acesa pelo fiel demonstra uma forte gama de símbolos, entre eles representa o próprio Cristo que é a “Luz do Mundo”, conforme Ele próprio se qualificou. Por isso é freqüente se perceber velas acesas em todos os ofícios litúrgicos, sejam quando são acesas pelos fiéis assim que adentram ao recinto, junto aos ícones, ou pelos próprios oficiantes da Liturgia. Deve também ser enfatizada a Vigília Pascal. No decurso dessa noite em que se realizou a passagem das trevas para a luz (Ressurreição de Cristo), assim a luz da vela torna-se o símbolo da vida ascendente. O ato de ascender uma vela frente ao ícone de algum santo, não deve sob hipótese alguma ser compreendido como se a luz que dela emana irá ser elemento de iluminação a caminhada da personagem sagrada, muito pelo contrário é sim, um pedido de iluminação e esclarecimento para os momentos da vida do próprio fiel, sejam esses momentos bons ou maus.

Diz-se dos ícones que não foram feitos pela mão do homem (acheropoitos), o que afasta logo qualquer idéia de representação sensível. (CHEVALIER e GEERBRANT, 1990, p.489)

No que toca a essa relação com a representação da figura sagrada, por exemplo, na Igreja Grega Ortodoxa, pertencente ao patriarcado Ecumênico de Constantinopla que tem sua Catedral na Rua Bresser em São Paulo, alguns fiéis apenas fazem o sinal da cruz frente aos ícones de maior importância, pouquíssimos reverenciam-nos com o ósculo, obteve-se a mesma percepção na Igreja Antioquina, ou seja, nessas confissões que tem grande representação em São Paulo –SP, o corpo de fiéis demonstra com certa demasia a perda desse costume ancestral, possivelmente seus antepassados que fizeram parte de correntes migratórias anteriores, deveriam ter essa relação num âmbito de maior profundidade, porém, com a latinização pela qual essas igrejas aqui instaladas passaram, esse costume entra em um processo de declínio. Isso acirra ainda mais as diferenças entre ortodoxos, no qual o russo ainda se presta a uma personalidade ritual mais concreta, principalmente no que faz referência aos mais antigos e os padrões que valorizam a sua cultura, principalmente na relação de sua identidade junto a tais valores.

Ao tratar sobre a Associação de identidades e dos padrões valorativos, Barth fornece a seguinte explicação:

“(...) novas formas de comportamento tenderão a ser dicotomizadas, poder-se-ia esperar que as restrições sobre os papéis fossem exercidas de tal modo que os indivíduos relutariam em agir de novas maneiras, com medo que estes novos comportamentos pudessem ser inadequados a uma pessoa com sua identidade, e que além disso, fossem levados a classificar as formas de atividade como associadas a um ou outro grupo de características étnicas”. (BARTH, p.199)

Pode ser afirmado que o russo é ainda quem dá a razão de ser ao ícone, se pensarmos nos ícones de Cristo, para esse fiel da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, reverenciar o Seu Ícone é reverenciar o Próprio Jesus Encarnado. O russo ainda mantém-se reto na tradição que Bizâncio legou e segundo lamentos dos fiéis tão esquecida por outros ortodoxos em diáspora, principalmente naqueles que vieram para as terras brasileiras. Para evidenciar a maior importância do ícone em relação ao ortodoxo é aqui reproduzido um breve depoimento de Pedro Arbex, retirado de seu livro, *Teologia Orante na Liturgia do Oriente: “Disseram que Deus encarnou-se para que o homem pudesse contemplar sua face. Donde a importância dos ícones.* (ARBEX, 1998, p.19).

Sobre a relação dos fiéis mais jovens junto às Santas Imagens, foi notado que estes não demonstram o mesmo desvelo nessa forma de relação demonstrada pelos mais antigos. Pouquíssimos se prestam a tais honrarias, outros se quer aproximam-se delas, seu corpo é parte integrante dos momentos litúrgicos, entretanto, seu espírito não demonstra sua presença, o que enfatiza neles um ser ortodoxo apenas de maneira aparente.

Dando um enfoque na Eucaristia entre os ortodoxos russos, pode ser escrito que, esse sacramento é o centro em torno do qual orbitam todos os atos da vida em Cristo. Na Igreja Ortodoxa Russa, conforme as informações obtidas, a Eucaristia não é um ato que pode ser compreendido isoladamente, mas sim entendida como a terceira parte do Ofício Divino – A Obra de Deus. Segundo o artigo de Bragança Soares, sob título: *Prática dos Sacramentos no Ritual Bizantino* publicado na revista Mundo e Missão – 89 – Janeiro / Fevereiro de 2005, referindo-se a esse ato apoteótico da liturgia, destacou-se o seguinte:

“O dia litúrgico inicia-se ao por do sol, quando se celebra a grande vigília: Vésperas, Matinas e Prima. Na manhã seguinte, celebra-se a Liturgia ou Missa, que tem três partes: a preparação, a liturgia dos catecúmenos e a Liturgia dos Fiéis. Durante a preparação, o Leitor recita as Horas Terça e Sexta, enquanto o sacerdote e o diácono preparam os pães e vinhos para o Sacrifício Eucarístico. Na segunda parte o sacerdote

recita as orações secretas diante do altar, enquanto o povo sob a direção do diácono, recita cânticos e salmos e ouve as leituras bíblicas. A terceira parte começa com a recitação do Credo e continua com a Anáfora (Oração Eucarística), Consagração, Pai Nosso, Comunhão e Ação de Graças. Os fiéis se preparam para a comunhão com orações e rigoroso jejum desde a véspera. A Igreja (...) zela pela observância desta norma disciplinar, visando o respeito e a veneração do Sacramento. Os fiéis recebem a comunhão sob as espécies do pão de farinha pura (prósfora) e do vinho puro, de pé, em posição de prontidão e dignidade, e não de joelhos, porque o momento é festivo e a posição de joelhos é penitencial, só usada na Quaresma. O rito bizantino não reconhece a prática da comunhão fora da Liturgia (...)"
(BRAGANÇA SOARES, 2005, p.37)

Observou-se então que dentro do contexto litúrgico na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, a relação entre os fiéis mais velhos e os mais novos evidencia nos dois grupos um antagonismo. Os crentes mais antigos dão mostras de uma fé inabalável, participando em clima efusivo de toda a trajetória litúrgica, ao passo em que os mais jovens já não demonstram essa retidão, redundando em uma certa indiferença ao que está acontecendo no transcorrer da Missa, não existe um clima que venha sugerir um desrespeito, mas essa parte mostra-se apenas como cumpridores de um protocolo, não vivenciando o momento sagrado ali demonstrado.

Aspectos correlatos à celebração da Páscoa na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio

Encetando um desenvolvimento correlato a liturgia dessa nomenclatura ortodoxa, julgou-se importante escrever sobre a celebração da Páscoa, que é a mais importante festa da Igreja Ortodoxa em todas suas denominações.

Antes do desenvolvimento sobre essa celebração, julgou-se conveniente deixar aqui um preâmbulo de ordem explicativa a respeito dessa festa que para o

russo ortodoxo supera a Natividade, assim é reproduzida uma parte da matéria escrita por Joshua de Bragança Soares na revista do mesmo título já apresentada, em seu número 90 editada no mês de Março de 2005, sob o título: *A Páscoa Russa, Primavera da Esperança*, uma vez que ela atesta a fidelidade do sagrado evento, conforme foi presenciado in loco na Igreja de São Sérgio de Radonej.

“A cerimônia de Páscoa inicia-se nas últimas horas do Grande Sábado. No silêncio e penumbra do templo, só uma grande e tênue lâmpada, na tribuna perto da iconostase, ilumina o livro dos Atos dos Apóstolos que um leitor recita na íntegra. No centro da Igreja, no cenotáfio, repousa a plaschanitsa, tela que representa o Senhor Morto, rodeada de muitas flores, em câmara ardente . As pessoas chegam ...chegam e se agrupam, dentro e fora da Igreja. (...) Por perto da meia noite, após a recitação de um breve ofício, os oficiantes levam a plaschanitsa para o altar onde permanecerá por todo o período pascal. Abrem-se as “Portas reais” da iconostase que permanecerão abertas durante todo o ciclo da Páscoa . Forma-se a procissão que dará três voltas ao redor da igreja, levando a Cruz, os estandartes (Korugvy), e muitos ícones, com o cântico lento e compassado do modo 6: Vossa Ressurreição, Cristo Salvador,/cantam os anjos no céu,/ e nós também na terra/ queremos glorificar – vos com o coração puro. A Procissão recorda o percurso das mulheres portadoras de aromas, de madrugada, até o sepulcro de Jesus. Finda a procissão, diante da porta da igreja (fechada) os oficiantes entoam o cântico da Ressurreição: Cristo ressuscitou dos mortos, / venceu a morte com a própria morte / deu vida aos que estavam nos túmulos (...)”
“. (BRAGANÇA SOARES, 2005, p. 36 e 37)”.

No ano de 2006, a Páscoa Ortodoxa foi comemorada na data de 22 de Abril. Assim sendo, conclui-se que é coerente desenvolver aqui um relato sobre o que foi analisado nesse evento importante para a Igreja desde os momentos que precederam essa festa até o seu final.

Adentrou-se a igreja de São Sérgio de Radonej às 22:00 h no sábado e, observou-se que as famílias iam se postando em pé, pois, como já dito, esse ramo da Ortodoxia não mantém bancos em seus templos, apenas algumas poucas cadeiras para as pessoas de idade bem avançada. Aqueles que aguardavam o início da celebração no interior da igreja, procuravam manter-se no silêncio respeitoso que o espaço sagrado pede, entretanto, outros preferiam aguardar fora travando conversas entre si, o que endossa a idéia de desapego das gerações mais recentes conforme já citado nesse escrito.

Dentro do templo, como ainda era o último dia da Quaresma, sentia-se um clima de tristeza, pois a “Ressurreição” ainda não havia ocorrido. Enfatiza-se que frente ao Ícone do Senhor morto, postado a frente da iconostase, os mais velhos faziam suas reverências com tanta intensidade chegando muitos deles a literalmente se arrastar frente à imagem sagrada.

Pontualmente as 23:00h os sinos do templo dobram anunciando o início da celebração que será oficializada pelo pároco responsável.

Meio a solenidade, o sacerdote transporta o ícone do Senhor Morto para o altar postado atrás da iconostase, local esse no qual a assistência não possui acesso durante o momento litúrgico.

Julga-se necessário esclarecer que no caso das mulheres, estas não têm nunca acesso ao altar, indiferente das circunstâncias.

Após esse ato, tem início uma procissão feita pelo lado externo da igreja, saindo esta pela porta central do templo, dando três voltas ao redor do prédio. Nessa procissão, são carregados estandartes com Ícones do Cristo e da Virgem Mãe. Ao final da terceira volta que tem seu término exatamente a meia noite; as luzes interiores do templo que estavam parcialmente apagadas são acesas completamente e, da porta central do templo o sacerdote brada aos fiéis em língua litúrgica: - “*Cristo ressuscitou*”, ao que a assistência responde: -

“Sim! Ele realmente ressuscitou”, situação esta que se repete por diversas vezes, enquanto o Padre asperge água benta sobre os assistentes“.

O coral de forma exultante entoava hinos inerentes a Ressurreição, o padre agora dentro do templo munido com um turíbulo incensa os presentes, sempre afirmando sobre a vitória da vida sobre a morte de Jesus Cristo, afirmativa essa também feita pelo grupo de fiéis. O Ícone do Cristo Ressurrecto é colocado no lugar de onde se retirou o outro que mostrava o Senhor na condição de morte, simbolizando assim, a vitória de Jesus sobre a morte com a vida, quando o padre repete a saudação:- “Cristo ressuscitou”, tendo nesse momento o cumprimento entre os fiéis, dizendo:- “Sim! Ele realmente ressuscitou”.

Notou-se que as mulheres ⁽¹¹⁾ compondo à assistência usavam saias ou vestidos, uma vez que o uso de calças compridas é vetado por essa denominação ortodoxa, situação essa que não mais é verificada em outras Igrejas ortodoxas bem como na igreja católica apostólica romana.

No horário de 1:30h da madrugada de Domingo, pode ser constatado que menos de 30 pessoas permanecem no interior do templo. A respeito dessa questão chegou-se as seguintes conclusões:

(11) Pode ser avaliado que a figura feminina dentro da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, apresenta-se numa condição de inferioridade frente à população masculina, uma vez que não têm uma situação reconhecida por qualquer aspecto de igualdade, mas uma culpabilidade por ter nascido mulher. A exemplo disso, quando está em estado de purificação (ciclo menstrual), fica impedida de oscular os ícones, a cruz e também do recebimento da comunhão. Foi explicado que, antigamente a mulher nessas condições era impedida de freqüentar o templo até que passasse a fase de purificação, pois existia o perigo daquele sangue estragado e impuro pingar no solo do espaço sagrado, e nenhum tipo de sangue pode ser derramado na Igreja. Com os avanços relativos a proteção nesse sentido, passou a haver o consentimento de a mulher menstruada ao menos poder assistir aos cultos. Outra proibição ainda em vigência refere-se ao período pós-parto no qual a mulher fica purificando-se por quarenta dias após o parto. Após o quadragésimo dia, o sacerdote faz uma oração especial para o retorno da mulher ao templo e para que possa receber a comunhão. Geralmente, o batismo dos recém-nascidos é marcado após esse período para que a mãe possa assistir ao Batizado do filho, isso revela o grande fundamentalismo latente nessa denominação ortodoxa.

- As pessoas vão à igreja nessa data de fundamental importância para os ortodoxos, no sentido de fazerem as orações peculiares a tão significativo momento, cumprimentarem-se e se confraternizar. Em seguida, vão para os seus lares no sentido de proceder a continuação dessa festividade junto aos seus familiares de forma mais íntima.
- Leva-se também em conta a idade avançada de muitas delas que já não conseguem permanecer no culto – por sinal bastante longo – até o seu final. Acredita-se, porém, que se estivessem em sua terra natal, estariam animados a cumprir todo esse protocolo ritualístico.
- Os mais jovens, já não tanto arraigados às tradições que marcam a festa maior da Ortodoxia, começam a deixar o templo após as passagens que julgam ter maior significação.

Antes da comunhão de que apenas uma senhora participou, o sacerdote oferta aos presentes um ovo bento, e cumprimenta-os com três beijos na face.

Este momento antecedia ao final de toda a celebração, que para aqueles que não tem o costume, torna-se bastante extenuante, mas é uma marca viva da verdadeira conceituação da religiosidade Ortodoxa Cristã.

Por fim, o templo estava praticamente vazio, contando apenas com quatro fiéis e, o sacerdote termina o ofício, incensando o Ícone do Cristo Pantocrator (12),

(12) O termo grego Pantocrator indica a onipotência. Assim este ícone ao lado direito da iconostase representa o Cristo na plenitude de sua Onipotência. Na iconografia, o Cristo Pantocrator é representado em elementos permanentes, como a cabeleira assentada, a barba, a mão direita abençoando; enquanto outros elementos podem variar parcialmente: O Livro das Escrituras, mantido pela mão esquerda pode vir aberto ou fechado, a expressão da face pode ser severa ou benigna, a auréola ao redor da cabeça pode variar, o braço direito as vezes, apresenta-se mais envolvido e escondido pela toga. O ato de segurar o Livro das Escrituras, independentemente dele estar aberto ou fechado, tem a representação dele estar indicando nesse gesto o caminho para a salvação, a salvação que se dá pela Palavra que Ele deixou. Nos ícones onde o Evangelho aparece aberto, está sendo citada a palavra do Dia do Julgamento: *“Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me”*. (Mt. 25: 34-36).

após fazer uma leitura frente a essa imagem. Eram 3:33 h do Domingo.

Terminada a cerimônia, os fiéis que ainda estavam na igreja, foram convidados para uma ágape, pequena refeição oferecida na casa paroquial.

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, conforme já afirmado anteriormente, pode ser considerada e se considera a guardiã da ética ortodoxa no molde original, isso foi percebido por uma situação sugerida por outro momento litúrgico, decorrente fora do espaço sagrado do templo, uma Festa de Comemoração da Vida meio aos monumentos indicadores da morte, ou seja, em um cemitério. Como celebrar a vida em um campo santo. Esse paradoxo é ainda uma continuidade da celebração pascal, da qual apresentou-se há pouco uma síntese.

Essa Festa ocorreu no Cemitério do Campo Grande, em Santo Amaro – SP, na tarde de 02 de Maio de 2006, e denomina-se (*Aradonitsa*) “Dia da Alegria”. Esse ato litúrgico tem lugar na segunda terça feira após a Páscoa constituindo-se em uma série de orações nas quais se roga pela ressurreição dos mortos na Glória de Cristo. Em verdade, essa celebração é praxe das igrejas ortodoxas de rito bizantino, mas, nota-se também que foi praticamente esquecida pelas demais denominações ortodoxas desse ramo instaladas no Brasil. Não será aqui afirmado que isso seja mais um efeito da latinização, e sim pelo fato de ser um dia útil, no qual as pessoas ficam impedidas de se ausentar de suas atividades profissionais para acompanhar o sacerdote aos túmulos (13) de seus entes queridos para o procedimento das orações ligadas a tal festa.

(13) Os túmulos pertinentes aos falecidos que compunham o corpo de fiéis da Paróquia de São Sérgio de Radonej, como de outras Paróquias Ortodoxas Russas no Exílio, são facilmente reconhecíveis, pois, são encimados por uma Cruz de Santo André (Cruz latina com trave inferior inclinada) que, conforme a tradição na Ortodoxia Russa, esse santo apóstolo foi o responsável pelo início da evangelização entre os povos eslavos e, que ao ser martirizado em Patras na Acaia, julgou-se indigno de ser executado como o Senhor, desta feita, foi sim, executado em uma cruz com formato de um “x”. Em alguns túmulos desses fiéis russo-ortodoxos encontra-se também réplicas das torres de templos russos, indicando que mesmo após a morte, o fiel continua em comunhão junto a sua Igreja, e isso tem grande peso, uma vez estar sepultado fora de sua pátria.

Retornando ao escrito sobre essa celebração, é apresentado o seguinte histórico:

Na parte da manhã, foi oficializada na paróquia de São Sérgio de Radonej, como em outras paróquias da Ortodoxia Russa Fora das Fronteiras em São Paulo, uma Liturgia completa onde são feitas súplicas nas quais se roga pela ressurreição dos mortos. Na parte da tarde, o Padre segue para a necrópole e frente aos túmulos de fiéis ortodoxos que freqüentaram essa igreja, ocorre uma síntese da liturgia da manhã, a pedido de seus familiares.

O ofício realizado na necrópole, não revela nenhum sentimento de tristeza, muito pelo contrário. É marcado por um ar festivo, uma vez, estar ali o sacerdote procedendo a orações pela glorificação do falecido.

Notamos que nesta tarde, além do padre responsável pela Paróquia de São Sérgio, estava naquele cemitério outro sacerdote dessa denominação, executando o mesmo tipo de ofício. Cada um deles orando pelos seus antigos paroquianos falecidos.

Por tratar-se de uma comemoração da vida e não da morte, as famílias costumam levar para esse ofício, pães e salgados típicos da Rússia, onde após as orações é feita uma pequena ceia sobre o túmulo, simbolizando uma confraternização com aqueles que estão renascendo em Cristo e, tanto os familiares como o sacerdote e o auxiliar participam dessa ágape.

Após ter orado sobre diversos túmulos, o clérigo (em nosso caso o já citado Padre Vladimir Petrenko), deu a seguinte informação: - *“Há questão de alguns anos, essa síntese litúrgica era bastante concorrida, chegando o sacerdote a precedê-la sob mais de duas dezenas de túmulos”*. Com o passar do tempo, essa freqüência foi caindo. Nessa tarde, constatou-se que apenas seis túmulos foram visitados pelo sacerdote.

Informou ainda que muitos são os fatores para o declínio desta tradição:

- Muitas pessoas que solicitavam essas orações para seus mortos são agora também falecidos;
- Certo descaso dos descendentes para com o ofício no sentido de não perpetuarem a tradição para as gerações vindouras, não tendo a mesma preocupação dos progenitores nesse sentido, e também por não poderem abandonar o local de trabalho, uma vez, que essa atividade acontece em um dia útil.

Notou-se que as pessoas que solicitaram ao padre as orações eram pertencentes à geração mais antiga. Na verdade, não percebemos a presença de fiéis jovens nesse ato litúrgico festivo.

A Devoção a Virgem Maria entre os Russos Ortodoxos no Exílio

Foi escrito anteriormente sobre a devoção Mariana na Igreja Ortodoxa dentro de um plano conjuntural. Houve então a proposta de se falar do culto mariano entre os fiéis da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, entretanto, no que toca a tal questão, pouco pode ser acrescentado nesse sentido, pois, conforme a fala do Pároco da igreja de São Sérgio, sentiu-se que existe um consenso quase universal nesse sentido, porque a Virgem Maria é, em primeiro lugar, A Mãe de Deus, e isso independe das diversas faces com que se apresenta aos povos, sejam eles fundamentados em doutrinas católicas latinas ou orientais, existe sim, homenagens diversas a Virgem Mãe, não aceitas por esse ramo da Ortodoxia, principalmente nas faces devocionais do catolicismo romano, e de outras denominações ortodoxas, uma vez sugerirem essas devoções uma situação de teor doméstico. A exemplo disso, o não reconhecimento da face da Virgem em Nossa Senhora Aparecida, que sugere um milagre tipicamente brasileiro que não teve qualquer repercussão em outros países não católicos de bases latinas, exemplificando ainda nessa questão as aparições de Fátima (Portugal) e Lourdes (França), reconhecidas no mundo católico Romano. Outras faces de devoção marianas que existem em países de tradição religiosa ortodoxa sofrem o mesmo efeito ligado ao não

reconhecimento seja por parte dos russos exilados, ou por fiéis e clero que ainda estão ligados ao Patriarcado de Moscou.

Sobre os milagres originários nas aparições marianas não aceitos pela totalidade das Igrejas Católicas, esses são denominados como revelações privadas, ou seja, são aceitos principalmente pela Igreja do local (país) no qual ocorreu a aparição de Nossa Senhora. No caso da Igreja Católica Apostólica Romana, existe aí uma diferenciação, pois quando das aparições privadas decorrentes nas localidades de catolicismo romano, a mensagem deixada pela Mãe é dirigida a toda comunidade desse segmento religioso.

Esclarece-se que, existe sim, uma similaridade devocional, por parte das duas Igrejas Russas que reverenciam faces marianas não reconhecidas pelo catolicismo romano ou outras tradições ortodoxas. Um exemplo vivo disso está na Virgem de Kazan ou na Virgem Kursk, sendo essa segunda face da Mãe de Deus, a protetora dos russos ortodoxos no exílio, título esse que não é aceito pelos ortodoxos russos moscovitas apesar das duas Igrejas se mostrar devotas a esta mesma face mariana.

Católicos Romanos, Ortodoxos não russos, Ortodoxos Russos Moscovitas e Ortodoxos Russos no Exílio em relação a Nossa Senhora e Sempre Virgem Maria, apesar das diferenças no culto compreendem-na como a Grande Intercessora entre a humanidade e o Pai. A Mãe de nosso Deus.

Tomou-se então a liberdade de se reproduzir às orações sob forma de hinos em louvor a Maria cantadas na Liturgia de São Basílio e na Liturgia de São João Crisóstomo:

“Em Ti, ó cheia de graça, rejubila-se toda criação: o conjunto dos anjos e o gênero humano. Ó Templo Santificado e Paraíso Vivo, Louvor Virgem, onde Deus se encarnou, e sendo Deus antes dos séculos, tornou-se criança. Ele fez seu trono em Teu seio e Teu ventre mais vasto que os céus. Em ti, Ó cheia de graça, rejubila-se toda a criação: Glória a Ti. – Hino da Aútoria de São

Basílio inserido na Liturgia de São João Crisóstomo, entoado em comemorações especiais (n.a.) (**CHRISÓSTOMO**, 1997, p 44)

Na mesma liturgia sistematizada por São João Crisóstomo, encontramos a seguinte oração mariana:

“É verdadeiramente digno louvar-Te, ó Mãe de Deus, sempre Bem Aventurada e Imaculada, e Mãe de nosso Deus. Mais honorável que os Querubins e incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins, que ao Verbo deste nascimento sem mácula. És verdadeiramente a Mãe de Deus e nós Te exaltamos. (Idem, p. 43-44)”.

Procurando concluir esse escrito relacionado à Mãe de Deus, julgou-se coerente deixar uma explanação de âmbito geral sobre a importância dessa personagem para o mundo católico, ortodoxo ou não, demonstrando-a como elo de ligação entre a Igreja que se faz representar nessa imagem materna e a natureza humana. Bruno Forte em seu trabalho sob título, *Maria, A Mulher ícone do Mistério* assim relata:

“Ícone da Igreja Virgem pela acolhida crente da Palavra de Deus, Maria não é menos ícone da Igreja Mãe: “A Igreja, contemplando a arcana santidade de Maria, imitando sua caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai, torna-se também por meio da Palavra de Deus acolhida com fidelidade, porque pela pregação e pelo batismo gera vida nova e imortal os filhos concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus”. A relação funda-se no mistério da geração do Filho e dos filhos no Filho; “Como Maria está a serviço do Mistério da encarnação , assim a Igreja permanece a serviço do mistério da adoção dos filhos mediante a graça”. Pode-se dizer, por isso, que a “maternidade da Virgem é em tudo a imagem da maternidade da Igreja”, e que nem o

Evangelho nem a autêntica tradição cristã podem separar Maria da Igreja.” (FORTE, 1991, p.198)

A Família do Padre: Espelho para a Comunidade

Diferentemente da Igreja Católica Apostólica Romana, na Igreja Ortodoxa não existe a obrigação da adesão ao celibato para os homens que contraíram matrimônio e desejam ingressar na vida sacerdotal, os homens casados podem tornar-se sacerdotes, mas isso os impossibilita de ocuparem postos considerados de comando da Igreja, ou seja, não podem aspirar a cargos como o de Bispos entre outros postos mais altos na hierarquia, tais cargos são direcionados aos homens de vida monástica dentro da Igreja, que optaram espontaneamente pelo celibato.

Deve, porém, se considerar que os sacerdotes casados, principalmente no ramo ortodoxo que está sendo pesquisado, têm uma função importantíssima, enquanto pais espirituais de sua comunidade, função esta que permite a ele a interferência junto a vida de seus fiéis, estreitando cada vez mais os laços família-Igreja.

Os padres russos ortodoxos no Exílio, mantêm a prática da visita aos seus fiéis em seus lares. Que tipos de visitas são estas? Visitas oficiais, a exemplo das que antecedem a Páscoa entre outras, podendo ainda o sacerdote ser convocado em situações de ordem extraordinária, como em casos de existência de desarranjos familiares nos lares ortodoxos, que se toma como exemplo uma questão correlata a desavenças nas relações conjugais ou ainda desavenças entre pais e filhos.

Nesse tipo de problema em que se pede o auxílio do sacerdote, ele procura atuar como orientador nesses impasses e, seu aconselhamento se fundamenta muito na prática de orações e sugestões exemplares retiradas da Vida dos Santos, além de palavras do próprio Evangelho.

Sugere-se então nesse sentido, um questionamento:

Por que é facultado ao sacerdote esse tipo de interferência em assuntos íntimos dentro do seio familiar? Tal questionamento em se tratando de ortodoxia russa teria fundamento se pensássemos em padre celibatários, que também existem, todavia, sendo a maioria dos sacerdotes russos ortodoxos da Igreja Fora das Fronteiras, homens casados pode ser agregada à figura do Ministro Religioso com o pai de família, que terá maior segurança para os aconselhamentos inerentes a casos que envolvam questões familiares.

Essa associação da vida sacerdotal e familiar acaba por refletir em uma espécie de transposição de exemplos retirados da vida de um sacerdote casado que também é pai e esposo às famílias que passam por problemas desse porte que visam disputas entre entes queridos e sua desunião. *“A família do padre acaba sendo exemplo da Paróquia”.* (aspas nossas)

Dentro de uma análise em maior amplitude, percebe-se coerência em tal situação, pois como um sacerdote que não mantém a vida conjugal ou que está isento da educação de filhos poderá criar uma situação de aconselhamento sobre assuntos que não pertencem ao seu cotidiano?

A presença do padre na vida da família paroquiana reflete positivamente, principalmente entre os mais jovens que podem sentir em seu Ministro um aliado, um portador do ideal cristão, o que auxilia na idéia de não abandono de sua doutrina ancestral.

Deve então, ser explicado que devido a essa responsabilidade pautada em uma ética que transcende os parâmetros da moralidade, indo residir no cerne na espiritualidade, a família do sacerdote deve ser o exemplo daquilo que ele prega às demais famílias paroquianas, o que ressalta em sua pessoa bem como na da esposa e de seus filhos uma responsabilidade grande nesse sentido, porque neste contexto, a família do sacerdote não pode antagonizar-se ao que por ele é pregado, devendo sim praticar todo o conjunto que rege o

aconselhamento que ele sugere as demais famílias, pois se assim não ocorrer o pai espiritual pode ser compreendido como um impostor e sua família não poderá ser considerada exemplo para os demais paroquianos.

O trabalho da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em resgatar o rebanho disperso e para a conversão de novos fiéis

Foi anteriormente escrito que muitos são os fatores que levam as gerações mais recentes de fiéis da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, a uma espécie de desapego com a doutrina religiosa de seus ancestrais.

Pode ser notado que a relação padre-paroquiano (principalmente os mais velhos), é bastante forte pelo fato da sua idade bastante avançada, estarem arraigados a sua Igreja, pois com a velhice chegam às doenças físicas e junto delas uma série de problemas que debilitam seus corpos, assim sendo a Igreja funciona como um cabo condutor, uma força de mediação entre esse fiel e Cristo que anseia pela salvação de sua alma, e acredita que ao estar próximo da Igreja e da figura de seu pai espiritual seu intento salvacionista será alcançado.

Como dissemos acima, o sacerdote ao visitar seus paroquianos traz até eles através de suas palavras de conforto, orientação e dos exemplos positivos, a materialização da doutrina ortodoxa que perpassa pela Igreja. Desta feita, conforme palavras do pároco da Paróquia de São Sérgio de Radonej, nesses contatos, pode existir uma sensibilização dos mais jovens que pela conjuntura de fatos já enumerados se afastaram de sua religiosidade e titubearam na Fé.

A nova geração sacerdotal da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo, entre os quais encontram-se os padres George e Vladimir Petrenko (pai e filho sacerdotes), tem tido já há algum tempo, um trabalho que visa resgatar esses fiéis que por um ou outro motivo se distanciaram de sua profissão de fé ortodoxa.

O Pároco de São Sérgio explicou que atualmente tem se voltado ao trabalho de resgate dos fiéis descendentes de russos no sentido de inseri-los outra vez na espiritualidade da doutrina ortodoxa. Isso, conforme palavras do Pároco incorre em certo sucesso, não da forma como é pelos padres em São Paulo desejado, uma vez, que boa parte destes pseudocongregados ainda estarem distanciados dos preceitos religiosos conforme motivos já apreciados anteriormente e pelo excesso de valorização aos bens materiais o que para os clérigos constitui-se em uma doença espiritual. Tais fieis, entretanto, não recusam para si o título de ortodoxos, porém, isso tem uma conotação emblemática, uma vez que o seu agir não representa o ideal doutrinário, pensam assim:- “ *Somos ortodoxos e Deus tem que nos salvar*” (grifos e aspas nossas) , ao mesmo tempo em que estão afastados das festas e dos sacramentos da Igreja.

Todavia, a cada conversa tida com esse Pároco, sente-se a sua gratidão a Deus sempre demonstrada com sinceridade por estar conseguindo trazer ainda que muito poucas essas almas que estavam se desgarrando. Entretanto, o sacerdote tem a consciência de que são bem poucos os que estão voltando, e que isso inclusive pode comprometer o futuro da Igreja no que toca a sua continuidade.

Explica-se ainda que, muitos dos descendentes dos russos deixaram a ortodoxia, procurando as novas seitas evangélicas na busca da solução imediata de seus problemas, principalmente os de ordem material, doutrinas que argumentam junto a eles o que querem ouvir, um conforto momentâneo. A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio não mantém esse tipo de prática que se baseia em um conforto imediato. Por ser uma Igreja plena na espiritualidade afastada do pragmatismo, na situação de sofrimento da pessoa, prega um certo conformismo nesse sentido, afiançando as riquezas do século futuro que terão lugar no paraíso celeste, isso pode ser notado na Divina Liturgia de São João Crisóstomo em passagens descritas na Terceira Antífona para os Domingos: “*Bem aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus*”.(...) “*Alegrai-vos e exultai-vos, porque é grande a vossa recompensa nos céus*”. (CHRISÓSTOMO, 2007, p.25).

Então, para usar a expressão do Professor Mendonça, como os protestantes, eles estão a espera do “Celeste Porvir” (14).

Se o ortodoxo russo no exílio prende-se ao pragmatismo imediatista, é dito pelos padres dessa confissão que existe nessa atitude uma recrucificação diária do Cristo, uma vez a passagem do Evangelho afirmar: *“Meu Reino não é daqui e sim do Século Futuro”*.

A atual descendência russa, não é hoje tão unida como seus antecessores, e tal desunião tem como um dos principais fundamentos o seu desligamento da Igreja, e evidentemente isso gera uma ferida não só no contexto religioso, mas também no fortalecimento do distanciamento das raízes étnicas de seus antepassados que, enquanto membros de uma corrente migratória que existiu por força de circunstâncias alheias as suas vontades (fuga da revolução socialista de 1917 na Rússia, bem como dos campos de concentração na II Guerra Mundial), uniam-se fortemente a seus pares e a sua Igreja encontrando assim um alento para enfrentar um novo início a partir do zero na nova terra, recordando-se que tanto na introdução do socialismo como nas prisões dos campos, viram-se reduzidos a nada, pois acabaram por perder todos os seus bens, menos à vontade da continuidade da vida.

Um fato bastante interessante obtido no transcorrer dessa pesquisa, foi a descoberta que a grande maioria desses imigrantes eram pessoas que tinham um excelente grau de cultura, sendo a maioria deles ligados a profissões que envolviam mecânica e engenharia, pois conforme as informações obtidas, concluíram seus estudos em universidades da Rússia e em outros países da Europa ocupando aqui excelentes postos de empregos.

Outro fator marcante reside no fato desses cidadãos russos em seus locais de trabalho, se identificarem como cristãos ortodoxos obtendo assim grande respeito por parte de seus colegas brasileiros e de seus superiores imediatos

(14) MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O Celeste Porvir – A inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

que, sendo muitos deles não cristãos permitiam a sua participação nas festas religiosas, como a Festa da Natividade e da Páscoa, pois, essas datas não estão de acordo com o calendário católico romano, usado como calendário comercial no Brasil. No respeito a seus funcionários russos, os patrões lhes permitiam participar dessas e outras celebrações importantes da Igreja Ortodoxa cujas datas estão vinculadas ao antigo Calendário Juliano.

A Igreja Ortodoxa Russa no Exílio e os Brasileiros

Há algum tempo, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, não demonstrava qualquer espécie de proselitismo, ou seja, não tinha suas vistas voltadas para a missão, e ainda hoje um trabalho de cunho missionário amplo é difícil, visto fato, de não ter os recursos necessários para tal, principalmente não ter as verbas necessárias para serviço de tal monta. Deve-se, dizer que na atualidade existe uma boa vontade por parte dessa denominação ortodoxa em atender não russos. Essa boa vontade prende-se inicialmente pelo fato de ser uma denominação cristã, e se for pensado em Brasil, existe um solo bem fértil nesse país para que sejam lançadas as sementes da ortodoxia, gerando dessa ação uma colheita de bons frutos no que se refere à conversão.

Se for pensado sobre a conversão de brasileiros, o que já está ocorrendo ainda que dentro de um cunho não missionário, deve-se antes explicar, não se tratar de um trabalho pautado na objetividade, mas marcado de muita subjetividade. Quer ser dito com isso o seguinte: - Para ser membro da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa, independentemente da sua origem isso no campo da etnia como no campo religioso, a pessoa deve se pautar numa série de normas as quais, muitas vezes são difíceis de ser seguidas. Um exemplo disso pode ser verificado na obrigatoriedade de se guardar o sábado, um costume que está extinto dentro das doutrinas cristãs seguidas no Brasil, entre outras situações que devem ser observadas e principalmente aceitas pelo espírito daqueles que pretendem sua conversão para essa denominação ortodoxa, na verdade a conversão para a ortodoxia russa da Igreja no Exílio pode sugerir para alguns um estado de dificuldades não fáceis de superar e, nem todos que querem essa conversão conseguem a adequação necessária.

O ato de se converter à Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio transcende a uma conversão instantânea, existe sim, um processo de catequese para aqueles que são convidados e os que procuram essa denominação e, ao passo em que são percebidas as restrições bem como as obrigações e práticas correlatas a doutrina, muitos catecúmenos terminam por não aceitá-las, indo procurar outras confissões que seja adequada ao seu modo de vida.

Muitos brasileiros desavisados procuram a Igreja Russa Ortodoxa no Exílio para contrair um novo matrimônio. Isso ocorre dado o fato de a ortodoxia em geral prever uma segunda união matrimonial para pessoas que se divorciam, mas nesse sentido existem regras severas, pois, para que os padres ortodoxos possam realizar um outro casamento entre divorciados a pessoa que procura a Igreja com objetivo de conseguir esse sacramento deve provar ter sido vitimada na primeira união, a exemplo disso: abandono do lar por um dos cônjuges ou adultério. Se a situação for de incompatibilidade de gênios, a Igreja recusa-se a oficializar esse novo casamento. Dentro desse assunto, existe ainda um julgamento da solicitação da parte interessada, o qual é escrito explicando o por que deste pedido de segundas núpcias que será apreciado por um sínodo o qual dará o sim ou não a ele.

A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio não abre mão das exigências acima descritas no que faz referências a um segundo matrimônio, mas, foi podido observar que entre outras denominações ortodoxas as quais por questões éticas não serão aqui citadas, essa prática não é levada tão a sério facilitando a vida dessas pessoas que as procuram apenas para a celebração desse sacramento sem assumirem quaisquer compromissos com a religiosidade ortodoxa, porque, nesse momento é levada em conta a situação econômica da pessoa que está procurando um ramo ortodoxo para se casar novamente.

Salientou-se ainda, que a Igreja Ortodoxa Russa no Exílio, além das imposições há pouco descritas, que essas pessoas desejosas de contrair novo matrimônio se assumam como ortodoxos dessa denominação aceitando todo o

regramento que é imposto pela Igreja e, que se empenhem na busca de uma renovação espiritual, procurando dar um novo destino às suas vidas a partir das prédicas que emanam do teor ortodoxo seguido no exílio. Isso evidentemente muitas vezes acaba por não ocorrer visto fato delas não procurarem a Igreja com objetivos sublimes, querendo apenas usá-la como um paliativo imediatista para resolução de problemas de ordem pessoal.

Foi informado, porém, que brasileiros já estão freqüentando a Igreja assumindo a doutrina com todos os elementos a ela correlatos, não são muitos, mas crentes fidedignos. Isso é facilmente explicável, visto o fato das demais doutrinas cristãs tanto em São Paulo como no Brasil não estar tão atentas às prédicas evangélicas evidenciando-se em uma espiritualidade verdadeira, mais do que isso, estar presas à preocupação com o materialismo imediatista que envolve o mundo contemporâneo. Não existe, entretanto, a intenção de se julgar como essas religiões cristãs estão lidando com o momento contemporâneo a fé de seus fiéis, e sim deixar claro, conforme as informações recebidas, o ideal de uma retidão fidedigna que é deflagrado pela Ortodoxia Russa no Exílio e, que devido a isso acaba ainda que a passos curtos, mas seguros, arrebanhando pessoas de outras nacionalidades e confissões religiosas para sua doutrina, especificamente nesse caso, brasileiros. É dito a passos curtos, pois nos seis anos em que Padre Vladimir Petrenko está à testa da Paróquia de São Sérgio, vinte brasileiros se converteram para essa denominação ortodoxa, o que o clérigo considera mais uma vitória de Deus.

Na Paróquia da Santíssima Trindade em Vila Alpina, padre George Petrenko também informou que brasileiros, não apenas descendentes de russos, estão agora participando das missas e incutindo em seus espíritos a Doutrina Cristã Ortodoxa, na mesma situação da Paróquia de São Sérgio, ele explicou que é um trabalho demorado, mas os que adentram a ortodoxia praticada pela Igreja Russa no Exílio, aceitam todo o regramento imposto por esta denominação e abraçam na totalidade o ideal proporcionado nessa conversão.

Destaca-se que em momentos da Liturgia, algumas partes são cantadas em português, e ao menos uma vez por mês, tanto na Paróquia da Santíssima

Trindade em Vila Alpina como na Paróquia de São Sérgio, a celebração litúrgica é feita na íntegra em língua portuguesa. Isso ocorre pelo motivo de ambientar tanto os descendentes de russos como os brasileiros que ainda em número reduzido freqüentam a Igreja.

Enfatiza-se que a Liturgia comumente não é cantada em russo e sim em eslavônico uma linguagem ritual, tal qual o latim para a Igreja Católica Apostólica Romana. No artigo escrito sobre a Igreja Ortodoxa no Brasil ao dar enfoque a Igreja Russa, escreveu-se sobre essa linguagem litúrgica o seguinte:

“O eslavônico não é uma linguagem popular, mas sim uma língua adotada pela Igreja. Por isso para se tornar inteligível aos fiéis, alguns momentos nas celebrações são feitos em português”. (LOIACONO, 2005, p.129).

Sobre a origem dessa linguagem ritual, recorre-se a um outro artigo escrito sobre a cristianização nas estepes eslavas (Séc. VI), quando os irmãos e padres de Tessalônica a serviço do Império Bizantino e do Patriarcado de Constantinopla, Cirilo e Metódio, principais personagens dessa empresa evangelizadora seguiram para aquelas regiões. O título desse artigo publicado na Revista *Revés do Averso* em seu número 07 no mês de Julho de 1995 é, *Cristo nas Estepes Eslavas*, de onde pode ser extraída a seguinte passagem:

“Antes de partirem, Cirilo teve tempo de preparar um alfabeto visando dinamizar o trabalho que ele e seu irmão deveriam efetuar entre os eslavos. Esta escrita derivaria do eslavônico e foi denominada de alfabeto cirílico. Seriam escritos nesse alfabeto os principais ofícios do ritual bizantino, inclusive a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, e foi também editado um formulário em língua latina”. (LOIACONO, 1995, p.21)

Um Momento de Tensão – A Tentativa de reintegração da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio ao Patriarcado de Moscou

Mesmo com a abertura política ocorrida na Rússia ao final da década e 80 e início da década de 1990 – séc. XX, que trouxe o fim ao governo socialista implantado quando da revolução bolchevique em 1917, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, não demonstrou interesse em se unir outra vez ao Patriarcado de Moscou.

“Quando começou na União Soviética, em 1985, o processo conhecido pelos nomes russos de Perestroyka e Glasnost, era praticamente impossível perceber que se tratava de uma reviravolta profunda em toda a vida russa e que teria conseqüências tão decisivas nos acontecimentos mundiais. O início desse processo ficou marcado por uma série de acontecimentos no campo cultural. Na realidade houve uma tomada de consciência, uma experiência vivida intensamente”.
(SCHENEIDERMAN, 1981, p.06)

Ocorre que no primeiro semestre de 2006, alguns Bispos da denominação ortodoxa russa fora das Fronteiras passaram a esboçar uma vontade de retorno ao Patriarcado Moscovita, fato esse que acabou por criar um impasse dentro do clero da diáspora, uma vez que muitos membros do corpo clerical se mostraram contrários a essa idéia de reintegração ao antigo Patriarcado.

Evidentemente seria bastante positivo para o Cristianismo Ortodoxo Russo na sua totalidade se existisse essa possibilidade de reunificação, entretanto, existem fatores que acabam por impedir que isso aconteça, fatores que envolvem a questão sobre a heresia do Sergianismo, na qual a Igreja na Rússia perdeu a sua autonomia ao aceitar as imposições de um estado ateu, o que acabou por abalar as estruturas religiosas da Ortodoxia Russa, ferindo profundamente os seus cânones.

Muitos devem imaginar que quando a Igreja passou aos auspícios do governo soviético existiu uma certa paz, e uma regularidade no que se refere a Igreja poder dar continuidade ao seu trabalho religioso mesmo nas condições em que se apresentava, porém, a situação não foi tão calma como parece ter sido, pois muitos templos foram fechados e os que funcionavam estavam sob a rígida vigilância de um governo que não tinha qualquer relação com a espiritualidade ortodoxa, uma espiritualidade que nunca foi abolida pela população mesmo que sob a observação do totalitarismo governamental. Isso pode ser constatado como verdade a partir da declaração de Roberto Kathlab:

“Em 1989 a XIX conferência dos PCUS indicou Gorbachev como Presidente da República. Em seguida Gorbachev anunciou a “Glasnost” e a “Perestroyka”, com isto o Estado Soviético autorizou a abertura e restauração das igrejas e catedrais em Moscou. Após a declaração da abertura das igrejas, as que estavam em condições de receber os fiéis ficaram lotadas; toda uma juventude desejosa de encontrar um objetivo na vida começou a participar dos encontros religiosos, e o que surpreendeu foi a iniciativa do povo, que não esperou que o governo reconstruísse as igrejas, mas sim eles mesmos começaram a trabalhar voluntariamente na restauração dos templos. Algumas igrejas foram transformadas em museus como as existentes dentro dos muros do Kremlin – a catedral da Anunciação, capela privada dos soberanos; a igreja da Deposição da Túnica, capela pessoal dos velhos Patriarcas ; a catedral do Arcanjo Miguel, que tem cinco abóbadas, panteão tumular dos Czares (...)” (KATHLAB, 1997, P.108-109)

Essa questão então, foi muito debatida entre os Bispos favoráveis e contrários a união, uma opinião que revela certo peso e defende os cânones da Igreja seguindo contrário à vontade desses Bispos desejosos de se reagruparem junto ao Patriarcado o qual, também aspira em favor da reintegração da Igreja

na Diáspora. A opinião a qual é feita tal referência foi expressa pelo Bispo Dom Yevtikhiy de Ishim e da Sibéria.

A Palavra do Bispo Dom Yevtikhiy de Ishim e da Sibéria sobre o ideal de reunificação da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio com o Patriarcado de Moscou

As declarações ora apresentadas sobre esse problema foram retiradas em parte do Jornal da Paróquia de São Sérgio. Boletim este da responsabilidade do Pároco, o Revmo. padre Vladimir Petrenko que, junto aos demais padres da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio atuantes em São Paulo e no Brasil, também se mostraram não favoráveis a tal união.

A referida matéria na qual está inserida a declaração do Bispo de Ishim e Sibéria, tem por principais destaques as seguintes passagens:

“Caros Irmãos e Irmãs!

Ultimamente, cada vez mais, discute-se a questão da união do Patriarcado de Moscou e da Igreja Russa Fora da Rússia. É lamentável que entre os fiéis introduzam-se boatos contraditórios, oriundos dos meios alheios à própria Igreja ou apenas fronteiros a ela, ambientes estes nos quais a questão é debatida de modo arrogante. Como o assunto é por demais atual e as discussões são inevitáveis, e ainda, para evitar a formação de opiniões incorretas, peço-vos considerar o seguinte:

- *A dissidência na Igreja Ortodoxa Russa aconteceu devido a declaração de lealdade ao poder Soviético pelo Metropolita Serguiy (Stragoródskiy) e não por culpa da Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia. Este ato do Metropolita Serguiy é condenável, assim como as condições que possibilitaram a assinatura de tal declaração.*

- *A maioria esmagadora do atual Episcopado do patriarcado de Moscou foi sagrada com explícita permissão e até por indicação direta da KGB ou do “Conselho sobre assuntos religiosos e do ateísmo” junto ao Comitê Central do partido Comunista da União Soviética, ou seja, pela escolha das autoridades civis conhecidamente atéias. Isto coloca tal Episcopado simplesmente fora da Igreja e deixa o próprio Patriarcado numa situação duvidosa sob ponto de vista das leis canônicas. Precisa-se de muita tolerância para poder considerar o Patriarcado como um participante da Graça Divina, nem que seja apenas condicionalmente, e assim mesmo, só por causa da existência de uma multidão de fiéis inocentes que não devem saber que os próprios guias categorizados os levam consigo para longe da Graça Divina. Eis o 30º Artigo das “Regras dos Apóstolos”: “Caso um Bispo alcance o poder na Igreja por intermédio de autoridades civis – será expulso e excomungado, como assim também os que estão em relacionamento com ele”.*
- *Um número ainda maior de Regras Canônicas é violado pelo Patriarcado de Moscou, em conseqüência da participação no movimento ecumênico e por causa da filiação ao Conselho Mundial das Igrejas (organização notadamente herege): “Regras dos Santos Apóstolos” – 45, 46, 65; do Concílio de Laodicéia – 32, 33, 37; de Timóteo Bispo de Alexandria – 9. Ao serem interpeladas, as autoridades eclesiásticas do Patriarcado fazem evasivas promessas, enquanto o ecumenismo continua sendo defendido nos altos níveis, como foi confirmado no Sínodo dos Bispos do patriarcado de Moscou em 1997.*
- *Nos últimos tempos, ao invés de diminuir, ampliam-se as transgressões das regras canônicas e não somente no nível pessoal, mas no âmbito geral do Patriarcado, no que se refere á riqueza e a usura. (Cânones dos Apóstolos – 44; dos Concílios Universais: Primeiro – 17; Sexto – 10; Sétimo – 16; Concílio de Cartago – 5; do Gregório de Neocesaréia – 3).*

O que nós da Igreja Ortodoxa Russa do Exílio, devemos fazer? Não podemos concordar com deturpações de nossa fé, e o amor a Deus nos exorta a permanecer firmes na Verdade e impedir a queda do próximo. O caminho á unidade tornar-se-á viável somente através do retorno do patriarcado aos Cânones da Igreja, a verdadeira Ortodoxia Russa, através da superação das enumeradas transgressões. Que Deus seja nosso auxílio e proteção, e que seja feita a Sua Vontade! Amém!” (YEVTIKHIY, 2006, p.06)”.

A mensagem deixada pelo Bispo de Ishim e da Sibéria é esclarecedora nos motivos para que essa restauração não aconteça nesse momento, pois, os erros e contradições inerentes aos Cânones da Igreja são muitos. Sublinhando-se nas questões relativas ao próprio corpo eclesiástico do Patriarcado que está irregular frente à tradição da Ortodoxia Russa, no qual foi percebido que pelo fato das autoridades eclesiásticas para obterem as suas entronizações deviam ter a aprovação do governo socialista, e como a grande maioria dessas autoridades ainda está em plena atividade junto ao Patriarcado, o erro permanece. Assim sendo, se for feita uma análise mais profunda, elas deveriam deixar seus cargos e serem reordenadas, isso incluindo a pessoa do próprio Patriarca.

Outro motivo que se prende a não aceitação dessa reunificação por parte da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio fundamenta-se no fato do Patriarcado Ortodoxo Russo fazer parte dos movimentos ecumênicos os quais acabam por se constituir em outras formas de transgressões, visto a situação de ir contra as determinações retiradas das Regras dos Apóstolos, bem como de decisões conciliares e sinodais.

No que toca a questão do ecumenismo, foi explicado o seguinte, não é coerente por parte de ortodoxos entrarem em comunhão com doutrinas religiosas não cristãs, a exemplo do Judaísmo, Budismo, Islamismo e outras que não reconhecem Jesus Cristo como Filho de Deus. Em relação às demais denominações cristãs, apesar dos ortodoxos russos no exílio não comungarem

em conjunto, existe sim um respeito pelas Igrejas da Reforma, mas, não a ponto de concelebrarem em um ato ecumênico.

O ecumenismo sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio é compreendido como uma ação promíscua revelada em pecado, uma vez que tem a pretensão de agremiar em uma só confissão seitas cujo próprio surgimento são desvios do caminho reto e da tradição cristã original, uma tentativa insólita de se proclamar a Verdade por meio da aceitação simultânea de várias deturpações desta.

Muitas vezes, em defesa do ecumenismo, é dito por aqueles que apóiam essa idéia a seguinte sentença: *“Deus é o mesmo”* (grifo e aspas nossas). Para a Igreja Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras, existe sim, Um só Deus Absoluto, mas neste caso trata-se de Um Absoluto, “Deus Absconditus” – uma noção sem nenhum significado de valor ético.

Ademais, são as palavras do próprio Cristo-Deus que apontam inequivocamente quão infundadas e destituídas de qualquer valor são as afirmativas a respeito dos benefícios espirituais para o gênero humano que o ecumenismo possa trazer. Isso se reflete em Matheus: *“... E eu digo-te que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”*. (Mat. 16:18).

Desta feita, não pode existir qualquer dúvida sobre o fato do Salvador ter legado a Sua Igreja, - Uma e Una, por assim dizer, pronta, e não algo a ser feito. Pode – isto sim se alguém, em particular, pertence a esta Igreja e pode se também encontrar dificuldades em se chegar ao consenso de sua identidade. Entretanto, é obvio, que esta Igreja já existe, e que sua existência remonta dois milênios e que *“é uma só”* (grifo e aspas nossas). A Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio diz ser essa Igreja, a única que permanecerá quando da ocorrência do Apocalipse.

No segundo semestre de 2006, ocorreu à reunião conciliar em São Francisco – EUA, para maiores deliberações a respeito da restauração entre as duas

Igrejas Russas, reunião esta em que houve a participação dos padres da Igreja Fora das Fronteiras sediadas em São Paulo, entre eles os padres George e Vladimir Petrenko. E nesse Concílio em São Francisco, ficou resolvido que a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio não iria se reintegrar ao Patriarcado de Moscou. Foi um momento de grande tensão entre os clérigos bem como dos fiéis em diáspora, porque principalmente para os mais antigos tal união é inconcebível, visto a gama de erros nos quais está inserida a Igreja ligada ao Patriarcado Moscovita.

Como era previsível tal união não se concretizou, pois, para tanto deveria existir por parte do Patriarcado uma retratação e um pedido de perdão pelas feridas causadas aos Cânones Eclesiásticos desde a ocorrência da heresia do sergianismo conforme já explicado, bem como, a saída do Patriarcado dos movimentos ecumênicos em que é participante.

Síntese das deliberações do IV Concílio da Igreja Ortodoxa Russa Fora da Rússia (15-19/05/2006) sobre a não reintegração dessa Igreja ao Patriarcado de Moscou.

Na matéria que abre o periódico editado pela Paróquia de São Sérgio em seu número 54 de Junho de 2006, tem-se a seguinte mensagem a respeito do assunto principal tratado nessa reunião Episcopal: a não restauração da união da Igreja Russa no Exílio ao Patriarcado de Moscou:

“Como muitos devem saber, no começo do mês de maio tivemos em nossa Igreja Ortodoxa do Exílio (...) acontecimentos muito importantes. (...) foi o IV Concílio de nossa Igreja Ortodoxa Russa Fora da Rússia. (...) Foi decidido pela maioria dos presentes, cerca de 130 pessoas remanescentes na Igreja de Moscou. Portanto nossa Igreja do Exílio continua seu curso como estava seguindo até agora. Na resolução do IV Concílio foi colocado de nossa parte algumas condições para que essa união um dia possa acontecer. Até lá nossa Igreja continua

sendo dirigida primeiramente pelo Nosso Senhor Jesus Cristo, depois pelo Metropolita Lauro, que (...) confirmou nossa posição". (PETRENKO, 2006, p.03).

As deliberações do IV Concílio de toda a Igreja Ortodoxa Russa Fora da Rússia, foram consensuais e expressaram a vontade unânime dos prelados participantes desta reunião.

Foi dito que com a Divina Graça, alcançou-se a uma determinação pelo desenvolvimento paripasso da comunhão canônica e eucarística entre as várias fragmentações da Igreja Ortodoxa Russa.

Percebeu-se que ambas as partes da Igreja Russa tem ansiedade em resolver esse impasse, pois, evidentemente que a permanência desse cisma motivado por contrariedades tanto no campo político como no que toca a espiritualidade, não é salutar, tampouco louvável para elas, mas, deve ser enfatizado que os caminhos percorridos pelo Patriarcado até então, não permitem que a decisão de um paradeiro de tal situação ocorra em curto espaço de tempo.

"A esperança na vontade divina quanto a extinção do inevitável cisma nos inspira a, em conjunto, unir-nos em Cristo. Difícil é mensurar e quantificar o tempo e as forças gastas no enfrentamento das partes, durante os decênios da existência do governo ateuista, o qual buscava, sem êxito, aniquilar a Essência da Igreja de Cristo, na padecedora terra russa". (PETRENKO, 2006, p.03).

A força libertadora ativa, nos dirigentes e em toda a comunidade ortodoxa, deve estar determinada para a luta hercúlea contra o pecado que a possuiu, sem mesmo poupar as famílias cristãs. Assim sendo, é da vontade do corpo de fiéis e dos clérigos ortodoxos russos no exílio que a Igreja do Patriarcado Russo venha a comungar nesse ideal.

Após a queda do totalitarismo ateuista soviético, muitos males foram causados pela oposição de indivíduos russos do mesmo credo, principalmente na

educação das crianças e jovens. Os ortodoxos russos afirmam então que, não se pode mais compactuar com o enfrentamento direto e nem mesmo ficar em uma condição de espectadores da dilaceração do manto de Jesus entre irmãos de sangue e fé no Cristo.

Tanto os padres, bem como as autoridades de maior escalão da Igreja Russa Fora das Fronteiras, disseram durante o transcorrer do IV Concílio, ser testemunhas do agir do Espírito Santo, O qual revelou que a unidade na Verdade e no Amor é a Vontade de Deus e que todas as atitudes humanas devem refleti-la, sujeitando-se a ela.

Dentro dessa síntese, reproduzir-se-á ainda o seguinte, pautando-se nas palavras dos conciliares traduzidas pelo Pároco de São Sérgio presente a esse Concílio:

“Não temos a intenção de idealizar a conjuntura; sem dúvida, as partes ainda possuem problemas a serem resolvidos.

Então ouçamos as palavras do Senhor: “por que olhas o que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?” (Mateus (sic) 7,3), e ajamos de acordo com os ensinamentos apostólicos: “ajudai-vos uns aos outros a carregar vossos fardos e deste modo cumprireis a lei de Cristo” (Gal. 6,2).

Nós, os arcebispos da Igreja Ortodoxa Russa Fora da Rússia, não apenas tentamos perceber e levar em conta os sentimentos de nossa comunidade, num panorama geral da vontade da maioria, mais ainda, devemos encontrar, no âmago da oração e do espírito Vontade de Deus, espelhando-nos nos Evangelhos, nos Santos Padres e nos Cânones eclesiásticos. Pela Vontade Divina é que nos dedicamos a passar aos nossos queridos pastores e à comunidade os valores que devem nortear a nossa passagem pela terra, carregando a cruz de serviência a Cristo (Lucas 9, 23) e (Matheus 10, 38)”. (PETRENKO, 2006, p.05)

Essas reflexões a partir da ótica pastoral determinam que os passos sejam cheios de cautela no caminhar para a restauração com a Igreja do Patriarcado de Moscou, citando novamente Matheus, *para não quebrar o caniço rachado (Matheus 12,20)*, não oferecendo, porém, a impressão que esse caminhar cauteloso reflita como um retrocesso retardatário da paz entre as partes que é a vontade de Deus. Afirmam ainda os membros do Clero da Ortodoxia Fora da Rússia que, não estão sendo dirigidos por prazos previamente impostos. Pretendem sim, concretizar, sem delongas, a união definitiva da Igreja Russa como um todo, una, a medida em que forem tomadas decisões recíprocas e que sejam favoráveis às pendências de questões restantes.

Nesse ambiente, foi discutido que a união canônica e a união eucarística da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio e da Igreja do Patriarcado de Moscou são imprescindíveis, sendo a única possibilidade para a convocação do Concílio da Igreja Ortodoxa Russa, com a participação de todas as suas facções. O caminho para tal Concílio é o da unificação e não das discussões polêmicas. *“Com efeito, enquanto houver entre vós ciúmes e contendas, não será porque são carnis e procedeis de modo totalmente humano?” (I Cor. 3,3).*

A Unidade da Igreja é uma benção, ela dividida fere o Corpo do Cristo, entretanto, se for feita uma análise com maiores critérios, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio foi quem se propôs a manter a Ortodoxia Cristã imutável, e sendo assim, é justo que nessa união futura, se ela ocorrer, as demais denominações separadas deverá sintonizar-se com ela, uma vez serem ainda portadores da manutenção da Doutrina em toda sua Retidão.

No que toca a essa questão sobre a restauração da unidade das Igrejas, também, deve ser pensado a respeito dos fiéis em diáspora, uma vez, que estes ao saírem da Rússia pelos motivos anteriormente elencados, foram acompanhados por essa Igreja e, caso as autoridades da Igreja Russa Fora da Rússia se alinhem novamente com Moscou na situação em que a Igreja mantida pelo Patriarcado se apresenta, poderá ser compreendido que existirá não só uma corrupção de âmbito canônico, bem como no que toca a própria

identidade desses fiéis que, em seu exílio refugiaram-se na fé imutável inerente a Igreja que até então está ao seu lado e que ajuda a manter neles o espírito russo, mesmo distante da pátria.

CONCLUSÃO

O Brasil é sem dúvida alguma, um grande palco no qual vivencia-se o trânsito da diversidade de denominações religiosas. Devido ao cosmopolitanismo que caracteriza a nação, pode ser testemunhado que os grupos pertinentes as correntes migratórias, bem como os de origem indígena nesse campo nos legaram diversas situações que visam a ligar o homem ao sagrado. Enfim, deve ser esclarecido que o homem do Brasil é um homem ligado constantemente ao sagrado, em que pese o alto percentual que se considera <<sem religião>> conforme dados do I.B.G.E. anexo a este estudo, documentam numérica e percentualmente tal afirmativa.

Ainda que bastante envolvido pela modernidade e, onde ganha destaques soluções e facilidades desenvolvidas pela evolução tecnológica, o homem atual ainda é preso às manifestações sagradas, e seja ele pleno nesse envolvimento, ou distante demonstrando até mesmo uma certa apatia pelo sagrado, é por excelência um ser religioso, que venera e teme as forças que tem uma origem cósmica a qual remonta o *Illo Tempori*.

Pode se destacar em Mircea Eliade, no livro, *O sagrado e o Profano – A Essência das Religiões* o seguinte aspecto, que se julgou coerente apontar por ir de encontro ao pensamento ora desenvolvido nesse preâmbulo:

“Para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente <<natural>>: está sempre carregada de um valor religioso. Isto compreende-se facilmente porque o Cosmos é uma criação Divina: saindo das mãos dos Deuses, o mundo fica impregnado de sacralidade. Não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos Deuses, tal é o caso, por exemplo de um lugar ou objeto consagrado por uma presença divina. Os Deuses fizeram mais: manifestavam as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do Mundo e dos fenômenos cósmicos”. (ELIADE, p.127)

Não cabe aqui se concretizar um desenvolvimento amplo no tocante a gama dessa diversidade religiosa encontrada no Brasil, pois sua complexidade tamanha, pediria uma atenção de maior amplitude, que nos conduza além do tema proposto.

Nesse elenco de diversidades que marca o campo religioso brasileiro, temos dentro da tradição cristã, a denominação Ortodoxa com uma série de desmembramentos. Desmembramentos esses que se originam desde a emancipação de muitas Igrejas com o consentimento do Patriarcado de Constantinopla, até sob rupturas originárias por questões que envolvem a política e a fé, como foi no caso da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa, esta por sua vez, como vimos, sofreu rupturas de peso com a criação de outras denominações da Ortodoxia Russa, além fronteira ⁽¹⁾ sendo sem dúvida alguma a maior, aquela em que se originou a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, que é objeto deste estudo.

A partir do estudo de campo feito na Paróquia de São Sérgio de Radonej no Bairro de Moema-SP – estudo este que envolveu intensa observação participante e entrevistas com o pároco responsável conforme percebido no transcorrer desse escrito. Dessas observações e entrevistas foi possível extrair importantes informações a respeito da atividade desta Igreja junto aos poucos fiéis que lhe restam. Nessa conclusão objetivou-se a destacar essa denominação religiosa em sua relação com brasileiro

Por que se falar da relação entre uma Igreja de imigrantes do Leste Europeu e brasileiros, isto é, brasileiros sem a descendência russa? Uma Igreja que durante muitos anos foi peça importante na manutenção da cultura russa, tanto sob uma ótica religiosa como profana? Uma Igreja que dada sua origem é

(1) Dentre essas rupturas não se deve esquecer de citar os Raskolnik (Velhos Crentes) Grupo que no século XVIII separou-se da Igreja Russa Ortodoxa após uma reforma litúrgica promovida pelo Patriarca Nikon. Os Raskolnik são também reconhecidos como Velhos Crentes. Após sua excomunhão em 1667, os Raskolnik sobreviveram e continuam mantendo até hoje comunidades em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

notada por suas particularidades que a diferencia, não só da Igreja Católica Apostólica Romana, como também das demais Igrejas com denominações similares, ou seja, outras Igrejas Ortodoxas?

Este assunto já focalizado em outros pontos deste texto esboça vias que percorrem o palco por onde transita conforme escrito no início dessa conclusão, a grande diversidade de doutrinas religiosas instaladas no Brasil ao longo de sua história.

O censo demonstra que mesmo perdendo fiéis, o Catolicismo Romano é a religião que mais adeptos possui no Brasil, embora se saiba que muitas pessoas que se dizem católicas ou permaneçam apenas no rótulo ou praticam dupla religiosidade. O Concílio Vaticano II ocorrido no início da década de 60, abriu as portas para a Teologia da Libertação, na qual foi feita a “Opção Preferencial Pelos Pobres” afirmada e reafirmada nos sínodos de Medellín (1968) (Colômbia) e Puebla (1979) (México).

Essa alternativa teológica, conforme os padres libertadores funcionava como uma trilha no sentido de se alcançar os despossuídos e perseguidos, principalmente por governos opressores latino-americanos.

Não é objetivo aqui fazer um julgamento desse caminho tomado por boa parte da Igreja Católica Apostólica Romana pós Vaticano II, mas sim, enfatizar que essas mudanças alcançam também o sagrado que, sofre uma série de modificações que levam muitos fiéis a uma desconfiança das atitudes dessa “outra” Igreja Católica.. Uma Igreja que ao mesmo tempo em que adotava essa linha de orientação popular, se intelectualizava excessivamente, e essa intelectualização, acabou por ser nocivo à própria Igreja que via reduzir em muito o seu rebanho desgostoso com a nova conduta dos padres e com a falta da oração para a salvação da alma, uma vez que o que importava naquele momento adverso era a salvação do corpo.

Obviamente, a Teologia da Libertação era uma resposta ao modelo tradicional católico aqui imposto a partir da colonização, uma tentativa de recriar a Igreja Católica inserida em um conceito popular.

Muitos fiéis católicos impossibilitados de compreender as novas idéias trazidas pelos teólogos libertadores acabam se desligando do catolicismo, indo a procura de uma Igreja Orante como as Igrejas Evangélicas, Pentecostais e Neo-Pentecostais. Os Profs. Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho, denominam algumas dessas Igrejas de <<agências de cura divina>>:

“A cura divina como tal, isto é, como objetivo único de um grupo ou de um líder carismático, não constitui Igreja, mas “movimento”. Os líderes carismáticos de cura divina estabelecem balcões de oferta de bens de religião a uma clientela flutuante e descompromissada na qual a relação do fiel como sagrado ocorre na base do “dar para receber”. A prática dos grupos de cura divina avizinha-se das práticas de magia, e como afirmou Emile Durkheim, não há Igreja mágica. Embora alguns desses grupos mantenham seus discursos nos parâmetros da fé cristã, sua prática as vezes se afasta dela, enquanto outros apresentam discurso e prática quase irreconhecíveis do ponto de vista do cristianismo.

A maior agência brasileira de cura divina é a Igreja Pentecostal “Deus é Amor”, de Davi Miranda, que tem numerosas similares em grandes ou pequenas salas espalhadas nas áreas deterioradas ou nas periferias pobres dos grandes centros urbano. Seu público é a massa desesperada em busca dos bens mínimos de sobrevivência como saúde e emprego. É a religião da aflição, em palavras de Peter Fry. Atrai gente de todas as religiões e não exige das pessoas nenhum compromisso a não ser a contraparte das graças recebidas. (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 2002, p.54)

Nas últimas décadas do século XX, foi possível presenciar algumas reformas no catolicismo no que toca a própria liturgia, uma dessas reformas incidiu no

movimento reconhecido como Renovação Carismática, que por demonstrar um certo desapego do excesso das coisas materiais, passou a congregar grande parcela de fiéis que procuravam nessas missas, todas elas cantadas e com muita dança, uma resolução para os seus problemas através de milagres por assim dizer. Na realidade esse recurso foi usado por um grande número de clérigos da Igreja Latina no Brasil era uma tentativa de trazer de volta pessoas que discordantes do excessivo pragmatismo encontrado na Teologia da Libertação, por sinal praticamente inexistente na atualidade ou que foram procurar a cura de suas ansiedades nos templos do Pentecostalismo e do Neo-Pentecostalismo, afinal a Renovação Carismática usa praticamente da mesma metodologia aplicada nessas novas Igrejas Evangélicas. Isto, porém não foi o suficiente para arrebanhar de volta muitos dos fiéis perdidos.

Neste ponto, volta-se a questão que envolve a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio e os brasileiros. Essa denominação ortodoxa, conforme já demonstrado evidenciou-se muito mais pela sublimidade em uma ação de ordem espiritual do que com uma ligação ao imediato, uma Igreja que se demonstra viva em uma Liturgia orante, preocupando-se com o Reino que não é deste mundo, mantendo uma disciplina religiosa que prima em afastar seus congregados dos pecados que marcam o cotidiano, mas uma Igreja que por ser pautada na etnicização tanto de âmbito religioso e para não dizer também num plano nacionalista russo ainda não se abriu em plenitude para o homem brasileiro em trânsito religioso, contudo já se pensa nisso com certa intensidade, pois os fiéis de gerações mais antigas cumprem o ciclo da vida terrena e morrem e, seus herdeiros não tem conforme as palavras dos Padres entrevistados, mais a intimidade necessária tanto com os costumes nacionais de seus antecessores, como com a sua doutrina ortodoxa.

Uma visão pessimista diagnostica que essa denominação da ortodoxia, em se pensando no Brasil está fadada ao desaparecimento. Por isso, os congregados mais antigos, já não enxergam hoje com a ótica da restrição à presença de alguns brasileiros sem a descendência russa em seus templos. Ao contrário, nota-se que a Igreja vem adquirindo um certo gosto por tal presença. Isso significa que, tanto os fiéis antigos como os clérigos se apercebem do

perigo do fim para a Igreja Russa Fora das Fronteiras, e uma das possíveis salvação seria essa Igreja ir se abrindo cada vez mais para os brasileiros que procuram um caminho para sua fé, e realizar entre eles como fazem com seus fiéis “originais”, um trabalho inserido na espiritualidade, impondo-lhes os ditames de seus cânones, e estando próximo a eles nos momentos aflitivos e festivos de suas vidas.

Direcionando a visão para os grandes centros como São Paulo-SP, onde se têm diversos templos ortodoxos russos no exílio, em caso de os clérigos ampliar o seu trabalho de missão, ainda bastante precários pelas questões inerentes a situação financeira e também pela ausência de sacerdotes brasileiros, pode ser previsto em uma determinada margem de tempo, se abriria uma opção de religiosidade aos cidadãos que buscam uma orientação para sua fé, e que por não confiarem plenamente nas opções oferecidas ficam conforme afirmam Mendonça e Velasques Filho, em uma situação itinerante sem a criação de vínculos mais profundos.

Padre Vladimir em uma das entrevistas afirmou que <<um protestante, de denominação não declarada já vem freqüentando as missas, e assumindo a identidade ortodoxa dentro da seriedade que essa doutrina exige>>.

Sem um trabalho missionário em maior profundidade, a absorção de brasileiros para a ortodoxia russa fica bastante limitada, muito mais no aguardo da procura de fora para dentro ao invés do contrario, principalmente pelo motivo dessa Igreja ainda não se colocar em evidência, ainda estar presa ao etnicismo que aos poucos vai se desvanecendo.

Outro fator que dificulta a rotina da Igreja e a evangelização de novos fiéis é a falta de sacerdotes.

Ao mesmo tempo em que se propõe uma abertura mais ampla, mas sem perder sua originalidade na tradição religiosa, se faz necessário também a formação de sacerdotes brasileiros para esse Credo. Atualmente poucos

descendentes de russos tem se mostrado vocacionados e, no Brasil não existe um Seminário para a formação de sacerdotes dessa denominação ortodoxa. O único existente fica no estado de Nova York EUA, em Jordanville, o que dificulta ainda mais a formação de sacerdotes não russos, como tive a oportunidade de escrever:

“É interessante registrar que não há qualquer impedimento à ordenação de padres brasileiros que não tenham ascendência eslava; contudo, a preparação do candidato torna-se difícil, uma vez que todo o procedimento no tocante aos estudos e aprendizado da língua, caso o vocacionado não tenha o domínio da mesma, é feito fora do Brasil, em Jordanville (norte do estado de Nova York). No Brasil ainda não foi criado um seminário mantido por essa instituição”. (LOIACONO. 2005, p.129)

Se a Igreja quer se apresentar como uma nova opção de Doutrina para arrebanhar brasileiros, deve iniciar-se em um pensamento de descentralização, criando Institutos Teológicos nos grandes centros brasileiros nos moldes do de Jordanville, aproveitando clérigos residentes tanto no Brasil como em outros países da América Latina que tenham conhecimento dos fundamentos da Doutrina, bem como maior familiaridade com a cultura e o pensamento religioso brasileiro na atualidade.

Existe a consciência dos entraves que dificultam o movimento desses planos, entraves que se originam como já explicado, na situação financeira da própria Igreja, que pelo reduzido número de fiéis não possui erário suficiente para dar início a empreitada da missão. O “abrir das portas” a brasileiros é visto como alternativa para as mudanças que poderão manter viva a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio tanto em São Paulo como no Brasil. E esse “abrir das portas” implica em mostrar o aspecto doutrinário dessa denominação ortodoxa, em especial através dos meios de comunicação (Jornais, Revistas, Rádio e TV) como tantas outras denominações religiosas já tem feito.

Finalizando essa parte conclusiva, cabe aqui duas passagens do Cardeal Dom Aluisio Lorscheider, retiradas da Revista Mundo e Missão em seu número 18 dos meses de Novembro e Dezembro de 1996:

“A medida que anunciamos o Evangelho, importa crescer em santidade. O mundo quer evangelizadores que lhe falem de um Deus que conhecem e lhes seja de tal modo familiar como se vissem o invisível. (...) Hoje, em nosso Brasil as comunidades cristãs devem primar pelo testemunho da palavra e da vida, abrir-se sempre mais ao mundo circunstante em missão de serviço, diálogo e anúncio. Responderemos assim ao desejo ardente de Jesus: “Vim trazer o fogo a terra e o que quero senão que ele abraze todos os corações” (Lc 12, 49) (LORSCHIEDER, 1996, p.40)

Aliando a idéia transmitida pelos sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio ao pensamento de Lorscheider, vislumbra-se que o Testemunho da Palavra pode muito bem ser transmitido por essa denominação aos brasileiros, que sempre demonstraram, inclusive no campo religioso estarem abertos ao novo, e essa Igreja apesar da sua tradição que remonta em muitos aspectos ao primitivismo cristão é, ainda algo bastante novo para esse país também novo. Esse caminho pode evitar o desaparecimento desse ramo da Igreja Ortodoxa, embora com o risco de perder sua identidade étnica. Afinal, como as demais Igrejas Cristãs ela é historicamente marcada pela busca da universalidade ainda que constantemente cercada pelo étnico.

Referências Bibliográficas

ALBERIGO, Giuseppe (org.). História dos Concílios Ecumênicos. São Paulo: Paulus, 1995.

ARBEX, Pedro. A Divina Liturgia Explicada e Meditada. Aparecida-SP: Santuário, 1988.

_____. Teologia Orante na Liturgia do Oriente. São Paulo: Ave Maria, 1998.

ATTWATER, Donald. Dicionário de Santos. 2. ed. São Paulo: Art Editora Ltda. 1991.

BARTH, Frederick. Grupos Étnicos e suas Fronteiras in **POUTIGNAT**, Philippe e **STREIFF – FENART**, Joceline. 2 ed. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.

BRAGANÇA SOARES, Joshuah. Prática dos Sacramentos no Ritual Bizantino in Revista Mundo e Missão – 89, Janeiro - Fevereiro de 2005. São Paulo: Editora Mundo e Missão, p.37.

_____. A Páscoa Russa, primavera da esperança in Revista Mundo e Missão – 90, Março de 2005. São Paulo: Editora Mundo e Missão, p. 36-37.

BEHR – SIGEL, Elizabeth. Oração e Santidade na Igreja Russa. São Paulo: Paulinas, 1993.

BORGES PEREIRA, João Baptista. Italianos no Mundo Rural Paulista. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____ .Identidade Protestante no Brasil Ontem e Hoje. In **BIANCO**, Gloecir e **NICOLINI**, Marcos (orgs.).Religião: Identidade, Sociedade e Espiritualidade. São Paulo: All Print, 2005.

CHEVALIER, Jean e **GEERBRANT**, Alain. Dicionário de Símbolos. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.

CHRISÒSTOMO, João. (Tradução: Reverendo Arcipreste George Petrenko). Divino Ofício da Santa Liturgia. 2 ed. São Paulo: Copiadora Guanabara S/C Ltda. 1997.

DESROCHE, Henri. O Homem e Suas Religiões – Ciências Humanas e Experiências Religiosas. São Paulo: Paulinas, 1985.

DONADEO, Maria. Os Ícones – Imagens do Invisível. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____ Ícones da Mãe de Deus. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____ Ícones de Cristo e dos Santos. São Paulo: paulinas, 1996.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares de Vida Religiosa. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. Lisboa: Edições Livros do Brasil, s/d.

EVDOKIMOV, Paul. O Sacramento do Amor. São Paulo: Paulinas, 1989.

FILARET. Escogemos La Vida. Editorial de la Agencia de Prensa Nóvosti: Moscú, 1987.

FORTE. Bruno. Maria, A Mulher Ícone do Mistério. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCO JR., Hilário e **OLIVEIRA ANDRADE FILHO**, Ruy de. O Império Bizantino. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRANGIOTTI, Roque. História das Heresias (Séculos I – VII) – Conflitos Ideológicos dentro do Cristianismo. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

GIORDANI, Mario Curtis. História do Império Bizantino. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

GLINKA, Luis. La Madre de Dios em Los Iconos Bizantino-Eslavos. Buenos Aires: Editorial Lúmem, 1990.

ELL HAJJ, Georges. A Igreja Ortodoxa no Mundo. Rio de Janeiro: Aurora, 1971.

JUNG, Carl Gustaf e **VON FRANZ**, Marie Louise. 5 ed. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KARENIN, Jerzy Berkman. Doutrina Cristã Ortodoxa. São Paulo: Santa Igreja Ortodoxa do Brasil, 1957.

KALA, Thomas. Meditações sobre os ícones. São Paulo: Paulus, 1995.

KATHLAB, Roberto. As Igrejas Orientais Católicas e Ortodoxas – Tradições Vivas. São Paulo: Ave Maria, 1997.

KNOWLES, David e **OBOLENSKY**, Dimitry. Nova História da Igreja Vol. II – A Idade Média. São Paulo: Vozes, 1974.

LIMA MIRA, João Manoel. A Evangelização do Negro no Período Colonial. São Paulo: Loyola, 1983.

LOIACONO, Mauricio: A Igreja Ortodoxa no Brasil in Revista USP 67 – Religiosidade no Brasil, São Paulo: CCS - USP, 2005, p. 116 - 131.

_____ Theotokos – O Culto da Virgem Maria na Igreja Ortodoxa in **DA CAMINO**, Rizzardo. A Senhora da Conceição Aparecida – Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro: Aurora, 1996, p. 140 – 175.

_____ Cristo nas Estepes Eslavas, in Revés do Averso. São Paulo: CEPE, 1995, p. 18-24.

_____ João Crisóstomo – A voz da consciência bizantina, in Revista Mundo e Missão – 103. São Paulo: Editora Mundo e Missão. Setembro, 2003, p.20.

LORSCHIEDER, Aloísio. Como evangelizar? In Revista Mundo e Missão 18 – Nov/Dez. 1996. São Paulo: Editora Mundo e Missão, p. 40.

MAGALINSK, Jan. Igreja Ortodoxa Russa – Exílio e Fé em Goiânia. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira Ltda., 2005.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e **VELASQUES FILHO**, Prócoro. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MORINI, Enrico. Os Ortodoxos – O Oriente do Ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005.

MULATINHO, Heldo. A Construção de Uma Comunidade Utópica no Oeste Paulista. Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira, USP, 1976 (inérita)

OLIVEIRA, Marco Davi de. A religião mais negra do Brasil – Por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo, Mundo Cristão, s/d.

PETRENKO, Vladimir. Mensagem do Concílio de Arcebispos da Igreja Ortodoxa Russa, Fora da Rússia, ao Seu Rebanho Amante de Deus (15-19/05/2006) In Jornal da Paróquia São Sérgio – 54 - Junho. São Paulo: 2006 p.03 – 05)

ROPS, Daniel. A Igreja das Catedrais e das Cruzadas. São Paulo: Quadrante, 1993.

RICE, David Talbot. Os Bizantinos. Lisboa: Editorial Verbo, 1970.

RUNCIMAN, Steven. A Civilização Bizantina. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____ A Teocracia Bizantina. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

SABATELLI, Mihail (org.).A Divina Liturgia no Rito Bizantino Eslovo – Pequeno Missal Bizantino. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1995.

SARTORIUS, Bernard. A Igreja Ortodoxa. Lisboa: Editorial Verbo, 1982.

SCHNAIDERMAN, Boris. “Glasnost e Memória Cultural” in Revista USP – 10. São Paulo: CCS – USP, Junho – Julho – Agosto, 1991. p. 06

YEVTIKHIY. A respeito da tão almejada restauração da unidade da Igreja Russa. In Jornal da Paróquia de São Sérgio – 53 – Março. São Paulo: 2006, p.06.

WOODWARD, Kenneth L. A Fábrica de Santos. São Paulo: Siciliano. 1992.

Anexos

Ordem dos Anexos Elencados:

- Fotos externas e internas da Paróquia de São Sérgio de Radonej localizada no Bairro de Moema-SP. Essas imagens vem acompanhadas de uma breve explicação a respeito desse templo pertencente a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio.
- Da obra de Marco Davi de Oliveira, *A religião mais negra do Brasil – Por que mais de oito milhões de negros são pentecostais*, publicada pela editora Mundo Cristão-SP s/d, extraiu-se o censo demográfico 2000 (IBGE) da população residente, por cor ou raça, segundo a religião-Brasil onde figuram os ortodoxos em âmbito geral.
- Matéria publicada em 1º de Dezembro de 2006 no jornal A Folha de São Paulo a respeito da visita do Papa Bento XVI a Turquia. O artigo destacado faz referências as declarações do atual Bispo de Roma e do Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Dom Bartolomeu I no que toca a ausência de liberdade religiosa naquele país de maioria religiosa islâmica.
- Do livro organizado pelo padre Mihail Sabatelli, sdb, *A Divina Liturgia no Rito Bizantino-Eslavo*, publicação conjunta pela Eparquia Greco-Melquita de São Paulo e as Escolas Salesianas-SP em 1994, foi dado destaque a parte introdutória dessa obra que contém explicações completas a respeito do Rito Bizantino, usado também pela Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa, Fora da Rússia, além de informações sobre os objetos sagrados e utensílios litúrgicos usados nas missas.
- Breve trabalho elaborado por John Brady, com tradução de Felipe Ortiz sobre a importância da prática do Jejum na Igreja Ortodoxa. Costume esse ainda observado com extremo rigor pela Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio.

- Reprodução na íntegra dos números 53 e 54 dos meses de Maio e Junho de 2006 do Jornal da Paróquia de São Sérgio. O referido boletim é dirigido pelo padre Vladimir Petrenko, responsável pela paróquia e nos números apontados estão matérias correlatas a tentativa de reintegração da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa Fora das Fronteiras ao Patriarcado de Moscou.
- Artigo de nossa autoria sobre São João Crisóstomo sob o título, *João Crisóstomo – A voz da consciência bizantina*, publicada no número 105 da *Revista Mundo e Missão*, publicada em Setembro de 2006 pela editora Mundo e Missão-SP. A inclusão desse artigo deveu-se ao fato de demonstrar um pouco a respeito da vida desse que foi um dos maiores doutores da Igreja Oriental, e também autor da Divina Liturgia, cantada nas missas das Igrejas Ortodoxas de Rito Bizantino e, que por algumas vezes mereceu citações durante o desenvolvimento do texto.



Vista frontal da Paróquia de São Sérgio de Radonej, pertencente à Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio, localizada a Rua Gaivota, 898 no Bairro de Moema, região sul do Município de São Paulo.



Torre da Igreja encimada pelas cruzes de Santo André. O estilo das torres, bem como este modelo de cruz, são elementos constantes na arquitetura dos templos russo-ortodoxos.



Visão parcial do interior da Igreja de São Sérgio, destacando a iconostase ao fundo do templo que, separa os fiéis do altar onde ocorrem às celebrações.



Detalhe da iconostase, onde se destaca o Ícone do Cristo Pantocrator que, pode conforme demonstrado ter a sua direita um anjo. O Ícone do Pantocrator, via de regra está sempre do lado direito da porta real da iconostase.



Outra visão da iconostase na qual podem ser notadas ao centro as portas reais, nas quais só se permite transito do sacerdote e as demais autoridades superiores na hierarquia do clero ortodoxo. Diáconos, leitores entre outras ordens menores na Igreja Ortodoxa, devem entrar e sair pelas portas laterais.



Detalhe das portas reais na iconostase.

Korugvy de Nossa Senhora e do Cristo Pantocrator. Espécie de estandartes usados nas procissões que os fiéis fazem ao redor do templo em grandes festividades. Peça fundamental na procissão que ocorre nas Festas da Páscoa.



Korugvy da Mãe de Deus



Korugvy do Cristo Pantocrator



Vista parcial do interior do templo, onde se destaca a porta de acesso dos fiéis e no mezanino acima notado, está o local reservado ao coral que em canto a capela entoam os hinos, parte fundamental dos momentos litúrgicos da Igreja.

Pode também ser notada também a existência de algumas cadeiras. Elas são reservadas para os congregados mais idosos no sentido em que possam permanecer até o final do momento litúrgico, por sinal bastante demorado, uma vez que a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio não suprimiu nenhuma passagem em seu rito, a exemplo de outras denominações ortodoxas.

No mezanino acima da porta central, localiza-se o lugar do coral, parte integrante da Missa, que entoa os hinos da celebração litúrgica em canto a capela, uma vez essa denominação religiosa não permitir o uso de nenhum instrumento musical em suas celebrações.



Parede lateral do templo, onde podem ser observadas algumas “cópias” de ícones, parte integrante da Liturgia Bizantina, a qual foi adotada pela Igreja Ortodoxa Russa. Explica-se que atualmente muitos poucos ícones originais despontam nos templos ortodoxos dessa denominação (Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio), uma vez praticamente não existirem iconistas que possam dar continuidade a esse trabalho espiritualizado. Geralmente os escritores de ícones são monges e, com a ausência de mosteiros dessa denominação ortodoxa no Brasil, muitíssimo pouca é a produção iconográfica. Assim, pode ser afirmado que os raros ícones originais existentes nos templos, são pinturas feitas há muito tempo ou trazidas de fora, e algumas vezes por um leigo que conseguiu absorver todo o regramento exigido para esse trabalho sacro. Hoje em dia muito poucos leigos se aventuram nessa empreitada e com isso, é dificultada ainda mais a obtenção dessas imagens sagradas para as igrejas.



Mais uma parede lateral do templo onde figuram alguns ícones originais além de outras cópias.



Ícone do Cristo Pantocrator postado frente a iconostase. Em geral os fiéis osculam este ícone assim que adentram a igreja. Essa peça, geralmente é colocada para evitar que os fiéis necessitem ir até a parede da iconostase para a osculação da imagem do Senhor, porém, existem congregados que beijam essa imagem, mas, não se furtam ao direito de também oscular a que se encontra à direita das portas reais.

*Recorrendo
a história e a
compreensão
do movimento*

A religião mais negra do Brasil

Por que mais de
oito milhões de negros
são pentecostais



Marco Davi de Oliveira

**Por que mais de
oito milhões de negros
são pentecostais**



Editora Mundo Cristão
São Paulo

CENSO DEMOGRÁFICO 2000 RESULTADOS DA AMOSTRA

População residente, por cor ou raça, segundo a religião – Brasil

RELIGIÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE					
	TOTAL	Cor ou raça				
		Branca	Negra*	Amarilla	Indígena	sem declaração
Total	169.872.856	91.298.042	75.872.428	761.583	734.127	1.206.675
Católica Apostólica Romana	124.980.132	68.109.978	55.083.105	486.651	432.172	818.225
Católica Apostólica Brasileira	500.582	203.523	288.288	1.634	4.356	2.781
Católica Ortodoxa	38.060	28.375	9.269	142	75	200
Evangélicas	26.184.941	13.837.745	11.951.347	64.088	146.850	184.911
Evangélicas de missão	6.939.795	4.247.906	2.581.646	22.528	45.644	42.040
Igreja Evangélica Luterana	1.062.145	1.017.999	38.929	1.013	607	3.598
Igreja Evangélica Presbiteriana	881.064	646.547	318.102	7.418	5.500	5.396
Igreja Evangélica Metodista	340.963	211.868	122.890	2.919	1.326	1.929
Igreja Evangélica Batista	3.162.691	1.630.495	1.474.234	7.584	30.413	19.964
Igreja Evangélica Congregacional	148.836	90.129	56.973	184	412	1.137
Igreja Evangélica Adventista	1.209.842	623.965	586.071	2.689	7.215	9.901
Outras igrejas evangélicas de missão	34.224	26.874	6.446	721	70	113
Evangélicas de origem pentecostal	17.617.307	8.690.031	8.676.997	32.346	67.668	129.366
Igreja Assembleia de Deus	8.416.140	3.699.014	4.591.531	13.381	48.295	65.919
Igreja Congregação Cristã no Brasil	2.489.113	1.563.363	886.938	4.006	7.499	17.247
Igreja Brasil para Cristo	175.618	102.740	70.671	408	572	1.277
Igreja Evangelho Quadrangular	1.318.865	764.337	538.531	2.457	5.019	8.461
Igreja Universal do Reino de Deus	2.101.887	978.367	1.094.492	4.458	8.961	15.588
Igreja Casa da Bênção	128.676	54.795	72.021	266	654	940
Igreja Deus é Amor	774.630	336.791	425.176	1.100	6.019	5.743
Igreja Maranata	277.342	145.912	128.402	369	1.202	1.457
Igreja Nova Vida	82.315	51.965	38.818	132	198	602
Outras igrejas de origem pentecostal	1.840.581	994.027	819.404	5.769	9.249	12.132
Sem vínculo institucional	1.046.467	592.429	431.719	5.054	8.159	9.125
Evangélicos	710.227	427.780	296.364	3.953	5.664	6.467
Evangélicos de Origem Pentecostal	336.259	164.649	185.355	1.101	2.496	2.658
Outros evangélicos	581.383	266.479	260.985	4.160	5.379	4.380
Outras cristãs	235.532	124.118	106.696	1.206	1.517	1.996
Cristãs	230.325	119.250	106.408	1.206	1.496	1.964
Outras religiosidades cristãs	5.208	4.868	288	—	20	32
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	189.645	121.193	75.625	709	908	1.209
Testemunhas de Jeová	1.104.886	598.685	491.930	3.236	3.958	7.077
Espírita	2.262.401	1.710.369	522.587	11.733	6.033	11.669
Espiritismo	25.889	17.416	8.034	121	120	199

continua

RELIGIÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE					
	TOTAL	Cor ou raça				
		Branca	Negra*	Amarela	Indígena	sem declaração
Umbanda	397 431	256 738	175 054	780	2 668	2 190
Candomblé	127 582	47 763	77 112	336	1 340	1 001
Judaísmo	86 825	81 702	2 587	43	39	454
Hinduísmo	2 905	2 904	810	36	15	19
Islã	27 239	23 988	2 994	115	24	128
Budismo	214 873	83 146	48 900	81 345	507	909
Outras religiões orientais	7 832	3 499	2 047	2 182	—	106
Novas religiões orientais	151 060	88 149	39 964	21 691	463	792
Tradições esotéricas	58 445	39 933	17 457	393	284	378
Tradições indígenas	17 088	4 470	2 610	11	9 918	79
Outras religiosidades	15 484	10 208	4 902	37	85	282
Não determinadas	357 648	192 549	144 203	2 687	13 684	4 525
Sem declaração	383 953	140 922	155 640	2 660	3 578	77 153
Sem religião	12 492 403	5 559 549	6 657 181	79 745	105 565	80 383

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

* Para efeito desta análise, consideramos negra as populações determinadas como "preta" e "parda" pelo IBGE.

Um fato interessante a ser frisado é que a Igreja Evangélica no Brasil está bem dividida entre brancos e não brancos. Enquanto os brancos somam 13.837.745 fiéis, o número de não brancos (entendendo-se como negros, amarelos, indígenas e os sem declaração) é de 12.347.196 pessoas participando ativamente dos cultos evangélicos no país. Essas estatísticas podem servir de medida para avaliar a participação não somente dos negros, mas de todos os não brancos nas lideranças das denominações evangélicas.

Papa critica a falta de liberdade religiosa

Em Istambul, Bento 16 fez menção indireta a cerceamento dos cristãos, obstáculo à adesão da Turquia à União Europeia

No penúltimo dia de viagem ao país turco, o papa ainda criticou o extermínio contra armênios, foi à mesquita e visitou museu Santa Sofia

por Redação

Uma declaração conjunta com o patriarca ortodoxo Bartolomeu Iº, Bento 16 afirmou também que o projeto de adesão à União Europeia exige o respeito à liberdade religiosa.

Foi a última mais crítica à Turquia que o papa fez desde sua chegada ao país turco em 10 de outubro. A declaração criticou o extermínio dos armênios que o governo turco deverá reconhecer para alcançar o processo de adesão à União Europeia.

Segundo a declaração, os direitos humanos devem "ser respeitados em todas as circunstâncias e em todas as situações". O papa também afirmou que a liberdade religiosa é um dos pilares da democracia e da justiça social.

O papa e o patriarca também criticaram os conflitos e conflitos no Oriente Médio, especialmente em Gaza e no Líbano. Bento 16 afirmou que a paz e a estabilidade são essenciais para o desenvolvimento econômico e social.

O papa também visitou a mesquita de Santa Sofia em Istambul, onde realizou uma oração e falou sobre a importância da liberdade religiosa para a construção de uma sociedade pacífica e justa.

Na manhã de domingo, o papa realizou uma audiência pública com os membros do clero turco e falou sobre a importância da liberdade religiosa para a construção de uma sociedade pacífica e justa.

O papa também visitou o museu de Santa Sofia em Istambul, onde realizou uma oração e falou sobre a importância da liberdade religiosa para a construção de uma sociedade pacífica e justa.

Naquele mesmo momento, Bento 16 afirmou que a liberdade religiosa é um dos pilares da democracia e da justiça social.

mento da economia e dos serviços, tratadas há quase dois séculos entre o papa e o patriarca. Não há, no entanto, um projeto de renascimento das duas igrejas a curto prazo.

Hoje, depois, o papa afirmou mais uma vez a Turquia, ao se referir indiretamente ao processo que vitimou os 250 mil a 800 mil armenios durante a genocídio entre 1915 e 1917.

Ao ser recebido por Mesut Dinc, polígrafo armênio, agradeceu "a fé e o testemunho corajoso do povo armênio, testemunhas de uma história sagrada, em meio às circunstâncias verdadeiramente trágicas, representando o século passado".

O papa visitou o túmulo de Santa Sofia, fundado cristão pelo imperador Constantino Iº por 900 anos o maior templo cristão do mundo, transformado em mesquita em 1453 e em museu em 1934.

Naquele mesmo momento, Bento 16 afirmou que a liberdade religiosa é um dos pilares da democracia e da justiça social.

dações. Um sacerdote foi preso ao tentar fazer um discurso. O local foi cercado por tropas de choque da polícia.

"Ele está tentando transformar Istanbul, novamente em Constantinopla", disse Ibrahim Karadas, dirigente local do partido nacionalista, em referência ao atual nome da cidade e sua antiga designação antes dos séculos 15 e 16.

Outros nacionalistas e grupos ultraliberais estavam atentos a Bento 16, pois sabem se ele se refere ao Santa Sofia o papa de Paulo II, em 1907, que se apressou a renomear com o nome de Aya Sofya. Mas o atual papa seguiu o exemplo de João Paulo II, que em 1979 não se apressou a renomear.

Em comparação — e foi um gesto amigável — com os papas anteriores, Bento 16 não fez as duas visitas à mesquita, Aya Sofya, nem ao túmulo de Santa Sofia.

Acompanhado por um clero local, Mustafa Cagidi, Bento 16 ficou por um minuto, depois de fazer os saques para pisar no mosaico carpete e voltar a cabeça na direção da Mecca, seguindo a tradição islâmica. Depois se retiraram silenciosamente.



O papa, seguindo a tradição, tirou saques na mesquita Azul

INTRODUÇÃO

RITO CONSTANTINOPOLITANO OU BIZANTINO

Bizantino chama-se o Rito que, derivado dos costumes litúrgicos já conhecidos em Antioquia no séc. IV, foi desenvolvendo-se em Constantinopla (Bizâncio) sob o duplice influxo das basílicas imperiais e dos mosteiros, até aparecer no século IX substancialmente igual ao rito atual.

O Rito Bizantino, do Patriarcado de Constantinopla, difundiu-se em todas as províncias eclesiásticas dependentes na origem de tal patriarcado (Anatólia, Balcãs, Ucrânia, Rússia) e, desde o século XI substituiu os ritos já existentes nos patriarcados ortodoxos de Antioquia, Alexandria e Jerusalém. Em todas estas regiões há grande uniformidade litúrgica, embora com pequenas variantes. A diferença mais sensível é a da língua e, mais ainda, da música. Língua originária do rito é o grego antigo, mas desde cedo começou a ser usada a língua georgiana e, nos países eslavos, no século XI, a língua eslava antiga ou páleo-eslavo. Mais tarde foi introduzido o uso da língua romena, árabe e outras línguas modernas.

Bizantino-eslavo é o rito usado pela Igreja patriarcal russa. O mesmo nome, porém, pode ser dado ao rito dos Ucrânicos e Rutenos em geral, embora tendo suas variantes particulares.

A Missa, entre os bizantinos, recebe o nome de *Divina Liturgia* ou simplesmente *Liturgia*. São utilizados atualmente, no Rito Bizantino, *três modelos de Liturgia*:

a) de São João Crisóstomo, cuja autoria é atribuída a este santo. É o formulário usado, na prática, durante o ano todo a não ser quando as rubricas prescrevem a celebração de outras Liturgias. Celebra-se cerca de 312 dias no decorrer do ano!

b) de São Basílio Magno. Celebra-se ao todo dez vezes durante o ano, a saber: nos cinco primeiros domingos da Grande Quaresma, na Quinta Feira Santa e no Sábado Santo; na festa de São Basílio (1º de Janeiro) e no dia que precede as festas do Natal e da Epifania. A Liturgia de São Basílio obedece ao mesmo esquema da Liturgia de São João Crisóstomo, só que possui as orações sacerdotais (que se rezam em voz baixa) muito mais desenvolvidas.

c) dos Pré-santificados. Esta Liturgia não é propriamente uma Missa, mas é um solene rito de Comunhão que se une à celebração das Vésperas. É celebrada, durante o ano (em teoria), cerca de 19 vezes, especialmente nas quartas e sextas feiras da Grande Quaresma.

Durante o ano, há cerca de 23 dias (especialmente na Grande Quaresma) que são alitúrgicos, isto é, dias em que nenhuma celebração é consentida pois a solenidade ritual e alegria espiritual da celebração pouco se coadunam com o luto espiritual e com a atitude de arrependimento e conversão.

INTERIOR DE UMA IGREJA BIZANTINA

O cristão do Ocidente, ao entrar numa igreja oriental de rito bizantino, fica logo atraído pela singularidade da mesma. Ele quase não enxergará o Altar onde se celebram os sacros ritos. O que chama logo a atenção é a separação marcante que existe entre a nave da Igreja, lugar onde ficam os fiéis, e o Santuário.

1 - A Iconostase e suas características

A parede divisória que separa o Santuário da nave da Igreja é chamada de *Iconostase* pois está recoberta de ícones. Possui três aberturas com portas para a passagem dos celebrantes e dos outros ministros. O ícone da Santa Ceia, ou da cena de Emaús, é posto bem no meio da Iconostase no alto da abertura central. No lado direito e no lado esquerdo da abertura central dominam os ícones do Salvador e da Mãe de Deus, respectivamente. Outros ícones de apóstolos, doutores, mártires e titulares da igreja, revestem os lados e o alto da Iconostase.

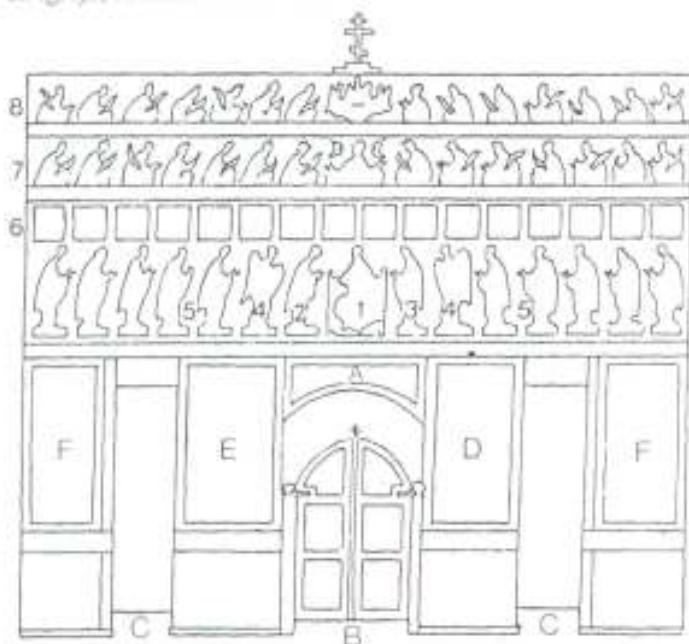


Fig. 1 - ESQUEMA DE ICONOSTASE CLÁSSICA

A - Arco de Triunfo (com ícone da Santa Ceia); B - Portas Santas (com ícones da Anunciação e dos 4 Evangelistas); C - Porta Norte e Porta Sul (com ícones de Santos Diáconos ou de Arcanjos); D - Ícone do Salvador; E - Ícone da Mãe de Deus; F - Ícones de Santos (comumente S. João Batista e o Titular da Igreja ou um Práserico particular); 1 - Cristo; 2 - Mãe de Deus; 3 - S. João Batista; 4 - Arcanjos Miguel e Gabriel; 5 - Outros Santos; 6 - Sério das grandes festas; 7 - Sério dos pequenos; 8 - Sério dos Prásericos.

Portas Santas: A abertura central da Iconostase, mais larga, possui uma porta de duas folhas, daí receber o nome de Portas Santas. Elas chegam até meia altura. Por detrás delas corre uma cortina. Nas portas santas estão representadas as cenas da Anunciação e os 4 Evangelistas, isto porque as portas centrais simbolizam a boa nova, o início da obra redentora de Cristo e o seu ensinamento, que introduz o fiel nos segredos de Deus. Pelas portas santas passam somente os celebrantes revestidos de seus paramentos durante os atos litúrgicos. Os ajudantes e demais ministros utilizam as portas laterais. As portas santas ficam abertas durante quase toda a Liturgia. É só nestes momentos que o fiel pode enxergar o Altar e o celebrante.

Porta Norte e Porta Sul: As duas aberturas laterais da Iconostase, com as respectivas portas, recebem o nome de porta Norte e porta Sul, isto porque a tradição dos tempos primitivos exigia que a igreja fosse construída de forma que o Santuário ficasse voltado para o Oriente, de onde veio a salvação, enquanto que o Norte e o Sul lhes ficariam respectivamente à esquerda e à direita. Por estas portas passam os ajudantes e demais ministros. Simbolizam as portas do paraíso terrestre, fechadas após o pecado do primeiro homem e guardadas por um anjo. Os ícones de arcanjos ou de santos diáconos (adidos ao ministério do "serviço") aparecem pintados nas portas Norte e Sul.

2 - Planta simples de uma igreja bizantina

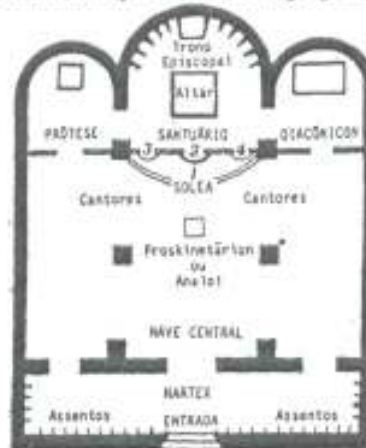


Fig.2

1 - Iconostase; 2 - Portas Santas; 3 - Porta Norte; 4 - Porta Sul.

Ícones: Tradicionalmente nas igrejas bizantinas não-se encontram estátuas esculpidas, mas muitos ícones guarnecem as paredes. Os fiéis os beijam, fazem reverências, se benzem e acendem velas. Há grande devoção aos ícones e em qualquer lar cristão do Oriente bizantino existe o cantinho sagrado reservado aos ícones da

família. O fundo dourado dos ícones simboliza a eterna felicidade dos santos: como o ouro é incorruptível, assim também a felicidade dos santos é constante e indelével.

3 - O Santuário e suas características

O Santuário é o espaço mais sagrado da igreja, onde ficam o Altar e os celebrantes. É o Sancta Sanctorum (o Santo dos Santos), o lugar inacessível aos fiéis. O nível do Santuário é um pouco mais elevado do resto da nave, por meio de alguns degraus. São os membros do clero podem entrar no Santuário. Dentro do Santuário encontramos:

Altar: O Altar Mor (do Sacrifício) situa-se no meio do Santuário, tem sua mesa quadrada e pode ser tanto de madeira como de pedra. É recoberto de uma dúlice toalha e o seu simbolismo nos faz lembrar o mesmo Cristo. O Altar é visível aos olhos dos fiéis durante quase toda a Divina Liturgia, mas nos momentos em que se fecham as portas santas e a cortina, ele fica oculto.

Prótese: À esquerda de quem olha o Altar, está a Prótese, pequeno Altar (da Proposição) destinado à preparação das oblatas durante o rito da proscómida, e à consumação das Espécies eucarísticas, depois da Liturgia.

Diaconicon: À direita de quem olha o Altar mor fica o diaconicon, lugar reservado para a paramentação dos ministros (= sacristia).

Trono e Assentos: No fundo da ábside central está, em lugar um pouco elevado, o Trono episcopal (ano-cátedra) e dum lado e do outro do trono, no nível do chão, estão os assentos para o clero concelebrante.

OBJETOS SAGRADOS E OUTROS UTENSÍLIOS LITÚRGICOS

Sobre o Altar:



Artofóron: É o sacrário onde se conserva o S. S. Sacramento exclusivamente para a comunhão dos enfermos e para a comunhão dos fiéis dentro da celebração da "Liturgia dos Prê-santificados". O artofóron tem sempre forma de urna ou de arca; por vezes tem forma de uma pomba, suspensa sobre o Altar por meio de uma corrente.

Antiménsion e Iletón: O Iletón é um retângulo de seda vermelha que corresponde ao Corporal do Rito Romano. Em cima do Iletón se coloca o Antiménsion que é também um pano de seda ou linho das mesmas proporções do Iletón. O Antiménsion tem estampada em toda a sua superfície a cena da Descida da Cruz ou a Deposição no túmulo. Aparecem também outras figuras de Profetas, Evangelistas, Apóstolos, etc. A Mãe de Deus está sempre presente na cena da Descida da Cruz ou da Deposi-

ção. No verso do Antiménsion está cosido um saquinho que contém reliquias de santos. Destinado na antiguidade a servir de "Altar portátil", o Antiménsion hoje fica sempre sobre os Altares, mesmo os consagrados.



Evangelário: É o livro dos Evangelhos para uso litúrgico, em geral de confecção nobre e artística. Fica dia e noite sobre o Altar em cima do Antiménsion e do ileton dobrados.



Cruz para bênçãos: Costuma permanecer sempre sobre o Altar, deitada, ao lado do Evangelário. Em geral é de metal precioso, mas pode ser também de madeira. A haste vertical possui um cabo para segurar a cruz na mão. É usada na Liturgia e em outros ofícios divinos para abençoar o povo.



Ripidia: São dois leques ou flabelos de cabo comprido e que levam pintada a cabeça de um Serafim de seis asas. Durante a Oração Eucarística o Diácono agita lentamente o ripidion sobre as oblatas consagradas, querendo com isso significar o bater das asas das legiões angélicas que "concelebram" com o Sacerdote, e a ação do Espírito Santo.

Atrás do Altar:



Crucifixo: Sustentado por um pedestal está uma grande Cruz com a imagem pintada do Crucificado. Os Russos acrescentam sempre o ícone da Mãe de Deus, também sustentada por um pedestal.

Candelabro: Diversamente de outras igrejas bizantinas, os eslavos costumam colocar, em lugar dos castiçais convencionais sobre o Altar, um grande candelabro de pedestal, atrás do Altar, com sete lamparinas alimentadas por azeite de oliveira.



Fig. 1 - ALTAR BIZANTINO
 1 - Mesa do Altar; 2 - Cruz flutuante; 3 - Candelabro; 4 - Evangelário; 5 - Cruz usada para bênção; 6 - Arquiéscara; 7 - Candelabro para comunhão dos doentes; 8 - Antirrótios e flechas

Sobre a Prótese:



Cálice: Destinado a conter o precioso Sangue de Cristo e, para comunhão dos fiéis, também as partículas de Pão consagrado. A copa do cálice deve ser grande e profunda, e a base sólida.



Disco: É uma patena ampla e possui uma beirada alta; entre os eslavos é comum que o Disco tenha um pequeno pedestal. O Disco é destinado a conter o Cordeiro (pão eucarístico) e as partículas de pão para as comemorações (cfr. o Rito da proskomidia na 1ª parte da Liturgia).



Asterisco ou Estrela: É composta de duas lâminas metálicas semi-circulares, unidas no meio por um parafuso sobre o qual está uma cruzinha e do qual pende uma estrelinha que nos lembra a estrela que guiou os Reis Magos até a gruta de Belém. O asterisco serve para preservar as partículas do contato com o véu que recobre o Disco.



Véus: São três: dois menores servem para recobrir o cálice e o Disco. O grande véu, chamado *áer* cobre tanto o cálice como o Disco. Simboliza, o *áer*, a pedra que fechou o sepulcro de Jesus.



Lança: É uma pequena faca em forma de lança e serve para recortar o pão oferecido e as partículas necessárias para o sacrifício. Simboliza a lança que transpassou o lado de Jesus.



Colher: Uma pequena colher, cujo cabo comprido termina em forma de cruzinha, é usada para distribuir a comunhão aos fiéis. Simboliza a *tonaz* com que o Serafim pegou o carvão ardente e tocou os lábios do profeta Isaias (6,6). O carvão ardente, para os Orientais, é uma figura que designa a partícula consagrada.



Esponja: É um pequeno triângulo de esponja prensada. Serve para reunir as partículas consagradas e tombá-las dentro do cálice. Serve também para purificar o Disco e as mãos do celebrante de qualquer fragmento de pão. Este acessório simboliza a esponja com a qual deram de beber ao Cristo na Cruz.



Prósfora: É o pão eucarístico utilizado na Liturgia. Conforme o antiquíssimo costume oriental o pão da Eucaristia é fermentado e não ázimo como na tradição ocidental. A prósfora traz impresso na sua parte superior um selo quadrado onde está inscrita uma cruz com as abreviaturas gregas IC XC NIKA (= Jesus Cristo Vence). A parte delimitada por esta impressão, cortada durante o rito da preparação (Proskomídia), é colocada no Disco na forma de um cubo. Recebe então o nome de Cordeiro: este é o pão que virá consagrado durante a Liturgia. Corresponde à hóstia da Missa latina. Outras quatro prósforas são utilizadas para extrair delas umas particulas em memória da Virgem Mãe de Deus, dos Santos, dos Vivos e dos Mortos. O pão que sobrar é cortado em pedaços e, após ter sido abençoado (não consagrado) será distribuído no fim da Liturgia sob o nome de antídoron.



Zéon ou Teplotá: Água quente que, ainda fervendo, será derramada no cálice após a fração do pão enquanto o Sacerdote pronuncia as palavras: "Fervor da fé cheia do Espírito Santo". Por extensão, também o recipiente que contém o zéon recebe o mesmo nome.

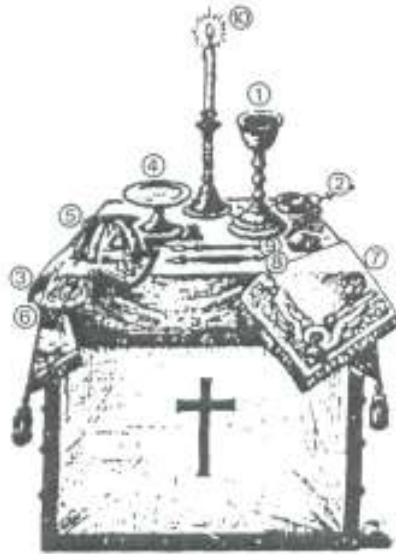


Fig. 4 - MESA DA PRÓTESE

1 - Cálice; 2 - Zéon ou Teplotá; 3 - Vela para cobrir o cálice; 4 - Disco; 5 - Asterisco; 6 - Vela para cobrir o Disco; 7 - Grande vela ou "lar" para cobrir, ao mesmo tempo, cálice e Disco; 8 - Lança; 9 - Colher; 10 - Vela



Ortodoxia Brasil

Menu

- Quem Somos
- Notícias
- Fé Ortodoxa
- Geografia
- Ícones
- Apologética
- Oração e Espiritualidade
- Escritos dos Santos
- Ofícios e Liturgia
- Teologia
- Práticas de Vida Ortodoxa
- Paróquias no Brasil
- Fórum
- Links

Parceiros



Journal Pravda

A REGRA DO JEJUM NA IGREJA ORTODOXA

por John Brady

Tradução de Felipe Ortiz



São Serafim de Sarov

O ensinamento tradicional da Igreja sobre o jejum não é amplamente conhecido ou obedecido em nossos dias. Para os cristãos ortodoxos que estão procurando guardar um jejum mais disciplinado, as informações seguintes podem ser úteis.

Embora as regras possam parecer bastante estritas para aqueles que nunca as viram antes, elas sempre foram entendidas como vigentes para todos os cristãos ortodoxos, e não apenas para os monges. Embora poucos leigos sejam capazes de guardar a regra em sua plenitude, parece melhor apresentá-la evitando julgar qual é o nível "apropriado" para os leigos, uma vez que esse assunto é melhor tratado levando em conta a disposição de cada cristão, sob a direção de seus pais espirituais.

Há muitas exceções às regras gerais dadas aqui, como por exemplo quando o dia de uma grande festa, ou da festa do padroeiro da paróquia, cai durante um período de jejum. Consulte seu padre e o calendário de sua paróquia para maiores detalhes. A St. John of Kronstadt Press (Editora São João de Kronstadt) publica calendários murais e de bolso que indicam a regra de jejum para cada dia do ano. O *Calendário de São Germano*, publicado anualmente pela St. Herman of Alaska Press (Editora São Germano do Alasca), também é um bom guia diário.

[Nota do tradutor: o calendário da St. John of Kronstadt Press segue os costumes da Igreja Russa Fora da Rússia, enquanto o de São Germano obedece ao estilo da Igreja Sérvia. Portanto, ambos se baseiam no Velho Calendário (Juliano), que não é utilizado por algumas comunidades ortodoxas. Antes de decidir comprar algum deles através da Internet, verifique se a sua comunidade usa o Calendário Velho ou o Novo. Neste último caso, você precisará de algum outro calendário. Atente também para o fato de que esses calendários são feitos nos EUA e, portanto, estão em inglês.]

Períodos em que não se jejua

Todos os alimentos são puros para o cristão. Quando não está prescrito nenhum jejum, não há alimentos proibidos.

Jejum semanal

A menos que se esteja num período livre de jejum, os cristãos ortodoxos devem observar um jejum estrito todas as quartas e sextas-feiras. Evitam-se os seguintes alimentos:
Carne, incluindo aves, e quaisquer derivados da carne, tais como toucinho e caldo de carne.
Peixe, e isto quer dizer: peixes com espinha dorsal. Mariscos são permitidos.
Ovos e laticínios (leite, manteiga, queijo etc.)
Azeite de oliva. Uma interpretação literal da regra proíbe o azeite de oliva apenas. Especialmente onde o azeite de oliva não é um dos componentes principais da dieta, a regra é às vezes entendida como incluindo todos os óleos vegetais, bem como os derivados do óleo – por exemplo: a margarina.
Vinho e outras bebidas alcoólicas. Na tradição eslava, a cerveja freqüentemente é permitida em dias de jejum.

Quanto?

É triste dizer que não é difícil guardar a regra do jejum na sua letra e, ainda assim, recair na gula. Ao jejuarmos, devemos comer simples e moderadamente. Os monges comem apenas uma refeição completa em dias de jejum estrito, e duas refeições em "dias de vinho e azeite" (veja abaixo). Geralmente os leigos não são encorajados a limitar suas refeições desse modo: consulte seu padre.

Exceções

A Igreja sempre isentou do jejum estrito as crianças pequenas, os doentes, os muito velhos, as grávidas e as mães lactantes. Enquanto os membros desses grupos não devem restringir seriamente a quantidade que comem, nenhum dano lhes advirá por passarem dois dias da semana sem alguns alimentos, simplesmente comendo o bastante dos alimentos permitidos. Exceções ao jejum baseadas em necessidades médicas (como o diabetes, por exemplo) sempre são permitidas.

Jejum Eucarístico

Para que o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor possam ser a primeira coisa a passar por nossos lábios no dia da Comunhão, nós nos abstermos de toda comida e bebida desde a hora em que nos deltamos (ou desde a meia-noite, o que vier primeiro) na véspera. Os casais devem se abster de relações sexuais na noite que antecede a Comunhão.

Quando a Comunhão é vespertina, como nas Liturgias Pré-Santificadas da Quaresma, esse jejum deve, se possível, estender-se ao longo do dia até depois da comunhão. As vezes, para aqueles que não conseguem manter essa disciplina, prescreve-se um jejum total começando ao meio-dia.

O Jejum da Quaresma

A Grande Quaresma é a mais longa e estrita temporada de jejum do ano:

Semana que Antecede a Quaresma ("Semana da Tirofagia")

A carne e seus derivados são proibidos, mas os ovos e os laticínios são permitidos, mesmo na quarta e na sexta-feira.

Primeira Semana da Quaresma: comem-se apenas duas refeições completas durante os primeiros cinco dias, uma na quarta e outra na sexta-feira, após a Liturgia Pré-Santificada. Não se come nada desde a manhã de segunda-feira até o anoitecer de quarta-feira – o mais longo período sem alimentos no ano eclesialístico. (Poucos leigos guardam essas regras na sua plenitude.) Para as refeições da quarta e da sexta-feira, bem como para todos os dias de semana na Quaresma, a carne e seus derivados, o peixe, os laticínios, o vinho e o óleo são evitados. No Sábado da primeira semana começa a regra costumeira para os Sábados quaresmais (veja abaixo).

Dias de Semana, da Segunda até a Sexta Semanas: A regra do jejum estrito é guardada todos os dias: evitam-se a carne e seus derivados, o peixe, os ovos, os laticínios, o vinho e o óleo.

Sábados e Domingos, da Segunda até a Sexta Semanas: Permite-se o vinho e o óleo;

Se você foi recém-apresentado ao jejum, você pode considerar aflitivo o assalto de pontadas de fome. Pontadas de fome não são prejudiciais; elas simplesmente fazem parte do jejum.

Os primeiros poucos dias de um longo período de jejum freqüentemente são os mais difíceis. Não se deixe desencorajar por dores de cabeça, fadiga etc. no começo de uma temporada de jejum – elas desaparecerão ou sua intensidade se reduzirá. Se você for atormentado pela letargia, experimente alguns exercícios moderados. Uma breve caminhada pode fazer uma surpreendente diferença na sua energia.

Na mercearia

Leia as listas de ingredientes de alimentos industrializados e embalados. Manteiga, laticínios sólidos, soro de leite, caldo de carne e tocinho são aditivos comuns.

Se você está confuso por não saber o que cozinhar durante o jejum, consulte qualquer um dos muitos livros de receitas vegetarianas agora disponíveis em livrarias ou na sua biblioteca pública. Vários bons "livros de receitas quaresmais" estão em catálogo.

As regras dadas aqui são, é claro, apenas uma parte – a parte mais externa – de um verdadeiro jejum, que incluirá orações adicionais e outras disciplinas espirituais, e pode incluir a resolução de pôr de lado outros aspectos da sua vida diária (tais como café ou televisão), ou de se empenhar em práticas tais como visitar doentes.

Obviamente, muitos ortodoxos não guardam a regra tradicional. Se você adotá-la, cuidado com o orgulho. Não preste atenção ao jejum de mais ninguém; só do seu. Como diz um monge, nós precisamos "manter os nossos olhos nos nossos próprios pratos".

Não substitua a regra que a Igreja nos deu pela noção de "decidir do que você vai se abster durante a Quaresma". Em primeiro lugar, guarde a regra de jejum da Igreja; e depois decida a respeito de disciplinas adicionais, consultando seu padre.

Sempre se aconselha que jejuemos de acordo com nossas forças, e você pode descobrir com a experiência que você precisa modificar a regra de jejum para ajustá-la a suas próprias forças e situação. Mas não pressuponha antecipadamente que a regra é muito difícil para você. O Senhor é nossa força, e pode nos sustentar de modos maravilhosos e imprevistos.

Aqueles que tentam guardar o jejum tradicional da Igreja descobrirão que, embora as tentações do orgulho e do legalismo sejam reais, os benefícios espirituais são grandes. Uma volta a um jejum mais diligente poderia desempenhar um grande papel na renovação espiritual de nossas igrejas ortodoxas.

Ditos Sobre o Jejum

Madre Gabriela, de bendita memória, passou muito tempo viajando a serviço do Cristo para lugares que a separavam da vida litúrgica diária da Igreja. Especialmente durante esses períodos, foi-lhe vantajoso o conselho de seu pai espiritual, o Arquimandrita Lázaro (Moore): 'O jejum é uma de nossas maiores armas contra o Maligno. Eu vou repetir o que o Padre Lázaro me disse uma vez. Em 1962, eu fui para os EUA. Ali fiquei por muito tempo e viajei por muitos Estados. As cartas do Padre Lázaro me foram de grande ajuda... Ele costumava dizer: "Vá aonde quiser e faça o que quiser, desde que você observe o Jejum"... Porque nem uma única flecha do Maligno pode atingi-lo quando você jejua. Jamais.'

-- *A Asceta do Amor*, biografia da Madre Gabriela publicada na Coleção Talento, pág. 200.

São Serafim de Sarov sobre o Jejum: 'Uma vez, veio ao encontro dele uma mãe que estava preocupada em como arranjar o melhor casamento possível para sua jovem filha. Quando ela se dirigiu a São Serafim em busca de conselho, ele lhe disse: "Antes de mais nada, assegure-se de que aquele a quem sua filha escolher para companheiro pela vida inteira guarda os jejuns. Se ele não os guarda, então ele não é um cristão, seja lá o que quer que ele pense de si próprio."'

-- De um sermão do Metropolita Filareto, citado em *A Escada da Ascensão Divina*, publicado pelo Mosteiro da Santíssima Trindade, pág. xxxiii.

Jornal da Paróquia de São Sérgio



Ano 05 - N.º 53 - Maio de 2006 - Direção: Rev. Vladimir Petrenko. Tel.: 11 - 5054-2575
Espaço do Leitor (Sugestões, Críticas, Informações): e-mail: rvp@uol.com.br. Distribuição Interna

**CRISTO RESSUSCITOU!
EM VERDADE RESSUSCITOU!**



Queridos paroquianos, irmãos e irmãs em Cristo!

Nestes dias santificados de eterna alegria da Páscoa do Senhor, parableno-vos com a Festa das festas. Que a alegria resplandescnte da Ressurreição de Cristo permaneça convosco para sempre e através de vós se derrame a todos vossos amigos e parentes.

CALENDÁRIO RELIGIOSO PARA O MÊS DE ABRIL/MAIO

20/4	5ª-feira	9:00hs 18:00hs	Quinta-feira Santa – Instituição da Eucaristia Divina Liturgia de São Basílio com vespéral Grande matinal com a leitura dos 12 Evangelhos
21/4	6ª-feira	14:00hs 18:00hs	Grande Vespéral com a Apresentação do Santo Sudário Grande Matinal e procissão com o Santo Sudário
22/4	Sábado	8:00hs 18:00hs 23:30hs	Sábado de Aleluia Divina Liturgia de São Basílio com vespéral <i>Bênção das "páscoas" e ovos (das 18 às 20:00hs)</i> Ofício das Orações da Meia Noite
23/4	Domingo	0:00hs	RESSUREIÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO - PÁSCOA Matinal de Páscoa e Divina Liturgia
24/4	2ª-feira	9:00hs	2º dia de Páscoa Divina Liturgia
29/4	Sábado	17:30hs	Grande vigília com bênção de pães
30/4	Domingo	9:30hs	2º Domingo após a Páscoa Domingo de São Tomé Divina Liturgia e distribuição do "Artos" (pão Pascal)
02	3ª-feira	9:00hs 14:00hs	"Radonitsa" – Lembrança dos falecidos Divina Liturgia e missa pelos falecidos Visita ao cemitério Campo Grande
06	Sábado	9:00hs 17:30hs	São Jorge Megalomártir Divina Liturgia na igreja da Vila Alpina Vigília
07	Domingo	9:30hs	3º Domingo após a Páscoa Santas Mulheres Miróforas Divina Liturgia
14	Domingo	10:00hs	4º Domingo após a Páscoa Domingo do paralítico Não haverá Liturgia, mas "Obednitsa"
21	Domingo	9:30hs	5º Domingo após a Páscoa Domingo da Samaritana Divina Liturgia
27	Sábado	17:30hs	Vigília
28	Domingo	9:30hs	6º Domingo após a Páscoa Domingo do cego Divina Liturgia

FELIZ DIA DAS MÃES

Neste dia 14 de maio, domingo que comemoramos o dia das mães, desejamos a todas vocês, saúde, paz espiritual, força e paciência. Que Deus continue abençoando-as e Nossa Senhora protegendo-as com Seu Manto.

Um grande beijo a todas vocês e que Deus as abençoe!

PÁSCOA – A FESTA DAS FESTAS

TROPARIO

"Cristo ressuscitou dos mortos, e com Sua morte venceu a morte,
E aos que estavam nos Sepulcros deu a Vida!"

KONDÁKION

"Desceste ao sepulcro, Ó Imortal, e destruiste a força do inferno; ressurgiste vencedor, ó Cristo Deus,
exclamando às mulheres que Te levavam perfumes: Salve! E aos apóstolos dando a paz, ó Tu que levas a
ressurreição aos caídos!"

O papel da família na salvação.

A questão da salvação — é uma pergunta fundamental na história da humanidade no todo e no destino individual de cada um. A ela (ou também na questão da felicidade) são adequadas as palavras — "foi, é e será." Tudo está resumido nesta questão e na sua realização em vida. Neste sentido a felicidade está em nossas mãos. Ela é decorrente da vitória sobre o pecado. O meio mais próximo para o combate com o pecado é antes de tudo na família e em todos aqueles que nos rodeiam. Nos olhamos para o meio, para o ambiente no qual vivemos como algo meio acidental e quase não reparamos na nossa família como um caminho, dado a nós por Deus para a salvação. A vida em família parece-nos algo do acaso e o mais importante na família escapa a nossa atenção. A família — pelas palavras do apóstolo — é uma pequena igreja. Ela pode de forma especial ajudar o ser humano a alcançar o seu mais importante objetivo na vida. Na família se procura a felicidade. Mas o que devemos entender como felicidade? As respostas para isso são nebulosas. Isto é um testemunho de que o mais importante não é extraído desta condição dada por Deus.

A vida em pecado e a correta vida espiritual — ambas ocorrem dentro do ser humano e o ambiente desta vida é o meio, com a ajuda do qual o ser humano deve voltar-se para o seu íntimo. Já foi dito, que o pecado é uma força que gera conflitos e desunião. Vamos explicar isto com um exemplo de vida. As pessoas magoaram uma a outra, se ofenderam, não queriam ceder uma a outra e machucadas se separaram. Eis aí a infelicidade. Isto mostra que devemos combater o pecado para garantir a nossa felicidade, assim como a irritação é a infelicidade em nossa vida. O ser humano é criado com o desejo de felicidade e pode aprender pela sua felicidade como lutar contra a sua infelicidade, isto é, contra o pecado no seu ambiente que lhe é mais próximo. As forças do pecado e da pureza encontram-se dentro do ser humano em aparente estado de calma. E dependendo em como nós tocamos este ser, reagem dentro dele e no mundo as forças do bem ou do mal. Nós precisamos sempre encontrar um ambiente tal, que mantivesse limpo nosso mundo interior, nos desse forças e condições de um verdadeiro conhecimento de si mesmo.

O meio ambiente em geral, como mero encontro acidental de pessoas, pouco pode ajudar. Frente as outras pessoas o ser humano esconde as suas mentiras, empurra-as para dentro e esforça-se em parecer limpinho. Ele tem vergonha daquilo o que pode ser pensado dele, tem medo da opinião pública e por isso não se expõe. Somente num ambiente costumeiro, num ambiente familiar o mal escondido no ser humano começa esvair-se para fora. Nestas condições o ambiente familiar — cria um momento indispensável para o autoconhecimento. Não é por acaso que nós temos receio de estarmos num ambiente familiar. Fugindo dele, nós nos interessamos em tudo, encontramos diversão e isso basta para fugirmos do ambiente favorável para o nosso autoconhecimento.

Por que a família parece o meio mais favorável para a salvação? Em família o ser humano inevitavelmente abre seus sentidos, enquanto perante desconhecidos ele encobre seu mundo interior. Em sociedade o ser humano controla-se, encobre a irritação, esforça-se em parecer diferente. Ele demonstra sua face externa e não a interna. Em família ele não esconde suas condições, não se envergonha de expor o seu estado em pecado em palavras ou ações. E um mundo em pecado oculto revela-se frente à família e aos mais próximos e perante ele próprio. Dessa forma, o ser humano atento à sua salvação, dentro do ambiente familiar entende mais facilmente o que há de pecado

dentro dele e o que o isola dos outros. É necessário apenas, que o conhecimento de seu mundo interior, permaneça combatendo o pecado.

Palavra do Bispo D. Yevtkhiy de Ishim e da Sibéria a respeito da tão almejada restauração da unidade da Igreja Russa

Caros Irmãos e Irmãs!

Ultimamente, cada vez mais, discute-se a questão da união do Patriarcado de Moscou e da Igreja Russa Fora da Rússia. É lamentável que entre os fiéis introduzam-se boatos contraditórios, oriundos dos meios alheios à própria Igreja ou apenas fronteiriços a ela, ambientes estes nos quais a questão é debatida de modo arrogante. Como o assunto é por demais atual e as discussões são inevitáveis, e ainda, para evitar a formação de opiniões incorretas, peço-vos considerar o seguinte:

1. A dissidência na Igreja Ortodoxa Russa aconteceu devido a declaração de lealdade ao poder Soviético pelo Metropolita Serguiy (Stragoródskiy) e não por culpa da Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia. Este ato do Metropolita Serguiy é condenável, assim como as condições que possibilitaram a assinatura da tal declaração.

2. O próximo passo da separação do Patriarcado de Moscou e da Igreja Ortodoxa Fora da Rússia, foi o não reconhecimento por parte do primeiro dos Santos Novos Mártires, contrariando deste modo as deliberações do Concílio Nacional dos anos 1917-1918.

3. A maioria esmagadora do atual Episcopado do Patriarcado de Moscou foi sagrada com explícita permissão e até por indicação direta da KGB ou do "Conselho sobre assuntos religiosos e do ateísmo" junto ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, ou seja, pela escolha das autoridades civis conhecidamente atérias. Isto coloca tal Episcopado simplesmente fora da Igreja e deixa o próprio Patriarcado numa situação duvidosa sob o ponto de vista das leis canônicas. Precisa-se de muita tolerância para poder considerar o Patriarcado como um participante da Graça Divina, nem que seja apenas condicionalmente, e assim mesmo, só por causa da existência de uma multidão de fiéis inocentes que não devem saber que os próprios guias categorizados os levam consigo para longe da Graça Divina. Eis o 30º Artigo das "Regras dos Apóstolos": "Caso um Bispo alcance o poder na Igreja por intermédio de autoridades civis – será expulso e excomungado, como assim também todos que estão em relacionamento com ele".

4. Um número ainda maior das Regras Canônicas é violado pelo Patriarcado de Moscou, em consequência da participação no movimento ecumênico e por causa da filiação ao Conselho Mundial das Igrejas (organização notadamente herege): "Regras dos Santos Apóstolos" – 45, 46, 65; do Concílio de Laodicéia – 32, 33, 37; de Timóteo Bispo de Alexandria -9. Ao serem interpeladas, as autoridades eclesiásticas do Patriarcado fazem evasivas promessas, enquanto o ecumenismo continua sendo defendido nos mais altos níveis, como foi confirmado no Sínodo dos Bispos do Patriarcado de Moscou em 1997.

5. Nos últimos tempos, ao invés de diminuírem, ampliam-se as transgressões das regras canônicas e não somente no nível pessoal, mas no âmbito geral do Patriarcado; no que se refere à riqueza e à usura. (Cânones dos Santos Apóstolos – 44; dos Concílios Universais: Primeiro – 17; Sexto – 10; Sétimo – 16; Concílio de Cartago – 5; do Gregório da Neocesária – 3)

O que nós, da Igreja Ortodoxa Russa do Exílio, devemos fazer? Não podemos concordar com deturpações de nossa fé. E o amor a Deus nos exorta a permanecer firmes na Verdade e impedir a queda do próximo. O caminho à unidade tornar-se-á viável somente através do retorno do Patriarcado aos Cânones da Igreja, à verdadeira Ortodoxia Russa, através da superação das já enumeradas transgressões. Que Deus seja nosso auxílio e proteção, e que seja feita a Sua Vontade! Amém!

Peço a todos a gentileza de não jogarem este jornal no lixo. Por haver um conteúdo religioso, além da imagem de Jesus, este exemplar deve ser guardado, queimado, ou entregue de volta à nossa igreja. Obrigado

Jornal da Paróquia de São Sérgio



Ano 05 - N.º 54 – Junho de 2006 - Direção: Rev. Vladimir Petrenko. Tel.: 11 – 5054-2575
 Espaço do Leitor (Sugestões, Críticas, Informações): e-mail: rvp@petrenko@uol.com.br. **Distribuição Interna**

Queridos proquianos, irmãos e irmãs em Cristo!

Este mês temos duas grandes festas religiosas: a Ascensão de Jesus e o dia da Santíssima Trindade ou Pentecostes. O dia que antecede Pentecostes, dia 10, é chamado de sábado de finados. Neste dia além da Liturgia será celebrada uma missa pelos falecidos. Todos nós temos amigos e parentes já falecidos, por isso convidamos a participarem e rezarem conosco por eles, pois após a morte esta é a única forma de nós expressarmos nosso amor àqueles que um dia estiveram conosco.

CALENDÁRIO RELIGIOSO PARA O MÊS DE JUNHO

31/5	4ª-feira	17:30hs	Grande vigília com bênção de pães
01	5ª-feira	9:00hs	ASCENÇÃO DE JESUS CRISTO Divina Liturgia
03	Sábado	17:30hs	Vigília
04	Domingo	9:30hs	7º Domingo após a Páscoa Santos Padres do 1º Concílio Divina Liturgia
10	Sábado	9:00hs	Finados Divina Liturgia
11	Domingo	9:00hs	SANTÍSSIMA TRINDADE – PENTECOSTES Divina Liturgia com vespéral Esta semana é livre de jejum na 4ª e 6ª.
17	Sábado	17:30hs	Vigília
18	Domingo	9:30hs	1º Domingo após Pentecostes Todos os Santos Divina Liturgia
19	2ª-feira	-----	Início do período de jejum dos Apóstolos São Pedro e São Paulo (até 11 de julho)
24	Sábado	17:30hs	Vigília
25	Domingo	9:30hs	2º Domingo após Pentecostes Todos os Santos Russos Divina Liturgia

Como muitos aqui devem saber, no começo do mês de maio tivemos em nossa Igreja Ortodoxa do Exílio dois acontecimentos muito importantes.

O primeiro foi o IV Concílio de nossa Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia e o segundo foi o Concílio dos bispos de nossa Igreja.

Ambos os acontecimentos tinham por finalidade principal a situação de nossa Igreja com relação ao Patriarcado de Moscou. Foi decidido pela maioria dos presentes, cerca de 130 pessoas, fora os bispos, que a união no presente momento é impossível, devido a irregularidades canônicas remanescentes na igreja de Moscou. Portanto nossa Igreja do Exílio continua seu curso como estava seguindo até agora. Na resolução do IV Concílio foi colocado de nossa parte algumas condições para que esta união um dia possa acontecer. Até lá nossa Igreja continua sendo dirigida primeiramente pelo Nosso Senhor Jesus Cristo, depois pelo Metropolita Lauro, que no Concílio dos bispos confirmou nossa posição.

Abaixo está a tradução da mensagem do Concílio dos bispos que ocorreu logo após o IV Concílio da Igreja Ortodoxa no Exílio.

MENSAGEM DO CONCÍLIO DE ARCEBISPOS DA IGREJA ORTODOXA RUSSA, FORA DA RÚSSIA, AO SEU REBANHO AMANTE DE DEUS (15-19/05/2006)

O concílio de Arcebispos reuniu-se na Casa do Santo Tikhon além do Don, sob a égide e bênção da Nossa Senhora de Kursk, na cidade de São Francisco, e cumprimenta seu rebanho disseminado pelo mundo, com a Santa Ressurreição do Senhor!

CRISTO RESSUSCITOU!

Amparados nas deliberações consensuais do IV Concílio de toda a Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia e exprimindo sua unânime vontade, resolvemos por determinadas etapas para alcançar a harmoniosa paz, em nossa Igreja Ortodoxa Russa.

Com a Graça divina, alcançou-se a una determinação pelo desenvolvimento paripasso da comunhão canônica e eucarística entre as várias fragmentações da Igreja Ortodoxa Russa.

As comissões que debateram com os representantes da comissão da Igreja Ortodoxa Russa do Patriarcado de Moscou puseram questões a serem impreterivelmente analisadas no próximo encontro conjunto, para a resolução das questões pendentes.

A esperança na vontade divina quanto à extinção do inevitável cisma nos inspira a, em conjunto, unir-nos em Cristo. Difícil é mensurar e quantificar o tempo e as forças gastas no enfrentamento das partes, durante os decênios da existência do governo ateuista, o qual buscava, sem êxito, aniquilar a Essência da Igreja de Cristo, na padecedora terra russa.

A força libertadora ativa, nos dirigentes e em toda a comunidade ortodoxa, deve estar determinada para a luta hercúlea contra o pecado que possuiu toda a humanidade, sem mesmo poupar as famílias cristãs.

Após a queda do totalitarismo ateuista soviético, muitos males foram causados pela oposição de indivíduos russos do mesmo credo, principalmente na educação das crianças e dos jovens. Nós, os ortodoxos, não podemos mais compactuar com o enfrentamento direto e nem mesmo partilhar, como meros observadores da dilaceração do manto de Jesus entre irmãos de sangue e fé em Cristo.

Isto se evidenciou no decorrer do IV Concílio, quando todos fomos testemunhas da atuação do Espírito Santo. O qual revelou que a unidade na Verdade e no Amor é a Vontade de Deus e que todas as atitudes humanas devem refleti-la, sujeitando-se a ela.

Não temos a intenção de idealizar a conjuntura; sem dúvida, as partes ainda possuem problemas a serem resolvidos.

Então ouçamos as palavras do Senhor: "por que olhas o que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?" (Mateus 7,3), e ajamos de acordo com os ensinamentos apostólicos:

“ajudai-vos uns aos outros a carregar vossos fardos e deste modo cumprireis a lei de Cristo” (Gal. 6,2).

Nós, os arcebispos da Igreja Ortodoxa Russa fora da Rússia, não apenas tentamos perceber e levar em conta os sentimentos de nossa comunidade, num panorama geral da vontade da maioria, mas mais ainda, devemos encontrar, no âmago da oração e do espírito, a Vontade de Deus, espelhando-nos nos Evangelhos, nos Santos Padres e nos Cânones eclesiásticos. Pela Vontade divina é que nos dedicamos a passar aos nossos queridos pastores e à comunidade os valores que devem nortear nossa passagem pela Terra, carregando a cruz de serviência a Cristo (Lucas 9,23 e Matheus 10,38).

A visão pastoral nos dita dar passos cautelosos no caminho da conciliação com a Igreja Ortodoxa Russa do Patriarcado de Moscou, para “não quebrar o caniço rachado” (Matheus 12, 20), mas a cautela, de forma alguma, significa um retrocesso ou um retardamento da pacificação desejada por Deus. Não estamos sendo guiados por prazos previamente impostos. Pretendemos efetuar, sem delongas, a união da Igreja Russa, à medida que forem tomadas decisões recíprocas favoráveis às pendências de questões restantes. Elas são conhecidas e estão precisamente formuladas. Não pretendemos incluir novos itens.

A união canônica e a decorrente união eucarística da Igreja Russa fora da Rússia e da Igreja Ortodoxa Russa do Patriarcado de Moscou são imprescindíveis, sendo a única possibilidade para a convocação do Concílio da Igreja Ortodoxa Russa, com a participação de todas as suas facções, das quais falavam nossos antecessores, os guias espirituais da Rússia, fora da Rússia. O caminho para este Concílio é o da unificação e não o das discussões polêmicas. “Com efeito, enquanto houver entre vós ciúmes e contendas, não será porque sois carnisais e procedeis de modo totalmente humano” (I Cor. 3,3)?

Assim, dirigimo-nos ao nosso querido rebanho, conclamando-o em oração – para que dispense discussões e divergências, fundindo-se na ação redentora da unidade da Igreja Russa.

Diz o Rei Salomão: “O ódio excita rixas: e o amor cobre todos os delitos” (Prov. 10, 12).

A palavra de Deus nos ensina que mudam as conjunturas: “para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento, debaixo dos céus!” (Ecl. 3,1).

O tempo das oposições passou e chegou o da aceitação.

O mundo mergulhado no mal necessita do testemunho da nossa união, mostrando que nós, fora da Rússia, somos de fato “um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados pela vossa vocação à uma só esperança. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que atua através e em todos” (Ef. 4,4-6).

E nós, arcebispos, dirigimo-nos a todos de nosso rebanho, amados em Deus, suplicando, conforme as palavras do Apóstolo: “exorto-vos, pois – prisioneiro que sou pela causa do Senhor – que leveis uma vida digna da vocação à qual fostes chamados, com toda a humildade e amabilidade, com grandeza de alma, suportando-vos mutuamente, com caridade. Sede solícitos em conservar a unidade do Espírito da Paz (Ef. 4, 1-3).

Cristo Ressuscitou!

+Lauro, Metropolita de Nova Iorque e da América do Norte, Primaz da Igreja Ortodoxa Russa no Exílio.

Arcebispos:

+ Alipii

+ Mark

+ Ilarion

+ Cirillo

Bispos:
+ *Evthi*
+ *Agafanguel*
+ *Mikhail*
+ *Daniel*
+ *Gabriel*
+ *Agupit*
+ *Pedro*
+ *Ambrósio*

4/17 maio 2006 r.
São Francisco

O Preço do Amor

Uma tarde, um menino aproximou-se de sua mãe, que preparava o jantar, e entregou-lhe uma folha de papel com algo escrito.

Depois que ela secou as mãos e tirou o avental, ela leu:

- * Cortar a grama do jardim: R\$ 3,00
- * Por limpar meu quarto esta semana: R\$ 1,00
- * Por ir ao supermercado em seu lugar: R\$ 2,00
- * Por cuidar de meu irmãozinho enquanto você ia às compras: R\$ 2,00
 - * Por tirar o lixo toda semana: R\$ 1,00
 - * Por ter um boletim com boas notas: R\$ 5,00
 - * Por limpar e varrer o quintal: R\$ 2,00
- * **TOTAL DA DÍVIDA: R\$ 16,00**

A mãe olhou o menino, que aguardava cheio de expectativa. Finalmente, ela pegou um lápis e no verso da mesma nota escreveu:

- * Por levar-te nove meses em meu ventre e dar-te a vida: NADA
- * Por tantas noites sem dormir, curar-te e orar por ti: NADA
- * Pelos problemas e pelos prantos que me causastes: NADA
- * Pelo medo e pelas preocupações que me esperam: NADA
 - * Por comidas, roupas e brinquedos: NADA
 - * Por limpar-te o nariz: NADA
- * **CUSTO TOTAL DE MEU AMOR: NADA**

Quando o menino terminou de ler o que sua mãe havia escrito tinha os olhos cheios de lágrimas.

Olhou nos olhos da mãe e disse:

- Eu te amo, mamãe!!!

Logo após, pegou um lápis e escreveu com uma letra enorme:

"TOTALMENTE PAGO".

Assim somos nós adultos, como crianças, querendo recompensa por boas ações que fazemos. É difícil entender que a melhor recompensa é o AMOR que vem de Deus. E para sorte nossa, é GRÁTIS. Basta quisermos recebê-lo em nossas vidas.

autor desconhecido

Assim como necessitamos de alimento diário para o nosso corpo, necessitamos também do alimento espiritual – a palavra de Deus. Leia o Evangelho diariamente e pratique a caridade. Que Deus os abençoe!

João Crisóstomo

A voz da consciência bizantina

(344-407)

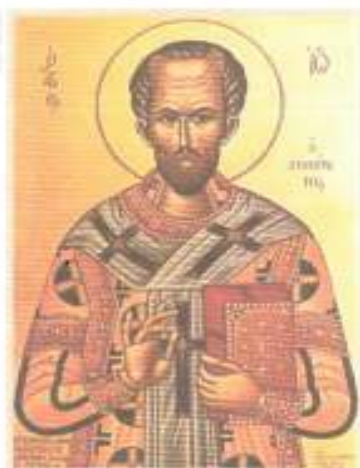
O cristianismo perde um de seus mais devotados e impulsionados pregadores em 407. Um homem que, sobrio em sua coragem, emanado nas máximas evangélicas, do púlpito de Santa Sofia ("Santa Sabedoria"), em Constantinopla, inebria os corações humildes e fastiga os dos orgulhosos.

Crisóstomo de nobre ascendência, João, posteriormente, levaria a alcunha de "Crisóstomo" (que, em grego, significa "Boca de Ouro"), pois, "em seus sermões, sua palavra brilhava como o diamante da verdade e da crítica à injustiça". Crisóstomo é também um asceta, que se horroriza com o contraste entre a abundante riqueza e a extravagância egoísta das classes superiores, na capital, e a terrível pobreza das suas favelas.

Ele foi o líder da capital do império, Constantinopla, na condição de Patriarca da Igreja, cargo que recebeu do imperador Arcádio em 398, mas a voz chega a todas as fronteiras de Bizâncio, onde pobreza e miséria se alastram sem parar.

Com a tempera de Paulo e a magnífica oratória de João Batista, Crisóstomo brada: "A mesa do Senhor é a mesma para os ricos e os pobres" (*Sermão da Ressurreição*).

A força e a beleza de sua palavra, o ouro de sua doutrina, aleitam o miserável, mas ferem os opulentos, principalmente os que comitaram impérios sobre lágrimas e sangue dos pobres. Aponta-lhes o dedo: "A exploração foi gerada por vossa insaciável cobiça... O ouro que repousa em vossas mãos pertence aos pobres" (*Sermão 22*). Como espada afiada, suas palavras lanham-lhes a arrogância, como na Homília contra Eutrópio: "Venha o rico e aprenda a grande lição! Veja como caiu dos céus a glória do homem a quem o mundo obedecia e respeitava. Que o rico faça morrer em si a arrogância, que se despoje do fausto e, depois de se ter entregue a uma sã meditação, faça sua lição da Escritura: o homem é como o feno, e a sua glória como a flor do feno. Murcham-se o feno e caem sua flor".



Inculcado pela espiritualidade, repleto de zelo pelo Senhor e com inquestionável *ethos* moral frente aos humildes, Crisóstomo não poupa a família imperial, principalmente Eudóxia, a imperatriz, criatura piedosa, mas amante da ostentação. Inicialmente, acusa-a de anexar uma propriedade pertencente, de direito, a uma viúva pobre. Reconciliam-se. Mais tarde, dirige violento sermão contra Jezabel, com os olhos fixos em Eudóxia. Jezabel, esposa idólatra do rei Acab (1Rs 19,2), é a encarnação do mal para a ortodoxia bizantina. Ai começa o calvário de Crisóstomo, para quem a corte tinha que ouvir o clero em assuntos de moral.

Estimado pelo povo, mas temido pela corte, Crisóstomo é deposto pelo imperador. Seis meses mais tarde, Arcádio exila-o. Na noite de sua partida, um incêndio destrói Santa Sofia e o Senado, bem ao lado da basílica. O ex-patriarca e seus amigos são acusados de incendiários.

Exilado em Jerusalém, o "boca de ouro" tenta manter-se em silêncio. Entretanto, o povo e os mais próximos dele não reconhecem Arsácio, o novo patriarca, designado pela corte imperial. Por intervenção de Roma, após a morte de Arsácio e da imperatriz, João deve reassumir a cadeira patriarcal em Constantinopla. Na viagem através da Ásia, com saúde debilitada, Crisóstomo quer parar em Cilício, na Armênia, para convalescer. Entretanto, o oficial responsável pelo seu retorno obriga-o a renunciar a dura viagem. O Ponto, região extremamente selvagem e montanhosa, de difícil trajeto, é seu paradeiro definitivo. Corre o ano de 407.

Seus sermões ainda são verdadeiras lições nos que pretendem proclamar o Evangelho pelo mundo. Sua palavra aquece o coração dos que vislumbram a Igreja de Cristo muito além de meras convenções sociais, mas que a encontram viva na pessoa humana, principalmente entre os excluídos.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)